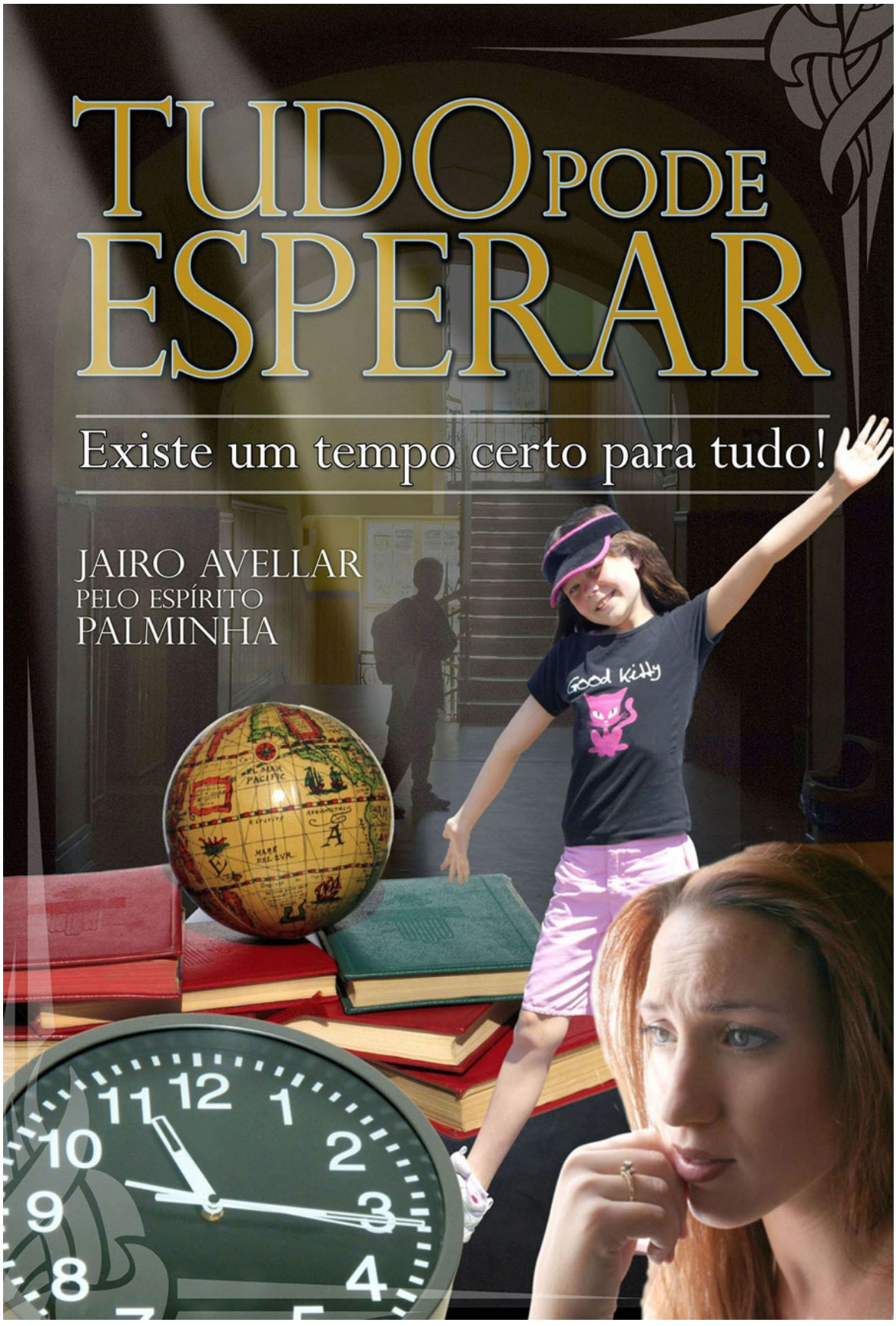
TUDO PODE ESPERAR

Existe um tempo certo para tudo!

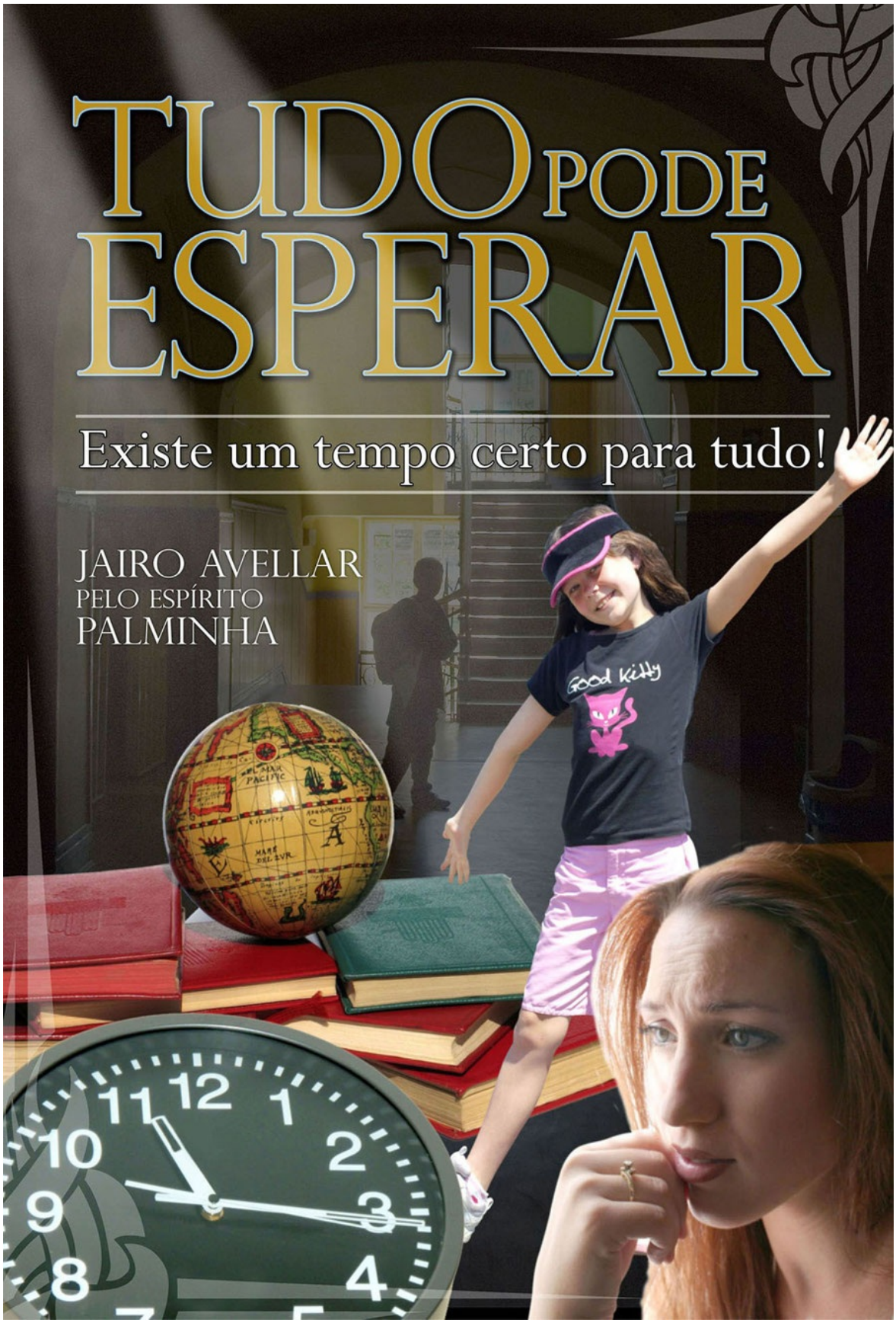
JAIRO AVELLAR
PELO ESPÍRITO
PALMINHA



TUDO PODE ESPERAR

Existe um tempo certo para tudo!

JAIRO AVELLAR
PELO ESPÍRITO
PALMINHA



Tudo pode esperar

Mas, existe um tempo certo para tudo!

Jairo Avellar
pelo espírito Palminha

Copyright © 2021 by

Jairo Avellar

Capa

Paulo Moran

Revisão

Mary Ferrarini

Maria Luiza Torres Teixeira

Projeto Editorial e Gráfico

Instituto D' Esperance

Impresso no Brasil

Instituto D' Esperance

Rua Iporanga, 573 - Novo Progresso

Contagem | MG | Brasil

Cep: 32.110-060

Tel: (31) 3357-655

E-mail: itapuaed@terra.com.br

www.institutodesperance.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO PÚBLICA

Palminha (Espírito)

Tudo pode esperar / Palminha ;

psicografado por Jairo Avellar. -- Contagem :

Instituto Editorial D’ Esperance, 2021

.

ISBN: 9786599399176

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita

I. Avellar, Jairo. II. Título.

CDD 133.9

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da Editora, nos termos da Lei 9.610/1998.

Tempo para tudo

Eclesiastes 3, 1-8

Tudo neste mundo tem seu tempo;

cada coisa tem sua ocasião.

Há um tempo de nascer e tempo de morrer;

tempo de plantar e tempo de arrancar;

tempo de matar e tempo de curar;

tempo de derrubar e tempo de construir.

Há tempo de ficar triste e tempo de se alegrar;

tempo de chorar e tempo de dançar;

tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las;

tempo de abraçar e tempo de afastar.

Há tempo de procurar e tempo de perder;

tempo de economizar e tempo de desperdiçar;

tempo de rasgar e tempo de remendar;

tempo de ficar calado e tempo de falar.

Há tempo de amar e tempo de odiar;

tempo de guerra e tempo de paz.

Sumario

Tempo para tudo

Prefácio

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Prefácio

“Eles nos influenciam muito mais do que imaginamos”. Este é o trecho que não nos cansamos de repetir repercutindo a revelação dos espíritos acerca da interação dos dois planos da vida e do grau de interferência entre eles. O que deixamos de reverberar é a segunda parte da resposta reveladora... “na maior parte das vezes, são eles que vos dirigem”. E o esquecimento de acrescentar essa parte tão importante pode caracterizar um “ato falho” revelador, por sua vez, de algumas situações bem preocupantes. Sem falar naqueles que ignoram totalmente o assunto, temos a falta de aprofundamento no estudo do tema pela maioria. A negligência é a situação de um grande número dos que pensam que sabem. Em significativa quantidade estão aqueles que “sabem” que os protetores estão em ação e abdicam de sua parte e que os amigos espirituais não irão fazer por nós. Não se sabe quantos são, mas não são poucos os orgulhosos e fascinados que estão a dizer “comigo não, isso não acontece”.

Na base de toda essa sequência de “entrega de nossos destinos” está a desatenção à recomendação de Jesus de orar e vigiar. Até que oramos sentidamente, mas muitas vezes colocamos tudo a perder por invigilância.

O livro que Palminha e Jairo Avellar colocam em suas mãos mostra o dia a dia dessa realidade. Revela a trama que engendra o drama de muitas situações na família, na escola, na empresa, nas ruas, enfim, na sociedade.

E, se essa realidade de todos os tempos e de todas as épocas não é novidade – e não é mesmo! –, o contexto agora é outro. O momento é do grande embate das ideias e das entranhas da sociedade a se agitar, que Kardec caracteriza no capítulo final da Gênese. Ou que a “universalidade” da informação tem sinalizado por intermédio de Bezerra, Joanna, Ermance, Maria Modesto e muitos outros que a Grande Transição começou.

Chegou a hora do “bom combate”. E o definitivo, eu diria, para nossa entrada no Mundo de Regeneração. Ou, como já disse o grande amigo Adão, se o plano umbralino tenta nos tomar, o astralino se põe a nos salvar. A Misericórdia Divina é vigilantemente onipresente, mas ela não decide por nós.

Palminha e Jairo mostram que tudo pode esperar, mas existe um tempo certo para tudo.

E, se informação é o conhecimento de que se necessita para tomar as melhores decisões, comece a ler agora este livro. É do tempo. E tome os rumos da Regeneração. É o tempo.

Jether Jacomini Filho

Diretor da Radio Boa Nova

Capítulo 1

A manhã se abria de forma movimentada. Àquelas horas, ainda muito cedo, a agitação marcava os momentos iniciais daquele dia.

A barulheira se multiplicava por todos os cantos, e principalmente as buzinas e o ruído estridente dos motores davam as notas de um dia que mal começara e já se fazia confuso e bastante agitado.

Uns costumam dizer que são coisas das grandes cidades, outros afirmam que é o progresso. Entretanto, da modesta posição onde nos encontramos, prefiro considerar como o produto acumulativo de mentes ainda totalmente descompromissadas com os imperativos da harmonia. É o somatório de uma indisciplina individual, cujas raízes se encontram acanhadas no campo de uma educação ainda pouco desenvolvida nos corações humanos, considerando o largo trânsito entre a primariedade e a angelitude.

Assim, as filas duplas se multiplicavam insistentes por todo o percurso. Os carros espremidos uns aos outros mais pareciam habitantes de um grande formigueiro, como se competissem pela busca ávida do melhor espaço, todos procurando maior rapidez em suas ações para satisfazer a necessidade imperativa da pressa.

O movimento daquela avenida refletia em tudo uma bagunça existente nos mais íntimos refolhos da desorganização pessoal de todos aqueles que por ali passavam naqueles instantes.

E, para piorar ainda mais o imenso caos, vez por outra tudo parava por longos, intermináveis e irritantes instantes. E aí sim é que verdadeiramente podia se ouvir o barulho ensurdecedor das buzinas.

Buzinas estas que também refletiam a sono-rização que ia naquelas almas!

Alheio a toda essa confusão, o Sol insistia em brilhar. Brilhava como um portador da sutilidade divina, a trazer para onde quer que se manifestasse as lições sublimes de amplo amor.

Lá estava ele, brilhante, maravilhoso, derra-mando sobre todos os seus raios luminosos, ofertando àquela manhã um colorido todo especial.

Embora ainda fosse muito cedo, o ar já parecia ausente, parado. As arvores não ousavam mexer uma só folha, como se o calor que já se fazia presente tirasse todas as iniciativas, abortando a dinâmica do dia. O ar preguiçosamente parecia ter parado de circular, deixando motoristas e transeuntes ainda mais irritados, aflitos e ensimesmados.

Uma enorme fila de carros já se formava e se arrastava lentamente na porta da escola. Eram carros que, a bem da verdade, mais pareciam estar seguindo uma verdadeira procissão ou algum cortejo fúnebre, de forma tão lenta que se tornava irritante para todos aqueles que tinham a responsabilidade de deixar os seus pimpolhos para as aulas.

E, assim, aquela procissão de carros parecia não ter mais fim, lentamente ia se arrastando até a porta da escola, onde pais aflitos demoravam inconscientemente fazendo ali os seus últimos e repetitivos alertas aos filhos. Repetições diárias de

uma cantilena sem fim!

– Débora, minha filha, não se esqueça das minhas recomendações. Diga a sua professora que você não está conseguindo acompanhar as aulas dela, que as aulas estão muito complicadas. Peça a ela para se esforçar mais com você, minha filha...

– Mãe, vê se não estressa, tá! Você acha que eu iria falar isso mesmo para a dona Marlene? A senhora não conhece aquela bruaca. Ela seria capaz de me escalpelar viva!

– Fique com Deus, filhinha.

Buzinas se sucediam numa ampla demonstração de impaciência e de mau humor, enquanto outros pais também tentavam desesperadamente desembarcar os seus filhos. Aliás, todos aqueles pais também tinham de dar continuidade a sua própria vida.

– Aparecida, minha filhinha, às 17h30 em ponto estarei aqui em frente. Vê se não se atrasa, pois já estou cansada com sua demora todos os dias.

– Mãezinha, são os meninos da turma. A gente sai conversando e daí atrasa mesmo. Pode deixar que eu volto sozinha, nós descemos sempre conversando até lá em casa.

– Deus que me livre, menina, você é muito nova e seu pai me mata se souber de

uma coisa dessas!

– Ah, meu Deus! Não agüento mais essa babação de vocês dois em cima de mim. Bem que vocês podiam me esquecer um pouco, não é mesmo?

– Anda, desce logo e deixe de ser atrevida, menina...

Todos os dias a mesma coisa, as mesmas rusgas, as mesmas desavenças, as mesmas farpas trocadas, uma repetição simétrica de tudo.

Interessante é que as pessoas podem ser mais felizes buscando viver melhor, revigorando os relacionamentos e os tornando bons. No entanto, mesmo sofrendo, vivendo em um monturo de dores, parece haver sempre uma necessidade de vivermos espetando, alfinetando, machucando propositadamente, ao invés de procurarmos abrir mais espaços para sermos felizes e para fazermos os outros felizes.

Sem dúvida, são os hábitos arraigados na matula da alma que nos fazem alimentar dia-a-dia as discussões contumazes e gerar constantemente um sem-número de múltiplos entulhos mentais.

Assim, nos saturamos de uma enorme malha de materiais psíquicos inservíveis, o que sempre culmina em uma indigestão, mutilando-nos os sentimentos e nos congelando a alma numa mortificação física, e que, na maioria das vezes, acaba por fazer ruir as melhores de nossas expectativas de saúde e de felicidade, destruindo diariamente o melhor de nossas esperanças.

Dessa forma, ainda bem cedo, logo ao raiar do dia se formam as bases etiológicas das muitas doenças que vivem a nos sovelar a alma.

Ora, se podemos ser felizes, para que nos arrastarmos em quirelas desnecessárias que só nos causarão mau humor, dilapidando o melhor de nossas forças e arruinando a economia de nossa saúde mental? Ser infeliz para quê? A grande proposta da vida é sermos felizes. Somos feitos para a felicidade!

A bem da verdade, ser infeliz dá muito trabalho e quebra todos os códigos de harmonia pessoal. Por isso traz sofrimentos. Enquanto ser feliz é simples. Basta apenas nos enquadrarmos nas propostas da harmonia universal. Simplicidade nas lidas diárias. Uma simplificação das mínimas coisas.

– Marcelinho, veja lá, hein! Precisa se empenhar mais na sala de aula! As suas notas estão péssimas e, desse jeito, seu pai não lhe dará a viagem prometida! E veja que ele já te falou sobre isso. Se você não tiver as melhores notas do colégio, nada feito. Você tem de ser o melhor. Seu pai não aceitará nada menos que isso!

Marcelo, então, desce cabisbaixo, sobrecarregado pelo peso daquela enorme pasta. Sua estrutura óssea já dá sinais de curvatura, enquanto sua alma já dá sinais de dilaceramento, esmagada pelo peso de uma responsabilidade vaidosa que os pais lhe colocavam sobre as costas. Sem perceberem estavam roubando dele a oportunidade maravilhosa da juventude, não lhe dando espaço para os sonhos e exigindo-lhe um sobrepeso que ia muito além de suas forças.

Ele fazia o possível e o impossível para superar toda aquela pressão, mas isso sorrateiramente ia lhe provocando, dia após dia, um acúmulo de revolta e inçando-lhe a rajadas de rebeldia, que ia se acumulando nas bordas dos desejos, desejos de liberdade, de desobediência, de contrariar os próprios pais em um

amplo processo de vingança. Infelizmente, ele não percebia que a rebeldia somente produz sofrimentos, e que o vingador acaba por se tornar o carrasco de si mesmo.

Estava sendo montada ali uma fábrica inconsciente e potencial de neuroses, que se manifestariam cedo ou tarde na forma de um sem-número de traços patológicos, chamando a medicina a uma luta insana na formulação dos mais diversos diagnósticos e que muito provavelmente farão a vítima se arrastar de consultório em consultório atrás da cura. Quando, na realidade, existe somente cansaço formatado muito precocemente, diante do sobrepeso experimentado inoportunamente. Sem contar, ainda, os traumas e as doenças trazidas diretamente das vidas passadas que, em razão desses desgastes desmedidos, não farão mais do que se antecipar na escalada do tempo, por causa dos baixos índices do padrão imunológico que o estresse tem submetido a níveis críticos.

Quantos pais buscam suas realizações pessoais e seus sonhos nos próprios filhos, sem perceberem que com isso estão assassinando precocemente o viço da juventude e projetando grandes fracassos para o futuro.

Quantos objetivam simplesmente produzir uma cópia de si mesmos na satisfação da mais velada vaidade pessoal e, com isso, roubam-lhes a identidade no afã de fazer deles meras fotografias ampliadas de si mesmos.

E quantos outros se escondem atrás do próprio orgulho na mentirosa afirmação de querer para os filhos o melhor, quando na realidade querem mesmo é exibi-los para o nicho social, os amigos e a parentela como meros troféus das suas realizações pessoais.

Pais que amam seus filhos não os sobrecarregam nem tampouco os estressam. Não os levam ao culto desmedido do ter, da usura, da avareza e do poder.

Os diplomas se esgarçam com o tempo. As traças roem e a ferrugem muitas vezes destrói impiedosamente os anéis, por mais maravilhosos que sejam. Quando a cultura não é transformada em sabedoria, vira água represada e sem serventia, torna-se improdutiva e insalubre, terminando por apodrecer esquecida nos poços da prepotência e gerando conseqüências graves.

Pais que amam se preocupam em evangelizar os seus filhos, ofertando a eles um tesouro.

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça, nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz. Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!” 1

Pais que amam não se fixam no homem de hoje, mas estão sempre comprometidos com o espírito imortal; não produzem filhos propriedades, mas sim recebem os filhos de Deus, criaturas imortais, e assumem o árduo compromisso de prepará-los para a imortalidade.

Por isso, muitas vezes grandes promessas são covardemente esmagadas ainda no viço da juventude, sobre o peso inclemente das exigências descabidas.

Muitos cuidam de muitas coisas, mas se esquecem verdadeiramente daquilo que seria o mais importante: encaminhar seus rebentos para uma fé raciocinada e

lúcida, para um comprometimento moral para consigo mesmos e para com o próximo, com o objetivo de fazer deles homens vitoriosos.

Homens vitoriosos não em relação ao mundo, mas a si mesmos. Cidadãos aptos a vencer “o bom combate”2, a perseverar na fé e chegar ao final de suas jornadas como verdadeiros campeões do amor.

Por aqui, no modesto campo onde nos situamos pela nossa imperfeição, choramos por dentro todas as vezes que observamos pais que não se preocupam em conduzir seus rebentos aos ninhos de moral cristã, à evangelização infantil, às pré-mocidades. Eles perdem preciosas oportunidades de participar decisivamente do entalhamento cristão, assumindo responsabilidades profundas de ressonâncias complicadas para o futuro, na medida em que negligenciam as responsabilidades assumidas.

Quem se preocupa tão-somente com o brilho acaba por perder a referência de qualidade e, por certo, de autenticidade!

Enquanto isso, uma multidão de carros continuava a lutar por um lugar melhor para o desembarque e outra multidão de jovens chegava de todas as direções, como fossem parte de um grande formigueiro, todos numa grande algazarra, jogando para fora a vitalidade e a alegria movimentada pelas energias da juventude.

Vinham eles aos pares, em trios, em turma, abraçados, uns juntos, outros próximos, uns correndo, outros se empurrando, uns puxando daqui e dali, movimentavam-se numa farra sem fim.

A juventude é assim... Linda em sua essência, em sua maneira alegre de ser. A juventude é maravilhosa!

– Esmenia!

– Oi, Carlinhos, vê se não me chama tanto, você vai acabar gastando o meu nome! Acho que meu nome é doce!

– Olha lá, a Esmeralda está com o João. Aqueles dois estão de caso há muito tempo.

Ismênia fechou a cara e desconversou imediatamente. Carlinhos mostrou-lhe o amigo com outra só porque sabia que isso iria contrariá-la. Ele tinha o hábito de espetar e ferir as pessoas, pai, mãe, qualquer um, e se deliciava em perceber que atingira as pessoas.

Coisas da juventude!

Ele tinha o hábito de espetar e ferir o próximo e isso se manifestava desde os seus primeiros movimentos conscientes. Na verdade, são hábitos arraigados, já consolidados na alma e que surgem na mais tenra idade, requerendo tratamento adequado no tempo certo para que não se tornem um adoecimento crônico. Precisando do bisturi eficiente do evangelho de Jesus!

Somos verdadeiramente como o solo. Vivemos a requerer as correções necessárias para o plantio que se avizinha, com vistas a obtermos uma melhora

da produtividade. Mas, infelizmente, um número enorme de pessoas cresce assim, sem as correções necessárias e por isso mesmo se mantêm incapazes de melhorar a produção pessoal. São pequenas grandes questões, situações a ser trabalhadas na infância visando a uma melhor desenvoltura do ser em relação à vida, facilitando-lhes a lida com o próximo e consigo mesmo e melhorando a produtividade perante a vida.

Infelizmente, temos anotado que as preocupações familiares têm sido outras! Têm sido o ingresso para o circo, o campo de futebol, o presente de aniversário, a roupa solicitada, as marcas do desfile, o passeio no bondinho, o sorvete, a guloseima, a viagem internacional, o passeio ao shopping, o domingo no clube e a soberba do Natal! Interessante é que também temos notado que as preocupações que conduzem as prioridades nunca apontam na direção de privilegiar o espírito imortal em suas carências dentro da marcha evolutiva. Preocupa-se com tudo, roupas, calçados, alimentação, passeios, o melhor aprendizado, mas muitas vezes nos esquecemos do principal, da formação verdadeira do espírito imortal! Assim nos descuidamos das inadiáveis correções do solo enquanto ainda é dia. Sem as devidas correções, emergenciais, circunstanciais, inadiáveis, o que poderemos esperar da produção?

– Rodriguinho, Rodriguinho!

– Oi, Luciana, fala!

– Vamos matar aula? A turma toda vai, vamos nessa?

– E vamos para onde?

– Vamos para o parque da lagoa e ficamos por lá.

– Tô nessa!

– Então nem passe aí na porta, senão te vêem e ligam para a sua casa. Vamos voltar daqui mesmo.

– Mas 17h30 eu tenho de estar aqui, pois minha mãe vem me buscar.

– A mãezinha do Rodriguinho vem buscá-lo? Que belezinha! (risos)

– Não enche, vai. Você sabe que não estou nessa. Ela que é muito chata e me baba todo! Vê se me deixa, morou!

As irresponsabilidades de todos os dias muitas vezes acontecem em razão da rebeldia já instalada na alma, passando a destilar uma desobediência contumaz; outras vezes em protesto à conduta dos pais atados nas irresponsabilidades de todos os dias, fazendo das relações familiares um auto de indiferença e desamor.

Mas, na maioria das vezes, advêm de uma base bastante enfraquecida, de uma infância comprometida, na qual não houve esforços para a devida contenção dos impulsos que grassam na alma e avançam sobre o comportamento diário, estando ausente uma educação solidificada nos exemplos diários daqueles que convivem diuturnamente com a criança.

Somando-se a tudo isso, o principal, jovens que cresceram sem um referencial de fé, vivendo a ausência de Deus em si, muitos que nem sequer aprenderam a fazer uma oração, por isso não sabem operar uma conversação com o mundo divino e, dessa forma, vivem a inanição de valores que possam vir a lhes sustentar a alma e lhes fortalecer o campo da ética.

Sabem rios de ortografia, dominam como ninguém a informática, manejam a matemática como verdadeiros mestres, mas não conseguem encontrar fórmulas básicas para a felicidade e por isso sofrem tanto.

Em bastas vezes a estas avaliações despretensiosas soma-se ainda uma extensa gama de perseguições espirituais implacáveis, efetivada por inimigos ativos situados nas raias do além-túmulo a vararem existências e mais existências nessa pugna sem tréguas e sem lei.

Assim, nesta vasta gama de situações adversas, esses perseguidores implacáveis encontram eiras abertíssimas para ir ditando os acontecimentos mais sutis no dia-a-dia, preparando o grande dia quando então darão o golpe de misericórdia que apontará a derrocada final. Tudo uma mera questão de sintonia! Sintonia essa fixada pelo desleixo nosso de cada dia.

Os vícios, as drogas, o tráfico, os roubos, as prisões, a falência moral, a derrocada pessoal absoluta, a estrutura depressiva, o casamento falido, as separações, as traições, a falta de caridade para com os próprios filhos, o adoecimento lento e silencioso pela extorsão sutil das forças anímicas, o desânimo, o desencanto, um desastre aqui, um assassinato ali ou mesmo um suicídio.

São situações sorrateiramente instaladas até que venham a tão-somente processar o fechamento de forma funesta, infelicitando milhares de companheiros e

comprometendo totalmente um ciclo que fora preparado com intenso esmero e carinho pelos incansáveis trabalhos realizados nos laboratórios das reencarnações com vistas ao pleno sucesso.

Vidas que tinham tudo para serem vitoriosas, bastando para isso que os envolvidos diretos e indiretos não se furtassem a contribuição tão esperada do amor! Mas que chegaram a mais completa falência e, por si só, já não existiam mais há muito tempo. Jovens indiretamente abortados, embora tenham nascido fisicamente. Jovens que foram expulsos da lida afetiva desde os primeiros anos de vida. Coisas das irresponsabilidades contumazes...

---

1 - Mt 6,19-23

2 - Paulo 4,7.

Capítulo 2

Um enorme portão que se dividia em duas elegantes escadarias nos levava ao ponto mais alto, imponente, diante das demais construções que o rodeavam.

Ao lado, outro extenso caminho de entrada se abria a nossa frente, todo em cimento, já velho, maltratado, apresentando várias rachaduras. Muitas placas daquele velho cimentado já haviam se soltado e algumas já tinham até sumido.

Aquela entrada mostrava claramente as marcas do tempo e dava testemunho do desleixo com que fora tratada em toda a sua trajetória. Fora um dia pintada de vermelho no tom de telha e hoje mais parecia uma espécie de azeviche. Observava-se, assim, por toda a sua fachada, a decomposição da pintura a demonstrar que já ia muito longe o tempo em que aquela tinta fora nova.

Entretanto, apesar do descaso com que fora tratado, aquele grande sobrado era lindo, imponente, majestoso. Alguma coisa lhe conferia certa autoridade. Nas entrelinhas de seu desenho, nas cores que o tempo havia lhe dado e nas marcas que o tempo caprichosamente lhe emprestara tinha algo de misterioso.

Havia uma autoridade misteriosamente inserida ali. Era como se aquele imenso casario tivesse alma. Sim, e ele verdadeiramente tinha. Ele possuía uma alma coletiva, formada pelo somatório das almas de seus trabalhadores, que lhe emprestavam a identidade, por isso havia ali tanta seriedade e imponência.

As instituições se revestem e se imantam do tônus vibratório de seus lidadores. São eles que lhe dão alma e que lhe definem a personalidade institucional.

Pessoas sérias formam instituições sérias, enquanto aquelas sem escrúpulos formam também instituições que lhes assemelham à alma. Na realidade, as instituições formam verdadeiros bolsões de criaturas afins, unidas pelos laços da personalidade, pelos aspectos pessoais dos objetivos que os unem e pela força das necessidades que os reúnem. Daí as instituições parecerem tão perfeitamente com os homens que as compõem. Jamais reclamemos dos lugares onde a Providência Divina nos coloca, pois eles são a métrica exata de nossa essência e das nossas necessidades. Tudo uma questão de sintonia!...

Por isso estamos sempre nos locais de nossas preferências individualizadas em um trânsito que é coletivo. Vivemos enfeixados em nossas necessidades e guiados por nossas vontades mais íntimas, nos alimentando incessantemente dos subprodutos de nossos próprios pensamentos, agindo e reagindo numa cadeia de reciprocidades, nessa sutil tela de atos e fatos regidos unicamente pelos mecanismos da evolução e pelo sentido único do progresso. Vivemos o mundo de nossas sintonias!

Naquela longa fachada havia algumas palmeiras imponentes, que, anônimas, pareciam testemunhar diariamente toda aquela imensa confusão.

Naquele dia estavam ali estáticas, não se aventuravam a balançar uma só de suas imensas folhas, como se estivessem com preguiça ou de comum acordo com o vento, tirando umas férias ou um descanso talvez, quem sabe estivessem encaloradas e por isso mesmo preferissem a quietude ao comportamento espalhafatoso daqueles que por ali passavam despercebidamente.

Elas pareciam não se preocupar com a beleza, talvez por receber diariamente a insensibilidade e a indiferença de todos que, a bem da verdade, pareciam não dispor de tempo para apreciar toda aquela maravilha que lhes rodeava e todo o encantamento que o lugar teimava em lhes oferecer.

Sim, a terrível insensibilidade! O terrível desleixo de não dar importância aos sentidos, de não deixar que a presença de Deus possa inundar a nossa vida. É o alheamento nosso de cada dia. Assim relutamos insistentemente em encontrar e ver Deus, que se mostra a nós na sutilidade dos acontecimentos ou nos detalhes que tão prazerosamente nos cercam, inundando-nos as vistas de beleza e o coração de alegrias contagiantes. Assim insistimos em viver a vida na prática de nossa insensibilidade de cada dia!

Interessante é que uma imensa multidão procura Deus nos altares suntuosos dos templos religiosos, outros efetuam suas buscas nas escrituras oficiosas em profundos mergulhos nas letras, e vários outros fazem estas buscas nas idiossincrasias contemplativas. Vivem, assim, a pressa do dia-a-dia, as disputas ferozes, a insensibilidade, a indiferença, a desatenção e deixam de percebê-Lo assim tão juntinho a nós, muitas vezes se fazendo representar na figura de uma palmeira altaneira que invade os céus espalhando as folhas imensas por sobre o dia, a espargir grandiosidade e elegância em finas linhas de amor.

Tudo isso é Deus em nós, convidando-nos a refletir em torno da magnitude de sua grandeza e a nos fazer sentir a amplidão de sua misericórdia. A sensibilidade é virtude maravilhosa, que nos permite perceber que sempre existe a realidade, ainda que esteja contida em um imenso abstrato. Deus é realidade absoluta!

E naquelas passarelas extensas que se dirigiam aos fundos do educandário, uma nuvem de jovens desfilava por ali todos os dias, acotovelando-se uns aos outros e carreando consigo a alegria dos dias juvenis e a grande esperança de muitos para os dias do porvir.

Levavam para ali a esperança dos pais, que sonhavam em vê-los realizados como pessoas; dos mestres, que sonhavam em vê-los produtivos e reproduzindo na sociedade a cultura que receberiam da nação que ali investia neles; e por que não dizer de Deus, que também sonha em nos ver produzindo frutos dignos e honorificando o topo atingido na escala das suas criações.

Muitos sonhos, sonhos belos, maravilhosos, sonhos que sonhados muitas vezes se traduzem em realidade, mas que infelizmente, se não bem cuidados, por bastas vezes se transformam em pesadelos atrozes e doridos, fazendo-nos ambicionar pelo momento do despertar para que assim possamos fugir do intenso incômodo das noites gélidas e sem sonhos, ou das noites ainda piores, daquelas em que os sonhos são mal sonhados.

No meio daquela multidão de estudantes, professoras apressadas carregando nos braços fartos rolos de materiais também passavam ligeiras, passos apressados, indo com destino aos objetivos que lhes aguardavam na sala de aula. Assim se dirigiam para o cumprimento de mais um dia de lutas austeras, de entrega profunda no sentido do próximo, trabalhadores na sublime tarefa da construção de um mundo melhor.

Serviçais que muitas vezes passariam anônimas pelas muitas salas de aulas, sem que jamais fossem efusivamente festejadas, sem que tivessem nomes dados às ruas, ou mesmo a alguns becos, quem sabe. Companheiras que muitas vezes varavam as noites solitárias na preparação carinhosa de suas aulas, para que no dia seguinte pudessem entregar aos filhos do coração, aos filhos que Jesus lhes havia confiado, o sublime tesouro do conhecimento.

São as professoras estas luminárias preciosas depositando luzes na construção de um mundo melhor. Missão iluminada a de distribuir o conhecimento, tarefa abnegada, luzidia, sacerdócio de profundidade aquele que alimenta a alma com o pão do conhecimento, matando a inanição em forma de ignorância e cobrindo a penúria da falta de conhecimento. Trabalhadoras de Jesus no grande desafio laborativo de semear a cultura, e semeá-la a mãos cheias, fazendo os campos produzir e a fartura se multiplicar, lapidando a pedra bruta e entregando à vida diamantes preciosos. Bendito Magistério!

Escola das almas em amplo desalinho, oportu-nidade bendita de recomposição pessoal, forja incandescente a preparar o aço do crescimento. Bendita educação!

Vencido o extenso caminho, circundado por elevado muro nos fundos e por ampla construção que se abria na frente, localizava-se ali o pátio, local que ainda guardava os últimos vestígios de uma antiga quadra de futebol e basquete, que o tempo e a utilização se encarregaram de dizimar e o descaso, quem sabe, se esqueceu de reformar.

Ali, extensos cavaletes separavam os jovens. De um lado as meninas e de outro os meninos e, transitando atentos de um lado para outro, como cães ferozes, estavam os temidos inspetores de disciplina, dispostos a punir com rigor qualquer um que ousasse quebrar as normas em vigor.

Observam-se de longe um aceno de mão, um piscar de olhos, um beijo jogado, olhares de conquista, apelos bem sensuais. Era o flerte muito forte e característico dos grupamentos juvenis, mas ali tudo era rigorosamente contido, proibido, vigiado, pois Eulália Vidigal era a diretora.

Eulália era uma mulher austera, brava mesmo, cuja simples presença colocava qualquer um a tremer. Cabelos muito pretos e anelados, num rosto redondo e proeminente e de olhos esbugalhados, com lábios bem definidos, marcada por um batom sempre encarnado e uma longa saia preta toda pinçada. Era um terror e todos a temiam, desde os mais humildes trabalhadores da escola, passando pelos pais, que lhe devotavam intensa admiração, até os alunos, que contribuíam com um misto de admiração e pavor.

De repente, uma estrepitosa campainha começou a tocar e cada um, sem demora, pegava o seu material e se dirigia às extensas filas que se formavam. Todos defronte aos representantes de classe, ao lado os vários mestres do educandário e

logo à frente a temida dona Eulália Vidigal, olhando todos e observando os mínimos detalhes.

– André, arrume sua camisa e a coloque para dentro da calça.

André, todo vermelho, mais do que depressa se arrumou, indo à frente e mostrando a dona Eulália, que o autorizou a voltar para a fila novamente.

– Julia! Por que esta saia está tão curta? Se não tiver como descê-la agora, passe na minha sala que eu te ajudo a descê-la, e aproveite para pegar comigo um bilhetinho para seus pais.

A pobre Julia quase sofreu um desmaio. Coitada, havia dobrado a saia pelo cós e se esqueceu de arrumá-la para novamente entrar na fila. Assim, rapidamente, com todo o rubor na face, ela saiu correndo até o banheiro próximo e mais rápido ainda estava de volta à fila, agora branca, trêmula e morta de vergonha. O susto fora tamanho que descera a saia tanto que ela agora estava pela metade das canelas.

E assim trovejou dona Eulália:

– Estou sabendo que vários alunos têm se ausentado da aula para, irresponsavelmente, se dirigirem ao parque da lagoa. Temos acompanhado isso há meses, mas hoje eles terão uma surpresa. Nossos inspetores de disciplina percorrerão todo o parque recolhendo esses alunos, que somente sairão daqui acompanhados pelos pais, e ainda terão suspensão de uma semana!

Assim, um calafrio geral percorreu a espinha de todos os que ali estavam só de pensar nos acontecimentos que se seguiriam, e aquelas caras pasmas que olhavam medrosamente para dona Eulália Vidigal tinham os mais diversos pensamentos.

– Graças a Deus que hoje eu não fui!

– Nossa Senhora da Penha, te agradeço não teres deixado que eu fosse, senão a essa hora estaria frita e picada em pedacinhos.

– Meu São Jorge, valei a Isabel, minha irmã. Eu não quero esse mal para ela, meu santo guerreiro. Tire Isabel de lá antes que essa desgraça se abata sobre ela.

– Ave Maria, cheia sois de graça.

– Pai Nosso que estais nos céus.

O momento era de tanta consternação pelo aviso de dona Eulália que um silêncio geral tomou conta do pátio, até mesmo os professores sentiram por seus alunos um friozinho na espinha. Sabiam que os resultados seriam funestos. Dona Eulália tomou novamente a palavra.

– Vamos rezar.

– Pai Nosso que estais nos céus...

Ave Maria, cheia sois de graça...

– Para as suas salas!...

E, assim, as filas mudas seguiam os representantes de classe para suas salas, sendo que nas faces estavam estampados o medo e a preocupação de todos. Naquele dia, as horas custaram a passar, principalmente quando o choro de alguém era ouvido pelos corredores e o pedido de clemência aos inspetores e à terrível dona Eulália.

Confusão maior fora quando os pais começaram a chegar. Aí, sim, o pânico e a confusão foram verdadeiramente formados.

Dona Eulália Vidigal era uma criatura amorosa em sua dedicação e dura na condução de suas responsabilidades.

Assim, todos os dias era imensa a população que por ali transitava, desde os alunos em dois turnos até os pais, mestres, educadores, inspetores, serviçais de todos os matizes e, ainda, vez por outra, pessoas que por ali se inseriam para a realização de algum serviço de manutenção e conservação.

Por ali havia também os espertos vendedores de guloseimas que teimavam em desafiar a ordem instituída, e iam cada vez mais adentrando pelo extenso corredor, ao que dona Eulália reprimia severamente, mas na maioria das vezes fazia vistas grossas, pois sempre tinha muito dó de todos eles. Ela sabia que estavam ali em razão do sustento de suas famílias.

Dona Eulália era uma pessoa firme, muito severa, mas de um coração amanteigado e sempre pronto a se derreter. Companheira de primeira e uma amante das pessoas. Aquela postura de diretora só servia para despistar as fragilidades emocionais que iam dentro daquela alma, que de brava tinha somente as aparências, mas no fundo não passava de uma amiga de todos e uma amante da vida.

Outra população muito ativa se fazia presente naquelas paragens, era a dos desencarnados. Uma imensa quantidade de espíritos se mantinha ativa no interior daquela instituição, sempre divididos em dois imensos blocos, os que eram trabalhadores e estavam ali movidos por objetivos muito dignos, sempre em estado de alerta no sentido de ajudar e colaborar com as atividades ali desenvolvidas, e outra grande população que movimentava interesses escusos e maliciosos, sempre à espreita de uma alma desavisada e invigilante que pudesse lhes dar chances, ainda que mínimas, de interagir dentro de seus objetivos sempre perniciosos e macabros.

Os trabalhadores vinculados ao bem não eram percebidos pelos demais, a não ser em situações especiais, quando a necessidade se fazia imperiosa, e assim podiam monitorar ativamente suas atividades e suas mais veladas intenções.

As mentes malévolas perambulavam por ali como se estivessem totalmente livres, achando que podiam porfiar os venenos sem nenhum impedimento, e assim muitas vezes se comportavam como se fossem os donos daquela escola, todo-poderosos em relação aos acontecimentos do dia-a-dia.

Entretanto, passavam os dias tentando burlar outro grupamento de trabalhadores importantíssimos naquela instituição, os vigilantes espirituais, que tinham por compromisso zelar pela segurança da escola e impedir a ação desses grupos organizados a serviço das trevas.

Os vigilantes eram companheiros importan-tíssimos para a manutenção da disciplina naquele educandário. E, aliás, fora Juvenil, um dos líderes do grupamento de vigilantes, que avisara dona Eulália sobre a evasão de alunos no perigoso divertimento de se ausentar das aulas. Dona Eulália, uma católica de primeira linha, possuía indiscutivelmente uma mediunidade das mais cristalinas, ao que ela sempre dizia: “Eu tenho uma intuição que não falha, eu percebo as coisas no ar... Até parece que tem uma coisa que me conta tudo. É Nossa Senhora das Graças que não me deixa sozinha...”

E mal sabia ela que Nossa Senhora das Graças ali se chamava Juvenil, um dos encarregados da segurança espiritual da instituição, e que a intuição dela era, nada mais, nada menos, que um amplo canal mediúnico sempre ligado e atento, sempre pronto a captar as instruções que lhe eram passadas. Por isso, é bem verdade que nada passava por aquele educandário que lhe fugisse à percepção.

A bem da verdade, Juvenil e outros companheiros estavam sempre ligados a Marquezano e a Yvanovick, o primeiro era o protetor espiritual da escola, fora um antigo escravagista muito duro com a sua senzala, mas um homem nobre, que havia se tornado escravagista muito mais pela ignorância da fé que lhe fora passada do que propriamente pela dureza de seu coração. Mas que, ao final da vida, reconheceu quanto mal havia causado a muitos e aproveitava ali a sagrada oportunidade de reaprendizado e reaproximação do caminho luzidio do amor. Ele verdadeiramente amava aquelas crianças e se dedicava inteiramente àquele estabelecimento. Se aproximava de dona Eulália sempre que era necessário passar algum recado de maior responsabilidade para toda a instituição.

Quando isso acontecia, nossa Eulália se tornava uma pessoa de têmpera inquebrantável e não arredava pé de suas intenções disciplinadoras. Por causa dele, ela tinha o sorrateiro apelido de “Tomba Homem”, porque sob sua influência assumia a forte personalidade do antigo Marquezano. Até sua voz parecia se modificar, tornando-se forte e desafiadora, e para muitos ela sempre dizia: “Tem coisas que eu nem quero falar, mas quando me dou conta já falei.

Acho que meu estopim é muito curto!”

Quando ela estava sob essa influência, não tinha aluno nem professor que não murchasse as orelhas e ficasse rezando de medo daquela nobre senhora. Ela se tornava verdadeiramente impossível. A disciplina ficava afiada e era executada de uma forma ou de outra.

Yvanovick era um companheiro de origem européia e durante várias décadas do século XVI desposara dona Eulália. Era um homem de temperamento austero e rígido, acostumado aos reveses do tempo e ao trabalho árduo e, juntamente com sua antiga consorte, foi um ferrenho algoz da educação, aproveitador da ignorância na aldeia onde moravam.

Assim, insistiam em manter a ignorância viva e disseminada, para que pudessem melhor explorar aquele pobre povo. Por essa razão, ele e Eulália Vidigal, juntos, tiveram a oportunidade dessa experiência no intuito de lutar pela educação com unhas e dentes, justamente no dever de libertar antigos explorados ainda atados ao jugo da ignorância.

Por aquela escola já haviam passado quase todos os antigos moradores daquela aldeia, e hoje eram almas reconhecidas e profundamente gratas àquela instituição, e principalmente à nossa Eulália, que com toda a luta e todo o sacrifício mantinha aquele educandário de pé. Dessa forma, Eulália reencarnada e Yvanovick do outro lado da vida passavam ali por duros resgates por meio das severas responsabilidades do dia-a-dia.

Lá dentro, onze professoras e dois professores dos mais difíceis lutavam contra o sistema educacional e tudo faziam para desafiar a direção e a disciplina instituída. Eram antigos comparsas de ontem de Marquezano e também aproveitadores da ignorância alheia no sentido do beneficio próprio.

Três professoras, justamente as mais preguiçosas e prepotentes e que davam mais trabalho quanto às faltas, multiplicavam a irresponsabilidade nas atividades do dia-a-dia. Elas, constantemente, traziam muito amargor e decepção ao coração de nossa Eulália. Estas foram justamente suas filhas queridas no passado, todas as três criadas na preguiça e na indolência, e que agora tinham plenas dificuldades de se adaptar ao novo momento.

E Eulália, para o desespero de Marquezano e Yvanovick, ainda insistia em protegê-las e desculpá-las, passando por cima de seus erros e faltas, sob a desculpa de que ainda eram muito novas e que iriam aprender na hora certa.

As coisas são assim, repetimos e repetimos experiências e, às vezes, insistimos em recalcitrar em erros antigos.

Contudo, Marquezano e Yvanovick formavam uma dupla perfeita na ação direta sobre os centros psíquicos de dona Eulália, e não lhe davam a mínima trégua. Ambos, por meio de suas influências espirituais diretas, disciplinavam a instituição com um todo e a própria diretora, que não lhes escapava da ação de influência e também era mantida sob rédeas curtas por ambos.

Os dois não permitiam que ela fugisse a nenhum dos compromissos que foram assumidos em conjunto, quando ainda estavam no plano espiritual, e principalmente no que dizia respeito à sua missão naquele educandário. Quando qualquer coisa parecia se encaminhar fora do combinado, eles sovelavam sua mente até que ela tomasse a decisão mais acertada, mesmo que isso lhe custasse quase a noite inteira de severos pesadelos ou insônia insidiosa para que houvesse um ajuizamento consciencial. Essas circunstâncias já lhe custaram dias de terríveis enxaquecas, até que ela buscasse o caminho mais acertado.

– Marquezano, aquela professora, a nossa irmã Dalva, está sendo um péssimo exemplo para os nossos alunos!

– Sim, já percebi Yvanovick, e você tem razão. Ela tem estado aqui com saias muito curtas e blusas que não atendem aos princípios de moralidade do ambiente, e o seu comportamento extraclasse não tem sido nada agradável. Tem exagerado muito na bebida e levado ao seu lar muitas inseguranças em discussões vazias e estéreis, e isso tem arrastado para junto de si mesma péssimas companhias espirituais. Essas presenças também têm atacado a nossa escola sob o pretexto de não suportarem a organização. Eles não querem ela entre nós, pois sabem que nós queremos o seu bem e eles têm medo de perder o seu copo vivo. Assim, ela tem sido um mau exemplo para as nossas meninas, que acabam vendo nela um péssimo encaminhamento de vida.

– Marquezano, vamos falar com Eulália, vamos mostrar a ela os fatos, pois me parece que ela não está atenta aos acontecimentos.

Assim, os dois amigos lançaram-se imediata-mente ao andar de cima, onde funcionava a secretaria, adentraram e se dirigiram à sala dos fundos, onde ficava a diretoria.

Lá estava ela rodeada de problemas a resolver e ainda cercada de três pais que haviam chegado para se acercar do problema da fuga às aulas empreendidas por seus filhos.

– Vejam os senhores que Betinha foi flagrada lá pelos nossos inspetores e convidada a vir para o colégio. Segundo os relatos, estava aos beijos com o Rodrigo. Vocês já ouviram falar do Rodrigão, não é mesmo? Um rapaz da quarta série, um dos mais malandros de nosso estabelecimento, cujos pais também já estiveram aqui e foram devidamente notificados. E ela estava lá bem deitadinha

sobre o peito de nosso Rodrigo a trocar carícias e mais carícias. Pobre Betinha, se continuar assim eu não sei não, senhor Evandro, quem sabe o pior pode acontecer e, pelo que me consta, o senhor ainda está muito novo para as tarefas de avô!

Ela sabia pintar as coisas, dar a elas um colorido apavorante. Os pais, tal como o senhor Evandro, tremiam dos pés à cabeça somente em ouvir falar sobre a possibilidade de se tornarem avós, quanto mais pensarem que poderiam lidar com uma gravidez. E nossa Eulália Vidigal sabia como explorar essas questões.

– Dona Eulália, a senhora não sabe como somos agradecidos à senhora por seus cuidados e seu pulso forte. Betinha traiu a nossa confiança. Custamos a crer que essa história fosse verdade, mas diante das evidências não temos como não acreditar, e saberemos dar a ela a devida correção.

– Assim espero. A correção é necessária, senhor Evandro, mas a vigilância mais ainda. Somos muito novos para nos tornar avós, não é mesmo dona Alexandra?

Dona Alexandra estava pálida, lívida e tremia muito. Nem tanto por Betinha, com quem tinha profundas diferenças, mas por pensar na satisfação que teria de dar às amigas, à família. O que diria a sociedade de sua maternidade?

Infelizmente, as vaidades muitas vezes falam mais alto do que a razão, e Eulália Vidigal sabia disso.

– Espero maior empenho dos pais e que eles nos ajudem nessa árdua tarefa da educação.

– Ah, não se esqueçam que ela estará suspensa por uma semana. Passem bem.

Aqueles pais saíram dali com o coração agradecido a dona Eulália e prometendo acompanhar mais de perto o comportamento da filha e o seu andamento no colégio. Na verdade, eles eram pais devotados à imagem social e por isso queriam o melhor para seus filhos.

Quando escola, pais e professores se unem na grande proposta da educação, os resultados só podem ser os melhores possíveis, pois a paternidade, a maternidade e o magistério guardam em si profundas responsabilidades quanto aos planos de Deus no objetivo da construção de um mundo melhor. Quanto mais associados estiverem, maiores e melhores serão os resultados a serem alcançados.

Yvanovick e Marquezano, sem darem tréguas, acercaram-se de Eulália. Yvanovick, que tinha mais facilidade, passou a envolver os seus centros mentais e a projetar imagens da professora Dalva. Foi logo abrindo questionamentos e falando sobre as vestimentas de dona Dalva.

– Como você permite, Eulália Vidigal, que aquela professora quebre as normas éticas do colégio comparecendo vestida daquela forma. Eulália, você está ficando mesmo velha e enfraquecida, sem pulso e perdendo o comando da escola. Daqui a uns dias nada restará disso aqui...

Aqueles dois sabiam que dona Eulália detestava se sentir sem pulso e principalmente velha, isso mexia com sua vaidade e lhe causava profundos arrepios. Eles foram logo lançando os clichês de dona Dalva na mente de dona Eulália, e isso foi imediatamente absorvido.

Dona Eulália, como que conversasse consigo mesma, observou mentalmente dona Dalva na formatura da tarde e se arrepiou ao lembrar de seu vestido e, principalmente, da blusa que estava usando.

– É um absurdo uma professora da nossa escola com um comportamento desses. O que os pais vão pensar? E pior, o que as nossas alunas vão pensar? E se isso virar moda entre as professoras, aí estaremos perdidos mesmo.

Ela sentiu um calorão subindo ao pescoço, como se queimasse toda a cabeça, e um aperto no coração.

Nisso, Marquezano aproximou-se também lhe lançando mais pressão:

– Dona Eulália, a senhora está fraca mesmo e nem toma providências. Isto aqui está virando uma balbúrdia e a senhora fica somente apreciando, sem tomar nenhuma atitude. Daqui a alguns dias esse comportamento será moda na escola e, diga-se de passagem, escola pela qual a senhora é a responsável! A senhora está envelhecendo mesmo!

Dona Eulália, não suportando a pressão, pulou da cadeira e, soltando chispas, saiu pela porta na direção da terceira série.

– Dona Dalva, no intervalo me procure em meu gabinete.

Dona Eulália virou, em seguida, e saiu, enquanto a pobre dona Dalva ficou toda

desconcertada e trêmula. Conhecia a diretora e sabia que alguma coisa estava errada. Coitada! O seu coração disparava, enquanto as palavras não cabiam em sua boca. Ela perdeu, daquele momento em diante, todo o encaminhamento da aula que ministrava. Até, no intervalo, comparecer à sala de dona Eulália.

– Dona Dalva...

Certo é que dona Dalva aposentou de vez todas aquelas vestimentas, voltando novamente ao comportamento recatado e moralizante que sempre possuiu.

Enquanto isso, Yvanovick e Marquezano ficavam ufanados pelas providências tomadas e por sentirem a reflexão honesta feita por dona Dalva, que continuava a lhes merecer todo o respeito e toda a consideração. Mas eles continuavam ali atentos e sempre prontos a observar os mínimos detalhes. Seguiam exigindo de dona Eulália o cumprimento integral dos compromissos espiritualmente assumidos.

As companhias espirituais eleitas por dona Dalva ficaram desesperadas, pois houve uma interferência direta em seu plano macabro, o de conduzirem dona Dalva a uma separação, matando-lhe os sonhos de família e afetando diretamente o seu filho mais novo, que verdadeiramente era o maior alvo. O reposicionamento mental de dona Dalva matara-lhes os objetivos e, assim, perderam a força de ação. Freou-se a sintonia, e sem sintonia o avanço obsessivo ficou totalmente inviabilizado.

O comportamento é tudo, pois ele é o nosso reflexo, representa perfeitamente a faixa mental onde colocamos as nossas preferências. Por isso, submetê-lo costumeiramente ao nível das críticas e às correções deve ser uma tarefa para todos os dias.

Capítulo 3

Enquanto isso, no pátio, vários companheiros desencarnados mantinham-se em amplas conversações.

– Gersindo, como vai o seu amparado?

– Ora, Gomide, para o João Daniel, na medida do possível, tudo tem avançado bem. Acho até que vem superando as nossas expectativas. Tem se mostrado um jovem ajuizado, cumpridor de suas obrigações, muito afetivo para com os seus pais, e o seu campo moral está impecável, bem acima das expectativas mais otimistas.

– Mas e aquela possibilidade de afogamento que se encontra em pauta?

– Você bem sabe que ele retornou para cumprir um tempo relativamente curto, tempo este que foi deixado para trás por causa de suas loucuras anteriores, culminando em um suicídio em sua última passagem. Com isso ele deixou nada menos que dezessete anos para trás e veio para cumpri-los integralmente.

– É... Loucuras mesmo.

– Mas, veja você, o aproveitamento dele tem sido tão grande que já até interpus aos núcleos da misericórdia um novo pedido para que ele possa dar continuidade a essa trajetória, que tem sido amplamente vitoriosa, por mais alguns anos,

conforme for a sua progressão.

– E aí, conseguiu?

– Já me avisaram que em breves dias teremos a resposta. Outro dia ele foi chamado diretamente às áreas da reencarnação, onde discutiram com ele essa possibilidade futura, e até abriram a chance de ele empregar uma possível segunda etapa de vida em uma união esponsalícia com uma companheira também catalogada como antiga suicida. Ela se encontra também em trânsito e com um excelente aproveitamento. Mas tudo isso com a aquiescência deles de receber no lar quatro antigos companheiros dos vales dos suicidas, a quem se vincularam pelas dificuldades comuns. Este projeto está em andamento e aguarda tão-somente pequenos acertos e alguns desdobramentos favoráveis perante as instâncias superiores.

– Ora veja, Gersindo, que maravilha!

– Sim, maravilha mesmo. Eles receberiam no lar quatro outros antigos suicidas, como oportunidade bendita de prestarem prestimosa colaboração em um campo onde já viveram grandes quedas.

– Que grande oportunidade, Gersindo!

– É a misericórdia buscando sempre as melhores alternativas com vistas ao progresso de todos nós!

– Sim, sem dúvida. O primeiro provavelmente entrará na experiência física como portador de síndrome da Down, em razão dos comprometimentos com o passado, pois ainda não reúne condições de compor um modelo fisiológico perfeito. Trata-se de um companheiro de muita inteligência, de grandes conhecimentos na área das ciências físicas, mas que abstraiu Deus de seu contexto de vida, julgando-se superior a tudo e a todos, e inclusive de entrar e sair da carne conforme a sua vontade, daí as marcas que ele muito provavelmente carregará.

– Mas quando isso se resolve?

– Essas coisas não nos pertencem, querido Gomide. Esperemos no mais alto e, no dia aprazado, seremos comunicados. É certo que todas as decisões visam atender exclusivamente aos interesses evolutivos do ser. A Justiça não é seca nem tampouco inflexível e inquebrantável. Sobre tudo prevalecem os códigos da misericórdia. Saibamos aguardar.

– Gomide, e como anda Isabel, a sua amparada?

– Não tenho poupado esforços para isentá-la da presença nefasta do pai. Veja que o nosso irmão Hugo, a despeito de todos os nossos esforços, continua chegando em casa sob os efeitos nefastos do álcool, e levando consigo um prodigioso séqüito de más companhias, que transformam todo o ambiente em um pardieiro. Eles tiram o sossego de todos, perturbam, agridem, causam as maiores confusões, lutam diuturnamente para a separação do casal, pois dessa forma ficarão mais livres para dominar o nosso Hugo. Com isso, nossa Isabel tem ficado muito abatida, vem adoecendo com freqüência. Eu já te contei de sua estrutura física muito debilitada, muito fraca devido a um severo comprometimento perispiritual com o mesmo álcool no passado recente. Todos ali fazem parte de um bolsão de alcoólatras em busca de regeneração.

– Eu já imaginava.

– E, pior, essa horda tem sugerido a ela comportamentos menos dignos ligados também ao alcoolismo, ao que a pobrezinha vem resistindo bravamente, ajudada pela mãe, que por sua vez tem se albergado lá na igreja com o padre Julião. Diga-se de passagem que a sua acolhida e os seus conselhos consoladores têm sido a nossa tábua de segurança. Trata-se de um sacerdote muito digno na religião que abraça e muito envolvido com a comunidade a que serve. E, assim, temos nos associado a ele no sentido de lançar todos os recursos disponíveis para que possamos lograr êxito nessa empreitada.

– Gomide, se precisar de mim, estarei à disposição. Sempre estarei pronto para colaborar contigo.

– Ora, Gersindo, você sabe que não podemos prescindir da menor ajuda que seja e, precisando, te pedirei socorro na hora. Aliás, quem tem me ajudado muito é o companheiro Atos, que trabalha em uma Casa Espírita próxima daqui. Ele e o seu pessoal têm me dado um auxílio sem precedentes, e isso tem sido a nossa valia.

– Pois é. Conte comigo também.

Bem próximo dali estavam outros quatro protetores espirituais em animada conversa acerca de seus compromissos, e todos demonstrando uma profunda preocupação.

– Aldo, meu irmão, como anda a sua amparada Vicência? Tem conseguido superar os desafios ou continua com aquelas velhas preocupações?

– Que nada, meu querido Botelho, Vicência continua cada vez mais irresponsável, apesar de nossos constantes apelos para que ela busque outros caminhos para a sua vida. As pressões têm sido muito fortes.

– Aldo, e os pais?

– Alicio, temos feito de tudo para retirá-los da infantilidade em que estacionaram. O Gomes tem estado cada vez mais disposto às bebidas e às farras, que têm se tornado cada vez mais costumeiras em sua vida. Sai do trabalho e vai direto para o tal barzinho, joga o seu futebol e vai direto para o tal barzinho, passa os fins de semana direto no barzinho. A bem da verdade, ele tem virado uma garrafa ambulante. Realmente tem trocado insistentemente o “L” pelo “B”, ou seja de “L”arzinho pelo “B”arzinho, e isso tem sido terrível. Dessa forma, o seu ciclo obsessivo tem se apertado cada vez mais, já que os espaços cedidos são cada vez maiores e os seus terríveis controladores encontram cada vez mais campo de ação. Na realidade, temos feito o possível. Estamos nos esforçando ao máximo, mas, como você sabe, se não houver um claro esforço e uma decisão firme por parte de todos aqueles que se encontram diante dessas pressões, se não houver muita determinação e vontade, as coisas ficam cada vez mais difíceis.

– É, meu caro Aldo, se não houver esforço, determinação e vontade férrea, toda a ajuda vai se tornando inviável. É o álcool, meu querido irmão, essa hidra perversa que impiedosamente vai dizimando lares e vidas por onde quer que passe! É o álcool esse ópio livre que grassa cada vez mais inclemente. Veja você que o nosso Marquezano, outro dia, nos disse que somente aqui nesse educandário cerca de 40% das famílias vivem às voltas com esse impiedoso verdugo.

– Alicio, temos estado muito atentos, pois os planos desses verdugos

implacáveis para a destruição do lar baseiam-se em três pontos fundamentais. Em primeiro lugar, levar a nossa Carlinda, a mãe de Vicência, à prática da infidelidade conjugal plena, e daí colocarem o lar totalmente à deriva, e dessa forma provocar um grande cataclismo na família. Em segundo lugar, arrastar o Gomes, seu pai, aos mais elevados níveis de alcoolismo, visto que são bons conhecedores da ficha cármica de nosso irmão, por essa razão eles sabem perfeitamente que as possibilidades são amplas diante de um mínimo esforço.

Em terceiro lugar, cumprido esses intentos macabros, eles acham mesmo que será facílimo levar a nossa Vicência rapidamente ao suicídio, motivada pela desilusão, já que o alcoolismo vivido também por ela há pouco tempo faz com que ela traga consigo uma predisposição depressiva altíssima. Assim, a nossa Vicência, que já traz consigo profundas fraquezas no campo moral, vendo a família toda aniquilada e desbaratada, e não tendo muitos recursos com os quais contar, e assistindo aos pais se digladiando ferozmente, fatalmente não suportará e as largas brechas já sulcadas em sua personalidade serão espaços pródigos que a encaminharão facilmente para essa fuga insidiosa sem nenhuma resistência.

– Meu caro Aldo, não podemos permitir que esse planejamento macabro siga tranqüilamente o seu curso. Providências urgentes precisam ser tomadas. E pode contar comigo! Madalena é uma menina muito tranqüila e não me exige grandes esforços em sua condução. Assim, posso canalizar todo o tempo disponível para ajudá-lo na assistência à Vicência. Meu amigo, conte comigo!

– Ora, meu bom Alicio, já ia mesmo te pedir socorro, tanto a ti como aos outros amigos. Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance, mas, entretanto, temos de contar também com a aquiescência e a colaboração efetiva dela, senão todos os esforços encaminhados em sua direção serão inócuos, tu bem sabes disso. Estamos buscando de todas as maneiras colocar no caminho dela o Otaviano, filho de uma família bem estruturada e que tem um embasamento evangélico doutrinário nas lides espíritas muito bom. Esse jovem me foi apresentado pelo seu protetor, o Cinésio, conheces? E já nos reunimos com ele em algumas oportunidades durante o sono. Ele já se comprometeu a nos ajudar, levando-a

para conhecer e freqüentar a mocidade espírita “O Consolador”, o que já aconteceu por duas vezes consecutivas.

– Ora, Aldo, não me deixe curioso. Diga-me os resultados.

– Meu bom Alicio, Cinésio e eu fomos pessoalmente, juntamos Otaviano e a nossa Vicência por duas vezes e demandamos às atividades da mocidade “O Consolador”. Foi um sucesso, embora as dificuldades ainda persistam. No dia em que lá chegamos, o tema era “Valorizando a Vida”, uma abordagem filosófica repleta de Evangelho e de muito amor, e isso tocou profundamente a nossa Vicência, que ficou maravilhada com tudo o que viu e ouviu. Logo ao chegar, foi muito bem recebida.

Você sabe que ela é extremamente carente e logo se sentiu amparada, amada, entre irmãos e maravilhou-se com as músicas evangelizadas e repletas de grandes ensinamentos. Maravilhou-se também com as demais atividades: a comissão de artes, o coral, a turma da evangelização, adorou a comissão de estudos e ficou muito pensativa em relação ao convite que lhe foi feito para participar da distribuição de alimentos aos necessitados. Ela se propôs voltar e voltou mesmo! Mas as pressões sobre ela têm sido terríveis nestes dias que se seguem. Você não imagina o que tem tido de pressão na casa de nossa Vicência!

– É, eu posso imaginar.

– Veja você que o Arquibaldo, aquele companheiro em desalinho, ficou feroz, aliás ponha feroz nisso. Ele até convocou uma reunião de emergência com alguns de seus colaboradores mais diretos e seus superiores para fazer um relato dos acontecimentos.

Nós também estivemos anonimamente lá para nos inteirar do que estava sendo tratado. Arquibaldo estava desesperado, pois a nossa Vicência, com essas duas idas à mocidade “O Consolador”, aumentou e melhorou consideravelmente o seu nível vibratório, saindo com mais facilidade das faixas de sintonia desses nossos irmãos. Lá, ela aprendeu um hino que tem se fixado em sua acústica mental, de forma que por esses dias Arquibaldo e sua turma não têm conseguido interferir em sua sintonia, já que o alinhamento mental dela saiu dos níveis inferiores e tem estado em estágios aos quais eles não têm acesso.

– Aldo, não me ponha mais curioso, conte-me tudo. Afinal de contas, apesar de ser guia ainda tenho as minhas curiosidades, e preciso também ficar bem informado para poder ajudá-lo melhor!

– Ora, Alicio, nessa reunião das “Más Intenções” eles decidiram por três medidas que julgaram ser suficientes para não deixar Vicência lhes fugir das garras.

– Conte-me, Aldo.

– Em primeiro lugar, eles colocaram junto do Gomes, o seu pai, mais alguns companheiros inconscientes, mas que vivem fixados às faixas do alcoolismo. Querem que ele seja instigado a beber ainda mais, e ordenaram que ele fosse colocado cada vez mais nervoso, agitado e agressivo. Como se isso não bastasse, reforçaram as pressões sobre a nossa Carlinda, a mãe, requerendo que ela viva cada vez mais os apelos da sexualidade e, dessa forma, acreditam que em pouco tempo o lar estará desfeito. Eles acreditam que Vicência, vendo as coisas piorar dentro de sua estrutura familiar, creditará isso à sua presença na mocidade e pensará que seus esforços não estão dando resultado ou, até mesmo, piorando as coisas. Daí ao afastamento total será uma questão de muito pouco tempo.

– E aí, Aldo, como vamos fazer?

– Ora, Alicio, bem sabes que se torna uma questão complicada, pois essas falanges estão atacando pessoas que são altamente comprometidas com os campos a que se entregaram, e assim têm a ampla vantagem de uma sintonia perfeita. Dessa forma, o processo de auxílio torna-se bem mais difícil. Tenho estudado diuturnamente tal situação. Tem que haver uma saída.

– Meu caro Aldo, a curiosidade movimentada no bem é sempre esclarecedora. Veja que, tendo conhecimento pleno da situação, posso ajudá-lo. Eu te ouvi, analisei e já sei a saída para essa situação! Vamos à Casa Espírita “A Caminho da Luz”, onde se encontra a mocidade “O Consolador” e vamos levar a questão diretamente ao seu mentor. Eu o conheço, já precisei de seus préstimos numa ocasião. É o irmão Carimélio, um velho amigo nosso, de quando ainda me encontrava em preparação para as atividades de hoje. Vamos lá, vamos sem demora.

Alicio e Aldo seguiram para o templo espírita “A Caminho da Luz”, e logo à porta foram recebidos pelo seu responsável, o venerável irmão Carimélio, sempre muito alegre, sorridente e meigo em sua acolhida, mas um companheiro extremamente exigente quanto às responsabilidades cristãs.

– Paz e alegria, meus bons amigos Aldo e Alicio! Eu já os esperava aqui faz tempo. Aguardava tão-somente que vocês desenvolvessem as buscas pelas soluções que podem ser viabilizadas para ampararmos a nossa Vicência. Vejam que desde que ela aqui chegou, como todos os que aqui chegam, fizemos um amplo levantamento de sua situação e de suas necessidades e também temos os nossos planos estratégicos para executar diante das investidas de nossos companheirinhos ainda em descompasso com a harmonia universal. Naquela reunião em que você, Aldo, e o nosso irmão Cinésio compareceram, alguns de nossos trabalhadores também estavam lá monitorando os acontecimentos. Baseados nos fatos que lá se sucederam, temos também um plano estratégico

para pôr em ação diante das investidas de seus perseguidores.

– Irmão Carimélio, fale-nos a respeito dele.

– Queridos irmãos, temos de trabalhar recursos que atinjam também a nossa Carlinda, porque se a deixarmos, aí teremos dois contra um, ou seja, Carlinda e Gomes insulados pelos nossos irmãozinhos contra a nossa Vicência. Mas veja que, se nos voltarmos também focando os nossos objetivos sobre Carlinda, teremos também dois contra um, mas aí será diferente, teremos Carlinda e Vicência versus Gomes. Duas companheiras buscando se desvencilhar das teias obsessivas e se direcionando ao bem. E Gomes, que, a nosso ver, ainda precisará de muitas dores e muitas lágrimas para entender o real sentido da experiência humana.

– Meu caro Carimélio, se bem conheço o quadro, acho que demover Carlinda de seus intentos não será nada fácil.

– Ora, meu nobre Alicio, nada há que o Evangelho não seja capaz de transformar. Nossa Carlinda, em razão dos seus vários desvios emocionais nos últimos tempos, já se encontra a caminho de uma enfermidade já manifesta em seu organismo. Ora, vamos tão-somente acelerá-la, apressá-la. Assim, em breves dias, ela manifestará muitas dores na região uterina com fortes contrações, que nós manteremos e sustentaremos como uma sintomatologia difusa e incerta. A isso, meus irmãos, poderemos chamar de dores “despertamento” ou, se quiserem, “A cura através da doença”. Dessa forma, as intensas dores e o constante insucesso nos processos de cura irão muito rapidamente trazê-la a nossa Casa na esperança de encontrar um tratamento eficaz. E nós a reteremos aqui por um longo período para o tratamento espiritual.

Teremos orientadamente algumas melhoras para fortalecer-lhe o otimismo e

outras recaídas sempre que se façam necessárias. E assim pretendemos agregá-la ao nosso ciclo de estudos aqui promovidos por meio das muitas palestras, o que irá lhe gerar algum alívio. Alívio, meus amigos, não estamos falando de cura, pois se curar não volta nunca mais e aí todo o nosso empenho não logrará o êxito necessário. Aliás, os coordenadores responsáveis pelos estudos destinados às reuniões públicas estão demais, sempre empenhados no despertamento de nossos freqüentadores. E, assim, têm se preocupado muito com a qualidade de nossas atividades, e isso tem nos trazido muitas vitórias e maravilhosas alegrias.

Acreditamos que ela, ouvindo verdades novas, possa pouco a pouco melhorar o seu nível de sintonia. Assim, psiquicamente, poderá se desfazer do atual quadro de sintonia ao qual se encontra presa. Quando ela ficar mais liberta dessas influências, teremos como interferir diretamente em seu comportamento, e em pouco tempo nós é que daremos o golpe de misericórdia.

– Irmão Carimélio, por favor, não me deixe ainda mais curioso. Fale-me logo desse tal golpe de misericórdia.

– Caro Aldo, é muito simples. Aqui Jesus é a porta e Kardec é a chave. Tudo em nossa casa se concentra em Jesus e Kardec. Assim sendo, encaminharemos nossa irmã Carlinda para duas atividades importantíssimas que desenvolvemos. De início, localizaremos nossa irmã no curso do “Evangelho no Lar”, com o objetivo de instituirmos Jesus em seu lar. Em seguida, a convidaremos para participar conosco do estudo sistematizado acerca das obras de nosso irmão André Luiz, trazidas por intermédio da mediunidade do Cândido Francisco do Amor Xavier. E assim levaremos a nossa irmã a percorrer as páginas luzidias de “Nosso Lar” até desembarcar “No Mundo Maior”.

Nossa irmã terá oportunidades magníficas de fazer um maravilhoso curso intensivo de “Preparação Ético-Moral para uma Nova Era”, melhor entendendo as responsabilidades maiores com vistas à imortalidade da alma, o que lhe permitirá corrigir os próprios rumos e reordenar sua caminhada. Amigos, André

Luiz é maravilhoso e tem feito prodígios em nossa Casa. O nível de aproveitamento dos irmãos participantes hoje é superior a oitenta e cinco por cento em termos de crescimento e reorganização espiritual. São trabalhos já com vistas à Nova Era!

– Irmão Carimério, e a doença de dona Carlinda?

– Amado Aldo, não existem doenças, apenas mecanismos de cura atendendo às necessidades da alma.

– E o Gomes?

– Olha, meu querido Aldo, tudo aquilo que se encontra além de nossa capacidade e condições devemos nos limitar a entregar nas mãos de Jesus, pois Ele certamente cuidará pessoalmente do nosso companheiro por meio dos sublimes mecanismos do tempo. Por ora, façamos a nossa parte e façamo-la bem. Saibamos fazer a entrega ao Sublime Peregrino de tudo aquilo que esteja além de nossas forças ou acima dos nossos acanhados recursos. Meu irmão, entreguemos o nosso Gomes aos bancos da misericórdia, eles saberão como albergá-lo em sua infinita bondade.

Alicio e Aldo ultimaram as despedidas agradecidos de coração ao irmão Carimélio, prometendo voltar outras vezes para tratarem em conjunto de tão intrincado assunto.

Assim, Alicio também se comprometeu a acompanhar a sua amparada a todas as atividades do Grupo Espírita, onde também passaria a colaborar diretamente, ao que nosso companheiro e dirigente espiritual Carimélio demonstrou íntima

satisfação.

– Aldo e Alicio, foi uma alegria recebê-los em nosso Grupo. Voltem sempre. E que Jesus lhes seja a estrela guia, auxiliando-os diretamente em vossas responsabilidades!

– Carimélio, foi uma alegria conhecê-lo. Quero estreitar ainda mais os nossos laços e também participar mais diretamente das atividades do “O Consolador”. Que o Senhor seja sempre conosco!

Capítulo 4

O tempo avançava célere, e todos redobravam esforços dentro de suas responsabilidades buscando desincumbir dessas da melhor forma possível.

Assim, aquela instituição avançava em seus trabalhos e em suas responsabilidades, que não eram poucas. Era um lábaro bendito a acolher almas caídas nos infortúnios do caminho, e que tinham ali a oportunidade de melhor se moldar para o enfrentamento dos muitos desafios do futuro.

Salas de aula! Bendita seara, espaço de luz onde companheiros preciosos têm todos os dias a abençoada oportunidade de se redimir perante o passado delituoso. Local onde se abrem as portas para a reconstrução de si mesmos nos momentos maravilhosos de servir coletivamente, de abraçar a criança em suas necessidades de conhecimento e de amparar o jovem ensejando-lhe a chance de crescimento intelectual e moral, e a todos distribuir a semente luzidia do progresso.

Quantos companheiros falidos e necessitados das experiências coletivas encontram nessas salas de aula a rampa vigorosa e segura na forma de formosas oficinas de trabalho, rampas que lhes permitem alçar vôos mais altos.

Quantos úteros abortistas, quantos assassinos contumazes, quantos companheiros herdeiros da paternidade e da maternidade irresponsáveis encontram ali, naquelas salas, a chave de ouro para abrir as portas do progresso e definir a própria reconstrução pessoal!

Feliz o coração que ensina! Feliz o que distribui conhecimento a mãos-cheias! Feliz da voz que gorjeia o canto de amor dos imortais fazendo surgir nos corações ouvintes esperanças renovadas. Feliz das mãos rachadas e ressequidas do pó de giz, mas que por meio da didática da alma souberam manter os corações unidos e umedecidos no azeite viscoso da candeia que ilumina e garante a luz na sala dos conhecimentos!

– Marquezano, tenho andado muito preocupado com a fluência desses nossos irmãos mais infelizes por aqui. Veja você que aquele Miguelzinho tem vindo sempre para cá com a sua turma, e ficam por aqui como se estivessem totalmente livres e com o campo aberto para urdir suas atividades macabras.

– Ora, Yvanovick, não pense que a preocupação seja somente sua, pois há muito venho acompanhando essas movimentações por aqui e noto que eles têm se organizado cada vez mais. Eles também têm feito planos sofisticados e complexos para surpreender nossos irmãos alunos. Eu estou muito preocupado e não descanso um só instante. Tenho procurado orientar e alertar Eulália quanto a esse perigo eminente, e principalmente busco incentivar as orações no interior de nossa escola como um dos recursos disponíveis e dos mais eficientes. Marquezano, essa turma não é fácil!

– Eles são perigosíssimos e agem de forma bastante agressiva e dissimulada. Quando nos assustamos, eles já envolveram nossos meninos e daí, para resgatá-los, a coisa se torna muito mais complicada. A bem da verdade, é quase impossível mesmo. Tudo isso por causa dos níveis de dependência causados pela própria droga, o que por si só já se torna amplamente difícil. Somando-se a isso temos essa multidão de sonâmbulos a viver do lado de cá, todos com os tecidos perispirituais totalmente encharcados e entorpecidos, continuando a exigir novas experiências no campo dos entorpecentes. A passagem para o lado de cá não os isenta dos vícios e das loucuras de ontem. Ao contrário, acelera os desejos e potencializa os resultados. Vivem assim, mentalmente travados e adormecidos pela larga ingestão das drogas, mas ainda como dependentes psicológicos em potencial. E, por isso mesmo, a grande necessidade de se manterem conectados

aos encarnados que se situam na mesma faixa de necessidades, aos quais se plugam com extrema facilidade. Basta, para isso, que encontrem tão-somente alguma sintonia nas linhas das drogas, ainda que mínima, pequenas simpatias, mínimas disposições ou até mesmo pequenos desejos vagos ou fragmentos miasmáticos existentes pela já utilização em qualquer tempo. A virulência do processo é muito alta, Marquezano!

– E fugir dessas pressões, quando instaladas, é sempre muito difícil. Somente com muita vigilância, redobrada perseverança no bem e a prática diária da oração do trabalho edificante.

– Paz e alegria, meus amigos Marquezano e Yvanovick. Muito me alegra poder estar com vocês. A conversação de vocês muito me interessa e pude captá-la com facilidade. É um assunto de urgência!

– Paz e alegria, irmão Urano, como andam as lutas?

– Meus irmãos, essa responsabilidade de cuidar de uma região não tem sido nada fácil, principalmente levando em conta a imensa legião de jovens que temos por essas bandas daqui. Somente desse bairro já são muitos, considerando ainda a existência desta escola, que se fixa também no ambiente de nossa modesta responsabilidade. Assim é que nossas obrigações se tornam mais complexas, sem falar nas outras instituições que aqui existem: as Casas Espíritas, as Igrejas e os Templos Evangélicos, locais onde existem vários trabalhos voltados para os jovens. Aí a coisa fica ainda mais complicada, meus irmãos. E assim não temos tempo nem para piscar, descanso mesmo acredito que só mesmo com uma reencarnação. Pior é que muitos ainda falam do descanso eterno. Na verdade, não sei por onde anda esse tal descanso, porque o que vejo aqui é trabalho, lutas, e mais trabalho, trabalho, trabalho e mais trabalho. Graças a Deus, porque o sentimento de inutilidade é triste. Maravilhoso é quando ainda nos sentimos úteis!

– Ora, Urano, ter a responsabilidade da condução espiritual de uma região inteira deve ser realmente muito pesado. Muito trabalho mesmo!

– Pesada, meus amigos, é a ociosidade. Com o trabalho tudo se torna leve.

– Meu amigo, ainda agora estávamos falando do bando do Miguelzinho, que tem tentando investir sobre nossa instituição.

– Nem me fale, pois temos o bando do Miguelzinho e o do Lopes Branco. Mas o que me tira o sono mesmo é o Cavalo Louco, esse é danado e de uma ferocidade incalculável. Agem diuturnamente em função do mal. Os dois primeiros são ignorantes e desviados do caminho do bem, mas ainda assim encontramos neles alguns sentimentos positivos, com amplas possibilidades de ser reconduzidos novamente ao caminho do bem. Mas o terceiro, meus irmãos, é terrível. Eles andam por aí aprontando mesmo e atuam em quase toda a região, com ligações com outros grupos de fora da nossa área de ação. Para eles basta encontrar alguma mente invigilante, rebelde, sintonizada com desavenças, mágoas, raiva, que eles montam mesmo, no sentido mais exato da palavra, e enlouquecem. Montam em seus cavalos e, quando esses acordam, já é tarde e somente restam as lágrimas, as dores e muitas confusões.

– Nem me fale, há alguns dias tivemos de recorrer aos amigos superiores no sentido de nos valerem aqui, pois estávamos sob ameaça de iminente ataque dessa turma terrível, que segundo apuramos anda sob o comando do Cavalo Louco. Vieram aqui em nossa escola porque queriam uma aluna nossa.

– Mas por que a preferência justamente por essa aluna?

– Eles a conheceram em uma dessas noitadas por aí e continuaram a acompanhar a pobre mocinha, e queriam porque queriam tirá-la daqui. Já tinham armado todo o circo para que ela matasse aulas e arrumaram até um espertalhão para encontrá-la e seduzi-la. E daí, para consumarem a sua primeira experiência no mundo das drogas, seria um passo inevitável e possivelmente sem retorno.

– E o que fizeram?

– Apelamos para a misericórdia, que nos enviou recursos magnéticos na hora da nossa oração inicial com os alunos, e eles foram expulsos daqui à custa de muito choque magnético e chispas de fogo. Naquele dia, houve uma inquietação geral na escola. Aliás, todas as vezes que eles se aproximam, o clima psíquico da escola se torna insustentável, necessitando de muita prece, concentração e interação fraterna.

– E a aluna?

– Ela está em casa até hoje. Nossos superiores preferiram submetê-la a uma infecção pulmonar, pneumonia. Esteve internada e ficará fora ainda mais dias, até que eles possam verdadeiramente esquecê-la. Graças a Deus, essa turma, devido à acanhada postura espiritual e o baixo padrão vibratório, não consegue localizar a sua residência. Mas até hoje temos visto vários integrantes do grupo Cavalo Louco nas imediações da nossa escola, investigando sobre a sua presença, pois não concordam de maneira alguma em tê-la perdido. Acreditamos que daqui a alguns dias eles desistirão e aí poderemos retornar com ela.

– Bendita doença, Marquezano!

– Urano, tudo tem um fim positivo, pena que não percebamos as finalidades. Nada nos acontece sem que tenha uma finalidade positiva.

– Sim, meu querido amigo, só o bem é real.

– Veja você, amigo Yvanovick, temos andado em apuros por aqui.

– Diga-me, Urano, por quais motivos?

– O Miguelzinho, tão logo se viu desencarnado, tomou conhecimento de sua real situação. Antes mesmo que conseguisse se separar dos despojos físicos, já havia iniciado suas investidas. Ainda nessa aparência horrenda, que todos conhecemos, ele continua a agir impiedosamente. Agora, ele tem estado muito próximo do Cavalo Louco, que lhe explora a inteligência fértil, e eles estão tramando a morte do delegado Cristóvão.

– Do delegado Cristóvão?

– Sim, eles vêem nele um impedimento, um empecilho para as suas ações por aqui, pois o delegado tem agido diretamente nas origens das drogas, dificultando os trabalhos nos dois planos da vida. Isso tem diminuído as ações dos grupos de encarnados e dos bandos de Miguelzinho e do Cavalo Louco. Por isso eles andam possessos com o delegado e sua equipe. Querem matá-lo de qualquer forma.

– E o que vocês têm feito?

– Em primeiro lugar, convocamos uma reunião extraordinária para uma conversa muito franca com os protetores de todos e os aconselhamos a acionar seus protegidos a ficar o mais próximos possível da fé, a orar, a ter sempre posturas mentais equilibradas e a se manter mais em seus lares quando estiverem de folga ou fora do serviço. Graças a essa intermediação, Cristóvão tem até ido ao Centro Espírita lá do pessoal da Luz, para tomar passes e, vez por outra, ele fala com alguém: “Estou pressentindo alguma coisa no ar”.

– Nossa, a coisa está mesmo complicada!

, pois mantêm todo o grupo do delegado Cristóvão fora do alcance dessas feras, uma vez que a postura mental é tudo. Se eles estiverem mentalmente vigilantes e agregados ao bem, definitivamente ninguém se interporá entre eles, pois a mente é tudo, e a mente vigilante forma barreiras intransponíveis. Mas aí surgiu uma nova complicação, e essa difícil de resolver.

– Sim, Urano, conte-me.

– Veja você, Marquezano, que os integrantes do bando do Cavalo Louco estão tentando inserir um companheiro na equipe do pobre do Cristóvão. Trata-se de alguém sem nenhum ganho moral e totalmente despido de senso de equipe. Apesar de ser policial, ele vive em amplas vinculações com esses comensais das trevas. E eles intentam, por intermédio dele, conseguir atingir o nosso Cristóvão numa operação qualquer.

– Meu irmão Urano, as coisas estão para lá de graves, então, pois o delegado

Cristóvão e a sua valorosa equipe são a resistência encarnada em nossa região. Por que não levamos esta questão ao nosso companheiro Carimélio?

– O nosso Carimélio vem nos dando uma grande contribuição nessa questão, mas as coisas não são tão simples quanto parecem. Existem outros aspectos a serem observados.

– Ora, Urano, eu achava que somente este colégio já tinha questões de sobra...

Neste instante, o nosso irmão Carimélio apresentou-se diante deles, chamado por suas citações. Aliás, o pensamento é força e, onde quer que se manifeste, cria laços de sintonia. Por intermédio dele formamos o nosso mundo, criamos o nosso ambiente e elegemos as nossas companhias. O pensamento forma um campo de força irresistível e arrasta para si os mais complexos campos de vibração onde existam reciprocidade, levando aos outros as nossas expressões em sentimentos. Por isso, a todo instante estamos operando ligações espontâneas e reflexas e sinalizando o piso de nossas vibrações, por mais íntimas que sejam.

– Paz e alegria, meus irmãos!

– Paz e alegria, querido Carimélio!

– Meus amigos, temos laborado dentro dos mais aguerridos esforços para ajudá-los nessa tarefa, entretanto os nossos esforços têm esbarrado nas limitações de recursos existentes. Mas temos certeza de que em pouco tempo vamos superá-los e, assim, lograremos êxito. Solicitei a colaboração de nosso irmão Palminha, amigo, trabalhador nas lides da mediunidade e já atuante nesse desafio. Assim, em muito breve tempo teremos novidades quanto ao Cavalo Louco e seu bando.

Na verdade, tentamos resolver a questão em nossa casa, mas vimos que as dificuldades que ainda possuímos são muitas. São limitações até mesmo no campo da mediunidade, e somente o Palminha poderia lhes dar a explicação exata de tais impedimentos. Vejam vocês que, na última reunião, nossos superiores nos disseram que estima-se que hoje setenta e três por cento dos trabalhadores das lides mediúnicas estejam com os canais emperrados, e isso por vários motivos. Por essa razão, trabalhos importantíssimos deixam de ser realizados ou são adiados sine die, o que é uma pena e complica ainda mais a situação.

– Como assim emperrados?

– Segundo nossos superiores, isso acontece principalmente pela falta de conscientização individual e de grupo em torno do que realmente representa a mediunidade em termos da lei do progresso. Na realidade, falta uma melhor preparação dos grupos em torno de estudos, profundidade e objetividade em relação ao tema.

– Mas por que isso ocorreria?

– Justamente pela infantilidade que ainda impera sobre uma gama enorme de grupos. Muitas vezes vemos mais ilusões e fantasias do que propriamente compromisso, entrega responsável e busca assídua da realidade. Tem faltado mais objetivo direto, e isso por desconhecimento mesmo. Alguns por causa de disputas internas, congelando auspiciosos projetos em função dos elevados níveis de vaidade. Outros vivendo ainda o tempo das competições mesquinhas e das irresponsabilidades. Somam-se a isso o despreparo de muitos dirigentes e doutrinadores e uma fragilidade muito grande quanto aos companheiros que atuam como vibracionais, onde muitos se acham inúteis e outros nem mesmo sabem por que estão ali.

– Meu Deus!

– É, meu amigo, sem conhecimento, dedicação, responsabilidade, folha de serviços no bem não iremos a lugar algum. Aliás, mediunidade das mãos vazias ou trabalho mediúnico sem vinculação às tarefas da caridade são como as bijuterias, maravilhosas, mas sem valor intrínseco e extrínseco.

A mediunidade não pode prescindir da folha corrida de seus profitentes. Por isso, temos incentivado as casas que participamos e as em que atuamos diretamente a um urgente retorno, principalmente no que diz respeito ao Pentateuco de Luz, um revigoramento substancial em torno de Allan Kardec, sem demora e titubeios. Também temos incentivado a busca a Emmanuel, principalmente no que se refere a sua feição evangélica, Pão Nosso, Vinha de Luz, Fonte Viva, Caminho Verdade e Vida, Agenda Cristã, Palavras de Vida Eterna, estes, meu querido amigo, são estudos obrigatórios. Temos quase exigido um retorno sem maiores delongas a André Luiz, dentro de métodos seqüenciados em um processo sistematizado. De nada adiantará abrir e multiplicar conhecimentos se não avançarmos em conscientização! Joanna, imprescindível!

Como falar, entender, participar e atuar com a mediunidade sem as contribuições luzidias de Manoel Philomeno, sem João Cleofas, sem Marcos Prisco e as elucidações oportunas de nosso Hammed? O material está todo aí, necessitando tão-somente de maior busca, empenho, dedicação e determinação. Vontade determinante em servir com amor!

– Olha, e por falar em Palminha, veja quem está chegando!

– Seja muito bem-vindo, querido irmão, paz e alegria!

– Paz e alegria! Que o Senhor Jesus nos abençoe a todos!

– Ora, querido irmão, estávamos falando justamente sobre nossas dificuldades de atender às necessidades imperiosas em torno de Cavalo Louco e seu bando, mas que já estamos providenciando alternativas, e muito em breve estaremos com essa situação solucionada. Aliás, expliquei para nossos irmãos as dificuldades do momento lá em nossa Casa, e que você ficou de nos auxiliar.

– Pois não, querido amigo! Meus irmãos, esta questão tem sido tratada diretamente por nosso querido Bezerra junto a Ismael. Scheilla tem participado e nos mantido informados acerca das decisões e das providências a caminho. Cavalo Louco é um líder que tem atuado em toda a nossa região com uma ferocidade descomunal, desde que desencarnou em um bravo confronto com a polícia, há trinta e sete anos.

Ele vem reassumindo gradativamente a sua antiga identidade, imerso na consciência de temido bárbaro e, conseqüentemente, vem se tornando cada vez mais agressivo em suas ações, todas amplamente despidas de qualquer sentimento, por menor que seja. Sua tática é chocar, assustar, levar o pânico e o medo, disseminar a insegurança em todos os setores e, sobretudo, construir um amplo condomínio onde possa imperar a desarmonia.

Por meio dessas ações, ele sonha em estabelecer o seu domínio. Trata-se de antigo assaltante de estradas, contumaz desde os tempos idos do império egípcio, vivendo de saques e da escravização. Mercenário, sempre viveu das guerras e dos despojos de guerra, vendendo e comprando escravos, destruindo lares e fazendo homens livres reféns de suas garras impiedosas.

Tendo sido colocado em uma cadeira de rodas para que pudesse ter as mais amplas oportunidades de redenção, tão logo se viu consciente, ainda que

limitado em suas ações, tornou-se a cabeça pensante do crime por aqui, explorando o comercio ilícito das drogas, a prostituição e os jogos de azar. Assim, passando quase despercebidamente, formou um verdadeiro exército sob o seu comando, liderando assaltos e financiando extensa rede de contrabandos. Hoje, ainda tenta, com algum êxito, comandar encarnados presos às mesmas viciações, e centenas lhe servem de médiuns em potencial, para que possa materializar suas bestialidades. Ele se alimenta do sofrimento e do desespero alheio! Em razão de seu desencarne, ele tem ódio mortal de policiais, e tudo faz para matá-los e semear desconfianças e intrigas entre eles. Além, é claro, de sempre manter seus comparsas encarnados atentos às possíveis investidas dos policiais. Ele é o inimigo número um de nossas forças militares e paramilitares e se compraz em destruí-las. Outro dia, comandou pessoalmente alguns de seus comparsas num sangrento conflito com a policia, no qual, se não fosse a intervenção providencial da misericórdia, vários companheiros teriam sido executados em uma emboscada.

– Irmão Palminha, nossos companheiros policiais precisam orar mais, ter mais fé e buscar mais a Deus em sua vida para não se verem presas dessas investidas, não é mesmo?

– Ora, Marquezano, nossos companheiros policiais atualmente têm recebido bônus espirituais quadruplicados pela função que exercem, mas temos lhes aconselhado a estar sempre atentos, alertas, fora das farras e buscando os seus templos de fé, sejam quais forem. Toda manifestação consciente da fé é muito digna e oportuna nesses instantes. Em algumas áreas, a misericórdia divina tem destacado até três protetores para cada irmão militar, pois, se assim não fosse, teríamos já uma carnificina, e muitos desses companheiros trabalham diretamente próximos do bando de Cavalo Louco.

– É, meu irmão, o momento é grave.

– Sim, Cavalo Louco conta hoje com centenas de encarnados que seguem

piamente suas induções maquiavélicas orientadas para o crime, e que são aparentemente protegidos por seu bando. Ele possui outras centenas de auxiliares desencarnados que seguem o seu comando e vivem de tramar acontecimentos que venham a ser do agrado do seu comandante . Eles se ufanam por isso e galgam postos como recompensa por suas realizações malévolas. Contam também algumas centenas de companheiros robotizados, que são irmãos invigilantes que viveram de forma inconseqüente no mundo das drogas e que, de delírios em delírios, de devaneios em devaneios, acabaram por sucumbir, sendo apanhados pelo túmulo em precárias condições. E, assim, são impiedosamente escravizados por essas mentes vigorosas no mal e submetidos a um profundo transe hipnótico e sustentados pelos miasmas exalados nos locais nos quais as drogas são consumidas em larga escala.

– Irmão Palminha, temos de ajudar o delegado Cristóvão e a toda a sua equipe!

– Sim, Urano, e precisamos redobrar os cuidados em relação a nossa escola e nossos mestres.

– Sim, a bem da verdade, Cavalo Louco age com uma maldade sem par, sem escrúpulos e atua preferencialmente junto aos companheiros invigi-lantes, principalmente os jovens. Assim, quando estes apresentam quaisquer sintomas de um estado alterado de consciência, seja pela ingestão de álcool, seja por outra droga qualquer, eles simplesmente acoplam estes robôs aos invigilantes. A partir daí, essas mentes passam a girar em torno de um desejo contínuo de drogas e algumas de álcool e drogas, em uma necessidade sem fim, que é promovida pelo pensamento circular que interfere diretamente nas áreas epitalâmicas e vai lentamente anulando a capacidade de reação de nossos companheiros.

– Irmão Palminha, isso me provoca até calafrios.

– Para o bando de Cavalo Louco esses nossos irmãos usuários são chamados de “cavalinhos”, porque são transportadores de “robôs”. Alguns, dependendo do domínio já alcançado, servem como verdadeiras mulas para dois ou três ao mesmo tempo.

– Meu irmão, isso pode prenunciar o fim desses jovens?

– Sim, eles vão sendo então sugados em suas energias até as últimas forças e são dominados amplamente em suas vontades. Contudo, fazem o possível para não matá-los.

– Não desejam matá-los?

– Ora, claro que não, pois isso fugiria aos objetivos, já que interessa tão-somente manter o controle e expandir esse domínio. Na realidade, com um “cavalinho” eles buscam fazer novos “cavalinhos” e aumentar o número de futuras mulas. No caso daqueles que não suportam e sucumbem ao domínio cruel e impiedoso dos “robôs”, assim que a equipagem física cessa suas atividades com o devido desencarne, eles são arrebanhados para as tarefas e iniciados como novos “robôs”, começando aí um novo ciclo.

– Minha nossa!

– Valei-nos Jesus!

– O Cavalo Louco se alimenta vibratoriamente de sofrimento, desespero, raiva,

ódio, rancor, agressividade, maldade, barbárie. As mentes invigilantes que se permitem oscilar nessas faixas lhe fornecem farta alimentação, já que ele, por seu acanhado nível vibratório, capta esses miasmas na psicosfera em que se encontra.

– Que maneira de se alimentar, hein?

– Cada um de nós se alimenta daquilo que requer a alma... Mas, na realidade, o seu repasto preferido mesmo é o sangue e muitas vezes ele consegue em abundancia nos desastres monstruosos que costumeiramente vitimam as mentes invigilantes, desarmadas quanto às orações e com ações no bem despidas de fé e de compromisso cristão. Esses desastres, na grande maioria das vezes, ocorrem sob o estado de consciência alterado por meio da larga ingestão de álcool. Isso, para ele, é um convite ao banquete. Álcool, drogas e sangue formam o banquete preferido por ele.

– Nossa, Irmão Palminha, temos então de viabilizar os meios de detê-lo o mais breve possível, sem demora!

– Sim, caro Marquezano, mas esse tipo de individualidade requer cuidados especiais. São companheiros extremamente ardilosos e profundos conhecedores das movimentações fluídicas. Ele também tem os seus superiores, que o orientam, que o instruem e que também tiram proveito de suas ações. O nosso planeta está em transição. A evolução terrena está em um estágio no qual essas coisas também fazem parte e temos de conviver com elas. Vejamos a questão proposta por Jesus:

“ Propôs-lhes outra parábola, dizendo:

O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia a boa semente no seu

campo;

Mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se.

E, quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio.

E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe:

Senhor, não semeaste tu, no teu campo, boa semente? Por que tem, então, joio?

E ele lhes disse: Um inimigo é quem fez isso.

E os servos lhe disseram: Queres pois que vamos arrancá-lo?

Ele, porém, lhes disse: Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele.' Deixai crescer ambos juntos até a ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas, o trigo, ajuntai-o no meu celeiro." 1

Considerando a lição, precisamos nos conduzir com muita fé, ampla determinação e voltados unicamente ao interesse de amar e servir, entendendo que todos esses são irmãos do caminho em desalinho com as leis da harmonia universal e afastados momentaneamente das trilhas luzidias da fraternidade. Por isso mesmo, temos de tratá-los com muito amor e profundo respeito.

– Mas, irmão Palminha, qual seria o caminho mais seguro para sitiá-los em suas intenções?

– Ora, querido Alicio, nesses casos o mais indicado seria trabalhá-los por intermédio da mediunidade. Seria necessário levá-los a uma mesa mediúnica e lá, pelos processos próprios da doutrinação e pelo contato com uma equipagem mediúnica moralmente sadia, teríamos amplas condições de proceder a um esvaziamento na equipagem magnética que os sustenta, provocando o

esvaecimento imediato de suas forças.

– Então nos parece fácil.

– E, assim, estariam prontos a ser transferidos para a responsabilidade dos trabalhadores da Misericórdia, de onde seriam guindados aos campos de tráfego e, posteriormente, transferidos para outro plano mais ajustado à sua primariedade vibratória.

– Façamos isso, então!

– Ora, meu querido Aldo, as coisas não são tão simples assim. Precisamos de aparelhos mediúnicos adequados para lidar com essas faixas, e isso requer pesquisa e muito trabalho de ajuste. Estamos fazendo o possível. Já tentamos oito companheiros magneticamente indicados para essa atividade, mas, infelizmente, sem sucesso.

– Oito?

– Sim, Yvanovick. Para três deles bastou tão-somente se ultimar as ligações com os nossos irmãos asseclas de Cavalo Louco para que, no curso dos dias, houvesse uma recusa espontânea, inviabilizando assim uma perfeita adequação vibratória. Adoeceram em algumas horas e tivemos de desfazer a sintonia imediatamente, sob pena de uma piora aguda.

– Mas por quê?

– Ora, Aldo, alimentação inadequada, ingestão abundante de vísceras, o que causa uma intoxicação fluídica do campo mental e vibratório, provocando um amplo comprometimento da equipagem mediúnica. Isso, meu querido amigo, torna-se um banquete para o nosso comunicante, que terminaria em uma fagocitose, e poderíamos ter até mesmo um desastre em termos de afetação psíquica do médium. Por isso essas questões se tornam muito perigosas. Desaconselhamos totalmente a prática da mediunidade sem o devido conhecimento e preparo. Mediunidade é coisa muito séria! Para esses casos, precisamos contar com companheiros de grande educação alimentar, controle, harmonia pessoal, totalmente afastados das toxicidades do fumo e do álcool. Aliás, fumo e álcool inviabilizam totalmente quaisquer iniciativas, por mais simplórias que sejam. Mediunidade, álcool e fumo são pólos que não se tocam em hipótese alguma. Outros médiuns tornaram os esforços inviabilizados pela indisciplina no campo da sexualidade.

O desgaste desnecessário das energias genésicas inviabiliza as resistências do médium. Destacamos, também, a utilização da sexualidade sem a devida nobreza de sentimentos. Tal questão provoca grandes fendas na equipagem mediúnica, principalmente em se tratando desse tipo de atividade, em que há um dispêndio muito grande de energia vital.

– Não me diga!

– As forças que transitam nas atividades sexuais são pulsões de vida, energias extremamente criativas e, por conseguinte, geram um grande desgaste na equipagem física. Se forem gastas de forma desregrada e exagerada, acarretam sérios prejuízos. Podemos compará-las à doação de sangue entre os encarnados. Se o sangue for doado sob supervisão adequada, dentro de princípios científicos corretos e tendo, acima de tudo, uma finalidade nobre, haverá uma reposição quase que imediata, tranqüila, com perfeita absorção por parte do doador.

Entretanto, ninguém suportará uma sangria desmedida ou uma hemorragia sem controle. Ainda que as doações sejam feitas com fins nobres, não podem deixar de estar dentro das regras científicas adequadas. O sexo é acontecimento dos mais sérios a se verificar entre os homens! Ao medianeiro requer-se um amplo domínio de suas atividades sexuais, uma boa condução das energias que devem ser utilizadas nas vivências enobrecidas pelo coração engalanado de afetividade, e represadas todas as vezes que os compromissos à frente assim requererem. A isso chamamos de disciplina. Pena que muitos confundam com repressão. Não cabe ao medianeiro a abstenção da sexualidade propriamente dita, pois se trata de uma expressão profundamente sublime na coabitação das criaturas. No entanto, deve saber poupar as forças que vertem diretamente da alma, todas as vezes que as lutas assim exigirem. Assim como o atleta se poupa e se preserva diante de grandes desafios, reservando forças para as provas que se avizinham, também o médium deve se guardar para cumprir os compromissos assumidos diante dos desafios impostos pela mediunidade. Isso é disciplina ou mediunidade consciente. Os outros três médiuns foram tirados do planejamento logo no início, pois não eram companheiros confiáveis.

– Confiáveis?

– Sim, Alicio, são companheiros que, embora tendo uma compleição mediúnica perfeita para o tipo de trabalho, não são aqueles em que possamos confiar, pois estão sempre faltando aos compro-missos assumidos por mínimas coisas, totalmente injustificáveis. Pense bem, muitas vezes gastamos meses ou até anos para atingir o ponto de sintonia necessária para o pleno desenvolvimento das atividades programadas. Imaginem que no dia aprazado, com tudo pronto, tudo definido e na hora definitiva não podemos contar com o companheiro para o trabalho previsto! Improvisar? Nesse nível de atividade não cabe o menor tipo de improvisação. Ou se vai com confiança total ou não se vai. E daí, definitivamente, decidimos não contar com eles.

– Mas e eles?

– Ora, Marquezano, continuam aí. Se não servem para a construção, pelo menos vamos utilizando-os como entulho. O que não serve para alicerce, viga ou parede, serve para o enchimento. São os calhaus do caminho e, antes que eles passem a servir de pedra de tropeço, vamos dando-lhes ao menos alguma finalidade útil. O que é uma pena, pois serão considerados servos infiéis, até que a vida os desperte para as responsabilidades maiores. Mediunidade, meus queridos irmãos, é coisa muito séria. Lembremo-nos do amorável Jesus:

“Mas, qualquer um que escandalizar algum destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundeza do mar.” 2

No campo da mediunidade, afasta-te o quanto possas dos escândalos e guarda sempre para ti o lugar de tua insignificância. Ama, serve e perdoa sempre, pois as responsabilidades são imensas e as conseqüências inimagináveis por ora.

– Sim, querido Palminha, mas até quando ficaremos expostos aos devaneios do Cavalo Louco?

– Não estamos expostos de forma alguma, Yvanovick, pois somente estão sujeitas a ele as mentes invigilantes e que lhe abrem espaços de sintonia. Hoje não existem mais companheiros, em nenhum estrato da fé, que possam pretextar ignorância! Todos têm livre acesso ao Evangelho renovador. Todos têm ouvido falar em fé e todos têm sido convidados aos exercícios da paz e aos eflúvios maravilhosos do amor. A responsabilidade é pessoal.

– Irmão Palminha, aproveitando o ensejo de sua presença entre nós, quero lhe pedir pelo nosso companheiro Alicio e sua protegida Vicência, sua mãe, Carlinda, e seu pai, o Gomes. Gostaríamos muito de contar com o seu auxílio.

– Querido Aldo, felicito o seu coração pela interferência em favor do seu amigo. Saiba que é muito importante sairmos do egoísmo que nos mantém aferrados aos exclusivismos pessoais. Consideraremos com muito carinho o seu pedido, mas posso lhe assegurar que estudamos com Carimélio esta questão e já estamos em trabalho. Em breve tempo teremos as soluções que nos sejam necessárias. Queridos irmãos, a conversação está muito interessante e produtiva, mas outros compromissos me chamam, e tenho de me ausentar. Sendo assim, despeço-me de vocês com um até breve!

– Sim, meu irmão Palminha, mas quando teremos uma resposta do amigo quanto a essas questões tão aflitivas?

– Ora, meu bom Marquezano, tenhamos fé e entreguemos os encaminhamentos dessas questões a Jesus e aos seus prepostos, que com certeza estão muito mais empenhados do que todos nós. Enquanto isso, continuemos humildemente a nossa caminhada, sabedores de que tudo pode esperar. E, enquanto esperamos, façamos da espera um momento dinâmico, trabalhemos com todas as forças, pois somente assim a espera será menor.

– Paz e alegria!

---

1 - Mt 13,24-30

2 - Mt 18, 6.

Capítulo 5

As lidas sociais são intensas e as questões se multiplicam exigindo de todos nós uma extremada atenção e diligente dedicação, enquanto muitas vezes perdemos tempo em reclamações, queixumes indevidos, lamentações descabidas e muitas vezes cruzamos os braços à espera de favores para a nossa vida.

As dores e os muitos sofrimentos se alastram ao nosso lado, e nem os percebemos, pois nos enfeixamos nas cadeias de nossos interesses pessoais e deixamos que o senso egocêntrico fale mais alto. E assim perdemos largas oportunidades de sermos úteis à vida.

Pedimos e queremos sempre mais, quando, na realidade, nos preocupamos muito pouco com o nível e a qualidade de nossas doações à vida. Assim, improdutivos, vamos nos agarrando aos fios sutis tecidos nas teias da inércia, sem nem sequer perceber que a nosso lado milhares de companheiros clamam e sofrem, e outros tantos trabalham diuturnamente em nome da misericórdia, da mesma forma muitos inconscientes e inconseqüentes vivem a espalhar pânico e terror por onde quer que passem.

Os canais de doação são muitos: um abraço apertado e amigo, um sorriso fraterno e sustentador, uma palavra de consolo e de arrimo, a mão estendida na direção das convulsões sociais que sovelam a vida de muitos. Um pequeno gesto, uma doação, quem sabe um prato de sopa a mitigar a fome, um farnel de quitandas, uma bala para aplacar a sede de carinho de uma pobre criança, uma roupa conservada para abrandar a nudez, um calçado para proteger os pés de alguém que, na luta de cada dia, vagueia descalço pelas vielas do egoísmo. Uma oração movimentada pelo coração amoroso e desprendida, consciente de que a solidariedade é a viga mestra da fraternidade. E, para que haja fraternidade, é necessário aceitar os desafios de se multiplicar os talentos que jazem em estado

de latência dentro de cada um de nós. O mundo se encontra carente de talentos!

Infelizmente, observamos tantos talentos enterrados, improdutivos e inservíveis, sem a menor serventia prática nos campos da vida, que ensejaria a sua multiplicação tão esperada.Lembremo-nos de Jesus em sua assertiva inolvidável:

“Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez talentos.

Porque a qualquer um que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado.

Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.” 1

Não esperemos que chegue o dia das trevas exteriores, nos antecipemos ao tempo das luzes e saibamos nos desvencilhar das épocas de pranto e de ranger de dentes. Para que sermos os dificultadores da própria evolução? Sempre nos foi concedido todos os talentos necessários para que pudéssemos entrar triunfalmente no grande banquete da vida.

“Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita:

Vinde, benditos de meu Pai, possuís por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.” 2

A vida flui ao nosso lado nos convidando ao grande banquete da fraternidade, abrindo portas importantíssimas para o nosso crescimento e nos doando espaços maravilhosos para que possamos operar a multiplicação inadiável dos múltiplos talentos que nos foram concedidos.Mãos à obra!

Os dias passam de forma célere e o tempo é um passageiro apressado no vôo dos dias. A experiência física é um elemento volátil a desaparecer na palma de nossas mãos, na qual passageiros com chegada prevista desembarcam sorridentes nos aeroportos da vida, enquanto outros são convidados, muitas vezes sem prévio aviso, a efetuar a viagem de volta.

Embarques e desembarques são cenas do cotidiano produzindo circunstâncias de intensa euforia e alegria incontida, assim como de lágrimas e sofrimentos que se multiplicam, muitas vezes, de forma inenarrável. Há passageiros que chegam trazendo consigo as bagagens da esperança e aqueles que partem levando tão-somente a bagagem das realizações, que também lhes servirão de passaporte a ser apresentado na aduana de chegada em outras dimensões da vida.

Alguns chegam com grandes bagagens e outros tão-somente com algumas acanhadas malinhas, enquanto inúmeros aportam como indigentes. Estes últimos são os companheiros asilados da vida que, após desgastar todos os recursos disponibilizados ao longo de milênios, atingem posições lastimáveis, não existindo outro caminho que não o de viver sob os auspícios misericordiosos da bondade infinita.

Mas o certo é que todos nós trazemos o mapa da felicidade. Ninguém aqui comparece sem que seja alertado acerca do caminho da reconstrução, nos apontando a direção correta para a correção de curso e nos fazendo reencontrar o rumo exato das vitórias. Ninguém, mas ninguém mesmo, desembarca para o fracasso. Fracasso não existe nos códigos divinos! Muitos partem realizados, levando consigo grandes bagagens. Entre os muitos apetrechos, levam o êxito, o sucesso, a felicidade, o progresso e os louros das vitórias incontáveis. Outros partem levando consigo apenas pequenas bagagens de sucesso, e assim fazem a viagem de retorno tristes e com consciência em desalinho, sabedores de que poderiam ter feito melhor.

Uma enorme massa parte levando consigo apenas as imensas frustrações pelas derrotas sofridas, pelo descaso para com as oportunidades e a terrível sensação da falência quase completa. Entretanto, tanto a chegada quanto a partida são inadiáveis. Os viajores não podem pretextar ignorância, pois eles bem sabem que as chegadas e as partidas são apenas pontos de uma mesma viagem, e que a cada um cabe cumprir fielmente os planos previstos para cada estágio, atendendo aos imperativos da lei de progresso. Por isso, mãos à obra!

Não há nada que justifique a perda de tempo. Aliás, tempo por aqui é uma abstração extremamente cara. As lutas sociais avançam e os desafios se fazem cada vez mais intensos, não ensejando descanso e nem mesmo folgas, requerendo que todos nós estejamos engajados nos desafios de cada dia.

Aquele colégio continuava lá, como abençoado campo de lutas diárias a ensejar crescimento a todos os seus lidadores. As palmeiras pareciam insensíveis aos acontecimentos do dia-a-dia, talvez apenas preocupadas em agradecer carinhosamente à passagem do vento que lhes acariciava as extensas folhagens. Enquanto que o sol, em sua bondade infinita, parecia amparar-lhes docemente as necessidades de vitalidade e de luz, tocando-lhes carinhosamente com seus raios débeis característicos de um inverno que já se aproximava.

Naqueles pátios, companheiros dos dois planos da vida se misturavam em passos apressados e dinâmicos. Todos ali trabalhavam. Era um local de intenso labor, uma grande colméia onde as abelhas diligentes se esforçavam para produzir o maior néctar da vida, o amor. Ainda que se encontrassem diante da escassez das flores, todos somavam os maiores esforços possíveis para que o néctar do amor pudesse jorrar a mãos-cheias e em todas as direções, dulcificando vidas, arrimando corações e alimentando os dias com as bênçãos da esperança e da harmonia. A fraternidade, quando vivida conscientemente e com intensidade, sempre produz messes de amor.

– Carmindo, como tens andado em tuas lutas?

– Ora, Andréas, as lutas andam bem. Graças a Deus consegui resolver aquelas pendências que vinham me incomodando há muito tempo.

– Quais?

– A minha amparada, Carmezinha, há tempos vinha dando muito trabalho e muitas preocupações. Isso me tomou todo o tempo e também exigiu de todos nós grandes esforços e intensa concentração de forças. Veja você que esta menina, muito calma, muito tranqüila, de repente começou a romper com seus princípios de boa filha, boa aluna, boa amiga e de uma menina respeitável. Daí passou a se unir a outros companheiros que abundam por aí e começou a “matar” aulas seguidamente. E, pior, a ir lá para o parque do município. Ela entrou em uma rota comportamental perigosíssima, ficando plenamente exposta a influências perversas e de resultados difíceis

– Ora, Carmindo, mas existem justificativas para essas mudanças tão repentinas?

– Claro que sim, nada ocorre levado pelos ventos do acaso. Muito simples, meu Andréas, Carmezinha, simplesmente, com a idade atual, passou a fazer incursões involuntárias às regiões do inconsciente, que como bem sabes são as viagens anímicas, recuperando arquivos e reassumindo certos pontos da personalidade que até ali estavam adormecidos. Adormecidos, mas diga-se de passagem, isso à custa de muitos esforços empreendidos no período preparatório de sua nova experiência reencarnatória.

– E aí, como isto ficará para o futuro?

– Daqui para a frente prevalecerão as conquistas que ela própria trouxe no somatório das experiências provenientes das vidas sucessivas, acrescidas das conquistas efetivadas na atual experiência por meio do material oferecido pelos seus genitores. A isso soma-se também a contribuição de todos aqueles que participaram da sua experiência nos primeiros momentos.

– Nossa! Todos?

– Sim, meu querido Andreas, a passagem de quem quer que seja pela vida de uma criança sempre se reveste de profunda responsabilidade e ressonâncias recíprocas. A infância é a mais produtiva de todas as fases, e ninguém passa por ela sem anotar contribuições que permanecerão vivas para sempre. Algumas em forma de conquistas luzidias e, infelizmente, outras estarão por séculos, quiçá milênios, catalogadas nas páginas dos traumas infelizes e alimentando profundos sulcos neuróticos, o que tem deixado os profitentes das áreas “psi” em verdadeiro estado de pânico, em face da impotência dos procedimentos e dos cuidados viabilizados diante da recalcitrância das crises.

– E o que acha dos encaminhamentos futuros?

– Sinceramente, meu caro Andréas, me parecem mesmo ser os melhores possíveis. Ela contou até aqui, e em todo o período da infância, com um lar extremamente favorável e positivo em suas contribuições. Veja que seu genitor, o Júlio, uma pessoa extremamente amorosa e dono de grandes conquistas morais, sempre soube transferir bem esses valores para a filha. E isso foi conseguido no curso do tempo, em uma convivência sempre fraterna, amiga, com conversas freqüentes e intensa participação na vida da filha, sem intromissão nem desrespeito, além de largos exemplos vivenciados em sua vida cotidiana.

Podes ver que o nosso irmão vive distante das farras, dos vícios e é sempre otimista. Não leva para a sua prole as insatisfações e as inseguranças do dia-a-dia. Graças a Deus, nossa irmã Maria de Lourdes é abençoada companheira, com dedicação maravilhosa à sua profissão, a enfermagem, sociável com a filha, amiga, boa ouvinte, serena, conselheira, conhecedora dos arroubos da infância e da juventude. Assim, sempre junto ao marido, passa muita tranqüilidade aos filhos, permitindo que eles evoluam de maneira satisfatória. Ela tem sido uma mãe maravilhosa, longe das materialidades, das vulgaridades, dos modismos passageiros, tem levado a vida de maneira muito séria e equilibrada, deixando esses atributos fluir na direção de seus filhos. Nesses aspectos, temos uma paternidade amplamente responsável. Ambos trabalham com muita seriedade a fé. São católicos fervorosos e as crianças foram criadas desde muito cedo no ambiente da fé, na catequese.

Dessa forma, meu amigo, onde existe o amor a Deus, há concomitantemente o amor e o respeito à vida. Nesses períodos de dificuldades que enfrentamos com a nossa Carmezinha, tivemos o apoio muito grande do padre Carlos Manuel, aquele que durante muitos anos fora o pároco daqui, na capela de Nossa Senhora da Conceição.

– Sim, lembro-me muito dele!

– Ele, após desencarnar, pediu aos seus superiores para continuar a prestar serviços a nossa comunidade, no que foi prontamente atendido. E, assim, pude contar com a sua maravilhosa contribuição. Durante várias noites levamos a nossa Carmezinha a algumas entrevistas com o nosso irmão Carlos Manuel, que lhe chamou novamente à realidade.

– Então podemos dizer que você agora está de papo para o ar?

– Deus que nos livre a todos desse tal de papo para o ar. Trabalhar, meu querido amigo, é o atalho mais curto entre o ponto em que se está e o ponto a que se deseja chegar. Progredir sempre. Veja você que temos de continuar cuidando muito bem de nossa Carmezinha, que ainda terá uma série de desafios pela frente. Uma doença próxima está prevista, e que vai arruinar sua estabilidade física, produto de desatinos produzidos no ontem pelo desregramento em relação ao álcool.

– Mas não tem como evitar isso?

– Ora, meu amigo, bem sabes que a vida é ação e reação. Os desmandos de ontem fatalmente serão sorvidos em algum momento. Ela precisa desde há muito tempo proceder a limpeza de suas engrenagens perispirituais, e a misericórdia divina vinha protelando esse momento para que ela se preparasse melhor. Neste instante, ela já reúne plenamente as condições para mais este desafio. A misericórdia é sempre infinita. Ela, algumas vezes, reciclou experiências sempre com recidivas nessa área. Foi muito álcool consumido e, diga-se a verdade, estocado nas engrenagens perispirituais.

Por essa razão, foi necessário uma última passagem de dezoito anos pela experiência da hidrocefalia plena para que a nossa pequena irmã fosse chamada a amplos momentos de reflexão. E veja você que foi necessário cuidar para que a hidrocefalia fosse acompanhada de total impossibilidade de locomoção, para nos certificarmos de que ela não teria a mínima possibilidade de ir atrás da bebida. Somente assim pudemos lograr êxito, em um tempo maravilhoso para que a nossa companheira expurgasse grande parte dos resíduos alcoólicos agregados ao seu perispírito. Ainda assim muita coisa ficou para trás, e possivelmente requererá ainda um tempo considerável para a sua total limpeza.

– Nossa, quantos prejuízos!

– Isso tudo porque ainda se encontra sobre ampla supervisão da misericórdia. Apesar de amplamente presa ao alcoolismo, nossa irmã sempre foi devotada ao seu próximo e, ainda que em situações precárias, jamais deixava de levar alguns nacos de pão aos degredados das senzalas, colocando-se em risco, mas ainda assim matando a fome de muitos. Eu mesmo me encontro ao seu lado por puro agradecimento, e a acompanharei até vê-la vitoriosa. Isso eu prometi um dia e certamente cumprirei. Não me esqueço dos tempos em que vivi diante de minhas maiores necessidades. Já velho, jogado a uma senzala infame, como oportunidade bendita de refazimento. Foi ali que a encontrei e dali vem o meu carinho por ela, o meu agradecimento. Muitas vezes ela lá chegava embriagada, escondida, mas não se esquecia nunca de levar alguma coisinha para nós. Não esqueço o carinho com que ela me deu uma velha coberta que foi a minha valia nas noites intensas de frio.

– Mas, e ela, o que fazia lá?

– Era a mulher de dom Rafael Milagres, o sinhozinho. Vivia lá abandonada, embriagada, sob a zombaria de todos, enquanto ele tinha várias outras, bebia também, e muito, mas mantinha as rédeas. Ele sempre foi muito mau, imaturo, somente sabia beber, gastar e nos sovelar no tronco por qualquer coisa. Eram tempos difíceis, mas, sem dúvida, foi uma época maravilhosa para o processo das grandes reconstruções.

– Mas, Carmindo, você disse que virão tempos difíceis e sombrios com um futuro casamento, gostaria que me falasse sobre isso.

– Pois é, meu caro Andreas, nossa Carmezinha receberá o sinhozinho dom Rafael Ramiro Milagres de Santa Cruz e Assumar, que já se encontra também reencarnado. São parceiros de quedas desde há muito tempo. Ele também é um recalcitrante contumaz e traz consigo questões a serem resolvidas. Muito provavelmente serão anos de muitas lutas, de muitos sacrifícios, em que precisaremos ter o máximo empenho para que tudo possa correr da melhor forma

possível. Ela não tarda a apresentar problemas na região epigástrica, fruto do alcoolismo, o que deverá ser a sua grande problemática no futuro, com amplas possibilidades de evoluir para um tumor cancerígeno, dependendo de sua postura perante a vida nos anos que se virão.

– Então os horizontes serão de muitas lutas mesmo!

– E tudo isso somente tem sido possível porque ela é uma albergada da misericórdia, pois teve o seu processo reencarnatório totalmente assegurado pelos muitos curativos emergenciais localizados nas estruturas perispirituais.

– Mas e o nosso irmão dom Ramiro?

– Está sendo conduzido da maneira que pode, com todo o cuidado, mas as notícias de que disponho me dão conta de que já é um jovem muito dado às libertinagens, principalmente na área da sexualidade. E que, embora não tenha exemplo no lar, já vem pouco a pouco se degenerando e se aproximando perigosamente do álcool.

– Um complicador em potencial, hein?

– Claro que sim. Infelizmente, ele não tarda, com tais procedimentos, a fechar sintonia com os seus algozes de ontem e que o perseguem mentalmente. Esta conexão é rápida, já que eles dariam tudo para se aproximar dele novamente.

– Vinganças à vista?

– Nada disso. Sintonia pura e simples. Eram companheiros de copo de ontem, acostumados a beber juntos, a farrear e a cometer todos os tipos de desatino. Somente cinco são seus inimigos, todos pais de moças honradas que ele desonrou ontem, e que ainda hoje lhe cobram impiedosamente a traição e a malversação da confiança, arrastando a esses lares o sofrimento e a infâmia. Veja você que a folha de comprometimentos é ampla... Muito provavelmente ou ele será conduzido a um processo de loucura pelos seus inimigos, ou irá se transformar numa adega ambulante, ou ambos. E daí para o precipício é menos de um passo.

– Mas isso não teria outra maneira de ser resolvido?

– Claro que sim. Todos os esforços estão sendo direcionados para que a presente reencarnação de ambos seja um sucesso pleno. Para isso, companheiros prestimosos de nossa colônia aceitaram o encargo de recebê-los na qualidade de filhos, educá-los, exemplificarem ao máximo e prepará-los para os embates futuros. Entretanto, as lutas do porvir são cálices que eles terão de beber, eles e somente eles, pois se assim não fosse onde estariam os méritos? Onde estariam as conquistas? Onde estaria o amadurecimento? Onde estaria o aprendizado? As quedas são muitas vezes circunstanciais, levando-se em consideração o livre-arbítrio de cada um. Entretanto, o levantar sai do terreno das circunstâncias e entra para o domínio da lei. Amigo, jamais aja descompromissadamente para com a vida, pois esta sempre terá compromisso com você. E aquilo que plantarmos, com certeza teremos de colher. Lembremo-nos de Jesus, o Inolvidável Amigo: “ E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados.” 3

– Mas você continuará em sua missão com Carmezinha até quando?

– Meu amigo, daqui a mais ou menos três anos serei substituído, retirando-me de

meu posto. Retornarei ao ponto de origem para poder me preparar para uma nova imersão na carne. Aliás, digo-lhe sinceramente que já sonho com esse dia. Tenho certeza de que será maravilhoso!

– E já tem algum roteiro?

– Sim. Serei recebido no lar de dom Rafael Ramiro Milagres de Santa Cruz e Assumar e de Carmezinha.

– Nesse vespeiro de problemas?

– Meu amigo, o avançar somente se dá quando é trabalhado a muitas mãos. Nenhum de nós irá a lugar algum se companheiros prestimosos não nos socorrerem pelo caminho. Todo viajor precisa de apoio. Feliz de nós quando podemos dar a nossa modesta parcela de colaboração. Por isso, meu amigo, onde quer que esteja e como estiver, faça sempre amizades sinceras, produtivas, profícuas, pois elas poderão ser decisivas no amanhã. Amizades valem ouro!

– Mas o que realmente pretende fazer?

– Levarei comigo o compromisso de ser o elo entre todos, a paz na hora das guerras, o silêncio diante do conflito, a harmonia diante da confusão e a palavra sensata quanto faltar a prudência. E assim pretendo participar desse recomeço, que tenho certeza será vitorioso, dure quantos séculos durar.

– Mas você já não sofreu absurdos naquela senzala?

– Andréas, a senzala era da lei, conta minha, particular, intransferível. Agora é a minha oportunidade de luz, o momento do amor. Aliás, não te contei dos nacos de pão e daquela coberta que sinhazinha Dorotéia levou-me? Amor, meu amigo, se paga com amor!

– Nossa, mas que naco de pão e cobertor mais caros?

– O bem é sempre o bem onde quer que ele se expresse, e nos tornamos eternos devedores. Aliás, meu amigo, se algum dia passares fome e frio terás a verdadeira dimensão do meu agradecimento. O gesto de fraternidade, meu amigo, não tem preço.

– E se ainda assim a tua presença não lograr êxito?

– Tentaremos, então, um recurso extremo.

– Extremo?

– Já estou preparado para, se necessário for, viver um gravíssimo acidente e passar a conviver com a paraplegia quase completa. Às vezes, meu amigo, aquilo que não conseguimos demonstrar pelo amor, muitas vezes pela dor cumprimos mais facilmente o papel!

– Mas, correndo tudo bem, quanto tempo acha que ficara por lá?

– Se tudo for um sucesso, se ambos se reconciliarem e a caminhada se der a passos largos, retorno rapidamente, pois ainda temos muito trabalho por aqui. Trabalho, meu amigo, veja que nós não estamos para brincadeiras!

– Desejo-lhe muito sucesso!

– Olha quem vem ali! É o nosso irmão Urano e me parece preocupado.

– Paz e alegria, meus irmãos, vinha dali ouvindo a conversa de vocês, diga-se de passagem, bem interessante. Lembremo-nos de que a misericórdia se manifesta em todas as direções, e quanto mais nos aplicamos na senda do bem e do amor, mais o bem e o amor se convergem a nós. Por isso, meus amigos, não percamos tempo, matriculemo-nos o quanto antes nas escolas luzidias do trabalho para o grande aprendizado do amor, pois somente assim rasgaremos o véu de sombras que ainda nos mantém presos ao pó da terra. Já é tempo de nos libertarmos.

– Querido irmão, nos pareceu que vinhas um tanto quanto preocupado.

– Sim. Existem amplas possibilidades de um acontecimento muito pesado na madrugada que se seguirá. Fomos avisados para que também possamos participar, no caso de surgirem atividades emergenciais em socorro aos que ali farão o processo de desencarnação. Preocupa-me, pois o nosso Leivindo, o dentista aqui do bairro, estava listado para viver esse processo. Mas há três meses entramos com um pedido aos bancos da misericórdia, solicitando para ele mais um tempo na carne, em razão do excelente trabalho que vem realizando por aqui, junto à família e também perante a comunidade da região. Veja você que ele atende gratuitamente lá na igreja e também no centro espírita, e ainda produz a mãos-cheias em seu consultório, dispensando todo o carinho, consideração e

fraternidade.

– E qual foi a definição dada pelos bancos da misericórdia?

– Foi positiva. Visto que o nosso irmão tem tido uma excelente performance como pai, esposo e um odontólogo maravilhoso, concederam-lhe um reforço vital para mais vinte anos.

– Por que um reforço vital?

– A sua carga magnética de vitalidade, que lhe garante a expressão da vida, já estava mesmo no fim. Se, por ventura, ele sobrevivesse ao referido desastre, por não embarcar ou por não encontrar o momento fatal, algum pouco tempo depois ele iria fatalmente desencarnar por alguma doença, ocasionando a falência natural da vida física. Isso iria mesmo acontecer de qualquer maneira. Ninguém, meu amigo, dribla o planejado.

– Mas e agora?

– Estou aqui matutando uma maneira de tirá-lo dessa viagem. As malas já estão prontas, a passagem na mão e já ligou para as irmãs avisando que chegará pela manhã. Está tudo pronto!

– O que fazer, então?

– Estamos encrencados!

– Encrencados? A sugestão foi ótima e acho que já achei a solução. Vamos lhe arrumar uma encrenca das grossas, pois somente assim poderemos desviá-lo.

– Uma indisposição estomacal, uma dor, um mal-estar.

– Nada disso. Se bem o conheço, Leivindo é um homem de palavra. Se ele disse às irmãs que estaria lá pela manhã, embarca até desmaiado só para cumprir a sua palavra.

– E então, o que fazer?

– Uma queda do Guilherme, coisa à toa. Será somente uma pequena queda da bicicleta, um inchaço na cabeça, alguma confusão mental, hospital, neurologia, apreensão, sala de observação, e passada a hora do embarque tudo voltará ao normal. Mas, enquanto não passar a hora, deixaremos a coisa tensa. Hoje falará mal do Guilherme o dia inteiro, como é de seu costume quando alguma coisa lhe afasta do cumprimento de suas obrigações. Falará até ficar com a alma cansada, mas amanhã o agradecerá, colocando para fora toda a sua alma sempre muito leve, feliz e agradecida ao filho e contará a todos que o pequerrucho salvou a sua vida.

Nosso Leivindo tem verdadeiro pavor de tudo o que possa o afastar dos compromissos assumidos. Já viveu verdadeiras quedas e sofrimentos por causa da falta de compromisso com as responsabilidades assumidas. Ainda hoje esse medo se mantém guardado como substrato mental, neuroses de comportamento, simplesmente. Aliás, quem já viveu a dor do ferrão da abelha tem medo até de

mel, meus amigos! Deixem-me seguir em frente para colocar o plano em execução, pois tenho pouco tempo. Para ele ir àquela rodoviária com umas três ou quatro horas de antecedência não custa nem um pouquinho. Ele é mineiro, e esse povo não perde trem de jeito nenhum. Por isso tenho de me apressar.

– Se precisar, pode contar conosco. Iremos prazerosamente às tarefas de socorro.

– Eu prefiro que vocês se concentrem em seus amparados. Quem sabe algum deles não estará na previsão de embarque para hoje?

– Nossa! Que Nossa Senhora vele por nós.

– Vamos, vamos ver isso com urgência. Ai, meu Deus, se deixei passar isso por desatenção...

E assim ambos se foram pelos seus caminhos apressadamente, cada um carregando consigo as suas preocupações pessoais para com os seus assistidos, a quem amavam com todas as forças do coração.

---

1 - Mt25: 28,30.

2 - Mt 25,34.

3 - Mt 10,30.

Capítulo 6

Aquele colégio continuava lá, majestoso, dominando sobre toda a paisagem, como a velar pela educação e a espelhar a cultura por entre os corações que para ali afluíam diariamente. Que bom, pois todos teriam, no curso dos dias, nos afazeres diários das múltiplas experiências pertinentes à vida humana, essa sublime oportunidade que a vida graciosamente concede de transformar os conhecimentos adquiridos em sabedoria e amor, para que assim, no tempo, possamos alçar vôos maravilhosos no grande horizonte do progresso infinito.

– Marquezano, aquele lá não seria o padre Carlos Manuel?

– Sim, ele mesmo em pessoa.

– Ora, que bons ventos o trazem por aqui?

– Provavelmente veio trazer algumas de suas solicitações costumeiras de intervenção para algum dos jovens que freqüentam a sua paróquia...

– Bom dia, padre, que bons ventos o trazem aqui?

– Meu caro Yvanovick, bem sabes que sempre me dirijo para cá para falar sobre nossas questões a resolver, não é mesmo Marquezano?

– Sim, bom padre!

– Nossa igreja está se preparando para as festas relativas à nossa Mãe querida, nossa muito amada Nossa Senhora da Conceição, e precisamos unir toda a comunidade para o exercício da fé. E bem sabes que gostaríamos de contar com a participação do colégio em mais um ano, com a celebração de uma missa no pátio da escola, trazendo assim um amplo momento de reflexão acerca da fé e do papel de nossa muito amada Virgem Maria. Então, preciso que acertem com a nossa Eulália, pois já estou definindo isso com o Padre Henrique, o pároco de nossa igreja. Ontem, por meio das induções mentais, ele já resolveu vir pessoalmente conversar com Eulália acerca da autorização para que as comemorações sejam feitas no pátio da escola.

– Ora, Carlos Manuel, bem sabes que pode contar conosco. Nossa escola está sempre aberta para qualquer manifestação da fé, pois sabemos o quanto isso é importante para os nossos alunos.

– Meus amigos, bem sabem que as coisas estão difíceis por aqui. Cavalo Louco e seu bando têm atacado insistentemente os nossos jovens, e o bando do Miguelzinho não tem nos deixado em paz. Estamos com um caso difícil, o nosso amparado Rominho. Ele está totalmente envolvido pelos asseclas desse terrível Miguelzinho, essa representação do demônio entre nós. Dia a dia, ele está se envolvendo mais e sem nenhuma vigilância, andando com péssimas companhias e, pouco a pouco, caindo em vala profunda sem perceber.

– O nosso irmão Urano já havia levantado essa preocupação e feito esse comentário conosco.

– Sim, veja você que o Rominho foi um menino criado em nossas atividades voltadas para a infância, freqüentou todos os ciclos do catecismo com

maravilhosa desenvoltura, sempre foi um dos jovens mais atuantes em nossa comunidade. Você não imagina a tristeza que sinto em vê-lo nessa condição.

– Ora, caríssimo padre, vamos continuar nos empenhando para trazê-lo novamente à realidade. De uma coisa temos de nos conscientizar: quanto mais representativo para os trabalhos do Evangelho mais pressões sofrerá. É da lei: “A quem muito se houver dado, muito lhe será cobrado”. Para os asseclas das trevas, cada um desses que caem nas malhas da invigilância representa para eles um verdadeiro troféu a ser exibido em praça pública. É como se eles tivessem vencendo o próprio Cristo. O Evangelho e as atividades no bem não imunizam as pessoas e nem tornam ninguém intocável, muito pelo contrário. Aí, sim, que a vigilância deve ser redobrada, pois esse companheiro passa a ser um alvo em potencial.

– Sim, meu caro Marquezano, estamos fazendo todo o empenho possível. Já conversei com Urano e com o nosso companheiro Carimélio, lá do “A Caminho da Luz”, e estamos todos nos esforçando ao máximo para ver se conseguimos retrabalhar o seu retorno ao bom caminho. Bem sabemos que o impossível não existe, então, vamos à luta! Há jovens que, movidos pela força do trabalho no bem e vinculados às atividades cristãs, sob qualquer rótulo, muitas vezes se acham acima de tudo e imunes às pressões dessas hostes trevosas. E assim, por excesso de confiança, se descuidam, deixam de tomar maiores cuidados e de manter uma boa distância dos campos minados, nos quais as condutas negativas são práticas comuns.

– Ora, meu caro padre, bem sabemos que hoje os convites às quedas são muitos. Essas mentes operam de forma sutil e vão, pouco a pouco, enlaçando os jovens, que descuidadamente vão se deixando envolver. Tudo isso acontece muito lentamente, sem muito alarde, para que não percebam. Quando esses jovens se dão conta, muitas vezes já estão irremediavelmente tombados sob a força impiedosa de mentes malévolas, que nada farão além de se deleitar com mais uma árvore tombada na grande floresta do Cristo Jesus.

– Ora, veja quem está chegando, nosso companheiro Palminha!

– Seja muito bem-vindo meu irmão.

– Queridos amigos, fui atraído por uma discussão que muito tem me chamado a atenção nos últimos tempos. Essa questão dos nossos jovens tem me preocupado sobremaneira ultimamente.

– Falávamos aqui sobre o Rominho. Padre Carlos Manuel fazia uma exposição para nós sobre a pessoa maravilhosa que sempre foi este jovem. Só que, no momento, encontra-se envolvido pelos tentáculos impiedosos das drogas, aliás, dando os primeiros passos rumo ao precipício.

– Vem aí o Urano.

– Queridos irmãos, essa conversa também me atrai, dado o volume de nossas preocupações por aqui.

– Sim, na verdade, nossos jovens estão bastante descuidados e achando que se manter sob o escudo da fé é o suficiente para estarem imunes a esses achaques das trevas. Na realidade, jamais nos esqueçamos que a fé não pode prescindir de vigilância. E, diga-se de passagem, haja vigilância nos dias de hoje, pois as investidas das falanges conduzidas pelos anticristos não estão para brincadeira. Nestes instantes da evolução eles estão atuando com toda a força possível.

– Querido Palminha, precisamos unir as nossas forças.

– Ora, querido padre, disso eu não tenho a menor duvida. Temos de cerrar fileiras em nome do Cristo e perseverar confiantes na força irresistível do amor. Infelizmente, nos dias de hoje, os convites às quedas têm sido muitos e das mais variadas formas. O inimigo número um não tem sido observado pelos nossos jovens, que tombam sob a força inclemente dessa hidra perversa e destruidora de corações e lares!

– Palminha, irmão querido, que hidra é essa? Fale-nos para que possamos fortalecer o combate em sua direção!

– Ora, meu amigo, esse inimigo geralmente se apresenta em quase todos os lugares, infiltra-se em tudo com relativa facilidade, insere-se e toma conta de tudo, sendo tratado com ampla benevolência.

– Então é mesmo terrível...

– Marquezano, ponha terrível nisso. Quase não há lugar em que ele não entre. Está sempre bem vestido e possui vestimentas lindas, adornadas de cores e desenhos maravilhosos, o que ultimamente chamam de design, e assim torna-se ainda mais atrativo e chamativo. Poucos são aqueles que resistem ao seu chamamento.

– Ora, então podemos chamar essa vestimenta de camuflagem?

– Sim, padre, camuflagem pura e simples! E veja que ele sempre vem disfarçado de várias cores e sabores. Mistura-se a várias companhias inofensivas e, nesse

disfarce, ganha a notoriedade de seus parceiros, passando nessa mistura como um agente inofensivo. Nesses disfarces vai arrasando vidas e mais vidas.

– Deus nos livre, então. Temos de desmascará-lo, acusando os seus muitos disfarces, para que todos possam tomar o máximo cuidado e fiquem bem atentos.

– Yvanovick, todos o conhecem muito bem, mas há em torno dele uma sedução, que funciona conforme aquelas lendas antigas das sereias que ficavam cantando e, assim, arrastavam as embarcações para os rochedos só para tragar-lhes a vida. Ele entorpece, altera, muda, enfraquece o caráter, altera a consciência, deturpa a vontade, degenera a resistência, quebra os ideais, turva a visão física e psicológica.

– Nossa!

– E assim, muito sutilmente, pouco a pouco, dia após dia, às vezes se disfarça de estimulante, às vezes de encorajador. Em algumas situações se reveste de um tônico do bom humor e alimenta perigosamente as fantasias. Faz as pessoas perder a noção da realidade e do bom senso e, assim, tornar-se presas fáceis desse impiedoso inimigo.

– Então, irmão Palminha, esse inimigo deve ser o comandante do Cavalo Louco, do Miguelzinho e de muitos outros que andam por aí a atazanar a nossa vida!

– Claro que sim, padre! Ele é o verdadeiro comandante.

– Palminha, você o conhece?

– Claro que sim, tenho lutado tenazmente contra ele e, infelizmente, em muitas ocasiões, não consigo lograr êxito.

A essa altura, a conversa era acompanhada por algumas dezenas de protetores de vários companheiros que se encontravam nas salas de aula. Alguns eram espíritos amigos vinculados a vários credos, e outros trabalhadores do bem naquela região. Todos ouviam as discussões e os relatos atentamente, e muitos estavam lívidos de espanto. Por que não dizer que vários estavam com medo mesmo!

– Querido Palminha, precisamos buscar uma forma de enfrentar esse inimigo. Diga-nos o seu nome e onde podemos encontrá-lo. Por favor, ajude-nos a identificá-lo. Deus me livre de topar com um bicho desses!

– Ele, é muito conhecido de todos nós, chama-se álcool. Vários outros nomes lhe servem como eficientes disfarces: aperitivo, cachaça, cerveja, vinho, vodca, rum e é servido nas mais variadas situações e circunstâncias. Ele, meus irmãos, tem sido a porta de entrada de uma quantidade esmagadora de falências do ser. É o grande desvirtuador de muitas das nossas grandes promessas. É o grande culpado por essa enchente de lágrimas que hoje são choradas em uma infinidade de lares.

O álcool, meus irmãos, é o causador da quantidade enorme de quedas a que temos assistido atônitos! Responsável por essa legião de companheiros em profundas atribulações e que diariamente retornam aos campos do espírito macerados pelos sofrimentos e dilacerados pelas múltiplas falências que exigirão séculos de reparação. Esse é o álcool, meus irmãos!

– Urano, alguma observação sobre o assunto?

– Ora, amigo Palminha, você muito bem discorreu sobre essa serpente venenosa que tem acabado com muitos. Noto, ainda, que nossos jovens inocentemente têm aberto as portas para as primeiras investidas no campo das bebidas. Um pequeno gole aqui, outro ali, mais alguns acolá e pouco a pouco a quantidade e a freqüência vão aumentando e, quando percebem, já há um comportamento contumaz em torno daquilo que agora se transformou em vício. Diante desse processo perigoso de alteração do estado de consciência, quando nossos jovens se dão conta, já estão fazendo as primeiras investidas na canabis. Mais à frente, a cocaína ou crack. Isso sem falar nas drogas fabricadas pelas indústrias da morte, as famosas drogas de laboratório. As vítimas se devoram a si mesmas na vontade louca de largar o terrível vício, quando se vêem a caminho de um precipício tenebroso, cujo fundo vai muito além daquilo que a visão comum pode alcançar. E também percebem que o retorno é extremamente difícil, dadas as circunstâncias físicas e extrafísicas que cercam todo o processo. Para alguns restam o desespero e os gritos mudos de socorro. Para outros, a entrega passiva diante de um inimigo que eles percebem ser de uma ferocidade incontida. Para muitos abrem-se as portas do suicídio como recurso final de uma visão do desespero diante da visão da total falência moral e da impotência sentida.

Na verdade, eles lutam muito e levam seus esforços às raias das lágrimas e do desespero. Entretanto, mesmo com o auxílio das medicações, cada vez mais avançadas, dos internamentos e contando com o investimento diligencioso da psiquiatria, da psicologia, de pais, amigos e todos os envolvidos na problemática, podemos dizer que os êxitos têm sido mínimos, considerando o volume dos vitimados, ficando muito aquém dos investimentos efetuados tanto nos caminhos espirituais quanto nas linhas materiais. Daí para a falência generalizada são poucos passos.

Temos redobrado nossos esforços perante os lidadores nessas áreas, porque na atualidade tem sido uma clínica extremamente frustrante, o que leva seus

profitentes a desânimos assustadores, a níveis insuportáveis de auto-estima abaixo da crítica e a um estado de falência institucional muitas vezes sem precedentes.

Sem contar as pressões sofridas pelos asseclas de Cavalo Louco, que não se conformam em perder nenhuma de suas pretensas vítimas e lutam por elas até o último instante, de forma tenaz e agressiva e sem um pingo de piedade. Trabalham para destruir mesmo! Conforme temos registrado, na maioria das vezes, a maconha, a cocaína, o crack, o ecstasy e várias outras drogas têm triunfado nas sombras do álcool, em um ciclo vicioso sem fim: iniciação ao álcool, domínio do álcool, fascínio pelo álcool, drogas paralelas, troca constante das drogas utilizadas. Há um desejo incontido de acompanhar o ritmo da maior virulência sempre em direção à droga que cause maior satisfação. Daí vêm algumas subdireções, como a criminalidade, a consumação de verdadeiras barbáries, a sexualidade desregrada, os desvarios sexuais, a paternidade irresponsável e o descompromisso para com a vida. Daqui surgem outras bifurcações perigosíssimas: os furtos, os roubos, as prisões, os assassinatos frios, a infelicitação de vidas indefesas.

A tudo isso somam-se também o abandono dos estudos, da fé, o afastamento da família, dos verdadeiros amigos, os comportamentos anormais. Derrocada final. Assim, o ciclo se faz: álcool, drogas, desatinos, hospitalização, retorno à família, reaproximação do antigo ciclo de convivência, álcool, álcool, álcool, recidivas nas drogas, desatinos, hospitalização... Até que se consume o óbito moral e físico. Se o companheiro que se vê nesse ciclo vicioso das drogas não tomar consciência dos malefícios do álcool e não se dispuser a quebrar essa cadeia, todo o esforço anteriormente citado se torna vão e inglório.

– Companheiro Urano, gostaria ainda de fazer uma observação, me permite?

– Ora, padre, sua experiência é muito importante para todos nós.

– Nossos jovens, aqueles que trilham o caminho da fé, do Evangelho, do amor a si e aos semelhantes, os que buscam Jesus em “caminho, verdade e vida”, esses, sim, são os maiores alvos, pois quando um desses carvalhos de Jesus tomba, assusta e fragiliza toda a floresta. Então, eles são verdadeiramente o objetivo. Pensemos bem. Para que se preocupar com aqueles que estão tombando ou já tombaram? Para que se preocupar com aqueles que já não apresentam nenhuma resistência? Pelo contrário, quanto mais estamos sólidos na fé, no trabalho com Jesus, na senda do bem, mais temos de nos manter em redobrada vigilância, pois se a corda ficar bamba e se os pés não forem seguros, o tombo será certeiro. Por isso conto com vocês para essa iniciativa de fé em nossa comunidade, pois quanto mais esforços forem feitos, mais podemos tocar consciências. Companheiro Palminha, você e Carimélio precisam acelerar essa questão do Cavalo Louco e do Miguelzinho, pois a coisa está ficando insuportável em nossa comunidade.

– Ora, querido companheiro, quem somos nós para cuidar disso. Essas questões, esses companheiros têm sido tratados e monitorados nas esferas superiores. Nós apenas acatamos as suas decisões. Meu bom padre, lembremo-nos sempre que Jesus continua firme e decisivo no leme.

A essa altura, as campainhas da escola já anunciavam o fim do dia letivo. Os companheiros espirituais que tinham a responsabilidade de protetores já se deslocavam apressadamente para patrulhar o retorno de seus protegidos aos respectivos lares. A conversação daquela tarde havia sido muito instrutiva para todos ali e derramado sobre todos muitos alertas importantes.

Despediram-se e cada um demandou em direção a múltiplas atividades que mantinham integralmente ocupados e que requeriam cada vez mais o desdobrar incessante. Trabalhar. Eis o caminho! Trabalhar sem amarras e sem exigências, doando de nós aquilo que temos de melhor, colaborando com as necessidades que pululam bem juntinho a nós. Lembremo-nos de Jesus:

“E depois disto designou o Senhor ainda outros setenta, e mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir. E dizia-lhes: Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara. Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforje, nem alparcas; e a ninguém saudeis pelo caminho.” 1

Cada um de nós deve tomar consciência do papel que exerce diante da vida, da necessidade de dar sempre um pouco mais de si mesmo, indo sempre mais além na capacidade de amar e servir. Na verdade, é trabalhar sem tréguas!

O tempo é abstrato, inexiste na medida em que presente, passado e futuro se misturam e se confundem, passando a um regime de equivalência, misturando-se a tal ponto que, imperceptivelmente, fazemos disso uma realidade a qual chamamos também de hoje. São linhas tão entrelaçadas que os mais hábeis observadores muitas vezes não conseguem perceber o processo de deambulação existente entre as faixas de vida mais diferenciadas possíveis, já que estas são capazes de se alternar em milissegundos.

Isso torna os esforços das ciências psi, no sentido da auscultação, intensamente difíceis, com uma sintomatologia totalmente difusa e uma etiologia, na maioria das vezes, quase que indecifrável, provocando franca debilidade no campo dos diagnósticos. Esse fato, por sua vez, leva os lidadores dessas áreas à quase plena exaustão, a seguidas crises de menos- valia, de desânimo e até de revolta. Tudo isso devido às intensas variações que ocorrem com seus pacientes em um curtíssimo espaço de tempo.

A prescrição efetuada hoje muitas vezes produz resultados maravilhosos em curtíssimo espaço de tempo, mas amanhã já se vê crivada de inconve-niências requerendo suspensão imediata.

Os caminhos adotados pela psicoterapia perdem a finalidade de um dia para o outro, exigindo de todos observação plena, determinação, espírito de superação, calma, perseverança, humildade na recomposição de caminhos e principalmente entrega, sabendo que o investimento clínico pertence ao cuidador e a produtividade interior pertence ao paciente, mas os resultados pertencem tão-somente a Deus.

Saibamos entender a movimentação diuturna dos bancos da misericórdia. Deus tudo vê, a tudo assiste e tudo molda nessa grande forja de transformação de almas chamada planeta Terra. Abençoada Terra! Abençoadas lutas. Abençoadas mecânicas reencarnatórias!

Deambula-se de um lado para outro, do equilíbrio ao desequilíbrio, do passado ao presente, do hoje para o ontem, da alegria para a tristeza, da felicidade para a infelicidade, da eutimia a disforia, com intensa facilidade e em um piscar de olhos.

Somos seres ainda com intensas dificuldades na área do equilíbrio, com sérias dificuldades quanto a sua manutenção e conservação, principalmente quando os itens da manutenção dependem dos setores da vigilância integral que costumeiramente são desconsiderados ou menosprezados por nós.

Por isso mesmo asseverou-nos o Meigo Jesus, conforme as anotações de Mateus:

“Então, chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani, e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai

aqui, e velai comigo. E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. E, voltando para os seus discípulos, achou-os adormecidos; e disse a Pedro: Então nem uma hora pudeste velar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca." 2

---

1 - Lc 10,1 - 4.

2 - Mt 26,36 - 41.

Capítulo 7

– Urano, como vai querido amigo?

– Ora, Celso Fagundes, bem sabe de nossas lutas e também que elas não me permitem nenhum descuido. Assim, bem vê que por aqui é questão de dedicação exclusiva, mas encontro-me muito feliz, já que o trabalho tem me permitido créditos para atuar em direção àquela filha do coração que se encontra em precárias condições nas regiões das trevas densas. Sabe, também, que todos os nossos esforços para o êxito do resgate têm sido vãos.

– Sim, irmão Urano, tenho acompanhado e, naquilo que posso, ajudado. Sabemos que as leis de causa e efeito não ocorrem em regime de exceções. Podemos nos empenhar, ajudar, pedir, participar, disponibilizar nossos créditos, mas, a bem da verdade, só mesmo a decisão dela poderá definir o seu futuro.

– Caro Celso Fagundes, tenho notícias por intermédio de nossos irmãos Uruguaiano, Manoel Ramires e Tibúrcio de que ela tem tido alguns lampejos de questionamentos, de crítica e que as perspectivas futuras já são bem alvissareiras. Os danos perispirituais são muito grandes, devido ao grau de ódio vivido diariamente, os desejos de vingança e as maldades sem precedentes que ela vem tramando e urdindo nesses já quase oitocentos anos que se passaram.

– Querido Urano, custo a acreditar que isso seja uma realidade. Como pôde se tornar cega dessa forma, quebrando todos os códigos da harmonia universal, meu amigo?

– Ora, Celso, é o ódio. A execração física por causa da cegueira, cegou-lhe também a alma.

– Mal terrível!

– Sim, companheiro querido, infeliz daquele que fica por aí a guardar ressentimentos! Verdadeiramente é um ignorante, digno de dó no mais absoluto sentido da palavra, pois não sabe dos malefícios que está fazendo a si mesmo, arrastando-se ao lodaçal das infelicidades sem monta.

– Pense bem, querido Urano, você que sofreu torturas maiores. Consta-me que você foi garroteado e sovelado barbaramente e ainda submetido a uma fogueira infame. Encontra-se aqui hoje trabalhando e abraçando com amor todos aqueles que lá estiveram imputando-lhe tão terríveis castigos, e você segue bem aproveitando todas as oportunidades que chegam a você!

– Sim, caro Celso, agradeço a Jesus todos os dias pela oportunidade dessas infelizes experiências, que me fizeram crescer, amadurecer e avançar, embora ainda seja este ser pequeno e desprezível, carente de amor e o maior dos necessitados. Por isso mesmo continuo engajado na pauta dos trabalhos sem tréguas. Rapidamente tomei consciência de minhas experiências em Esparta. São terríveis recordações que até hoje ainda me esfoliam o coração, barbárie sem conta e sem freio, meu caro Celso, de que a vida veio me exigir reparação. Infelizmente, não se deu o mesmo com a minha querida Alda Helena, coração frágil, cheio de pequenas vaidades, ainda muito presa à materialidade, aos títulos de nobreza, às poses e muito necessitada das honrarias sociais. Ela não suportou a execração social causada durante todo o período de trâmite do processo público, levado a efeito nos tribunais inquisitórios.

Se tivesse sido condenada à pena capital, à fogueira, provavelmente teria sofrido

menos. Mas primeiro o meu sacrifício em praça pública, depois o confisco impiedoso de todos os nossos bens e de todos os nossos títulos e, por último, a condenação de Alda Helena a mais profunda miséria dentro daquele calabouço humilhante. Ela não suportou e enlouqueceu. Viveu assim por mais de quinze anos, desvairada, perdida em suas fantasias, ruminando seu ódio inclemente contra todos. Tão logo se viu fora da matéria e tomou consciência de sua sobrevivência, não tem feito outra coisa a não ser se vingar, levando seus algozes às mais duras perseguições em uma sanha enlouquecida e maquiavélica.

Confesso que tudo tenho feito para ajudá-la, mas poucos frutos tenho colhido nesse intento. Ela se mantém blindada a todo o tipo de ajuda e possibilidade de despertamento. Ela passou dos limites. Levou suas diferenças com todos daquele tribunal para um ódio ferrenho contra a Igreja e transformou esse ódio em combustível altamente inflamável contra a fé. E daí assumiu um lugar de destaque nas falanges que ainda hoje trabalham contra a fé cristã, contra Cristo. São potenciais inimigos de Jesus. E aí chegou a essa condição deplorável que hoje estamos testemunhando e que nos traz um sofrimento indescritível. É muito triste, muito duro e deveras penoso ver o coração do nosso coração mergulhado em quedas tão profundas.

– Posso imaginar, meu querido Urano.

– Por isso trabalho, trabalho e trabalho. Transfiro todos os meus pequenos créditos amealhados para ela, na esperança de que muito em breve possamos contar com novidades que venham a nos tranqüilizar e felicitar o coração. Aqui nestas regiões temos recebido muitos corações tombados nas malhas da Inquisição, sacrificadores e sacrificados reunidos para maravilhosos reajustes. Eu sonho todos os dias em receber Alda aqui, para que possamos reiniciar uma marcha luminosa.

– Soube que nossa veneranda Scheilla tem trabalhado pessoalmente nessa questão.

– Sim. Na verdade, já está tudo pronto para o resgate, ao menor sinal que nos possibilite o socorro, e isto com as graças de Deus deverá acontecer muito em breve. Ela já tem dado significativos sinais de cansaço. Tão logo seja possível, ela será recolhida e imediatamente direcionada à reencarnação. Já temos cerca de seis companheiras na experiência terrena que já se colocaram à disposição para o processo tão importante da gestação. Nossa veneranda Scheilla já tem providenciado perante o companheiro Abel Gomes uma maravilhosa instituição terrena que alberga crianças com hidrocefalia, no caso de ela não ter condições de se locomover ao efetuar o seu internato nas lides terrenas.

Aliás, o que provavelmente se dará por um período entre dezoito e vinte e cinco anos, e será indispensável para a sua reconstituição perispiritual e também para marcar os primeiros passos de um período longo de ressocialização. Segundo os planos de nossos companheiros maiores, dentro de uns cento e trinta anos ela já deverá ter condições de reencarnar em plena normalidade.

– Ressocialização, Urano?

– Sim, neste lugar contamos com uma série de servidores maravilhosos. Muitos são companheiros saídos daqui como candidatos a essa empreitada, além de vários que se candidatam às tarefas de amor por meio de visitas freqüentes, levando aos internos dali importantes parcelas de calor humano e transferindo a eles um quantum importantíssimo de amor, paz, perseverança. E assim, por meio dessas contribuições maravilhosas, há o toque no coração. Daí para a nova caminhada é apenas um pulo. É, meu amigo, o amor é um trabalho em equipe, todos participam nos dois planos da vida, e assim removem-se montanhas... Mas o que o traz aqui, querido Celso Fagundes?

– Urano, tenho por aqui a tarefa de ajuda aos lares, e estamos em situação difícil, meu querido companheiro. Veja você que temos em nossa região três bairros.

Nessas três áreas já contamos cento e noventa e quatro casais em situações precárias, famílias em plena inanição e vivendo muito abaixo da linha de dignidade. Há setenta e dois aprofundando diariamente as crises que, pouco a pouco, vão se tornando cada vez mais constantes. E outros dezesseis, acredito, irrecuperáveis. Temos reforçado a vigilância, mas estes caminham mesmo para o abismo, e pouco talvez possamos fazer neste momento, pois já há um domínio pleno ou quase pleno da vontade, e andam prestes a se precipitar em desatinos.

– Celso Fagundes, então vamos mobilizar nossas áreas de Assistência Social e providenciar, o mais breve possível, os farnéis necessários.

– Ora veja quem vem aí, nosso bom Gabriel Ventura e o Jesuino, companheiros colaboradores nas áreas da desobsessão lá em nosso campo de plantio.

– Olá, Gabriel Ventura! Olá Jesuino! Que bons ventos os trazem até aqui?

– Estamos em atividades bem próximas daqui e registramos a presença dos amigos. Amigos são amigos, você sabe, e sentimos de longe o agradável perfume da amizade!

– Veja, é Palminha! Está vindo!

– Paz e alegria, meus irmãos!

– Paz e alegria, companheiro.

– Estávamos aqui falando de necessidades e de necessitados.

– Que maravilhoso, a misericórdia não pode parar...

– Sim, bendita misericórdia!

– Celso Fagundes fazia-me um balanço de algumas famílias em precariedade total. Propus a ele que acelerássemos a participação de nossas áreas de Assistência Social para a disponibilização de farnéis para lhes mitigar a fome.

– Urano, eu lhe falei sobre cento e noventa e quatro casais em situação precária, vivendo abaixo da linha de dignidade, não abaixo da linha da fome. Falo em precariedade de afetividade, de respeito, de moral. Vivem uma inanição de amor que os coloca abaixo da linha de dignidade.

– Celso Fagundes, confesso que pensei em fome mesmo, fome do corpo físico, necessidades materiais, por isso sugeri tal posicionamento.

– Quem nos dera, querido Urano, se fosse assim. Seria um esforço até muito simples. Mas a questão é inanição espiritual mesmo, um processo complicador de elevada monta.

– Celso Fagundes, há pouco nossa veneranda Scheilla nos solicitou para repassar a todos os companheiros que exercem alguma atividade nas Casas de Jesus, principalmente os que têm oportunidade de se manifestar por intermédio da psicofonia, que a palavra de ordem é “Família”. Assim, durante os próximos

dois anos não trabalharemos outra coisa que não seja a família. É para trabalharmos mesmo como âncoras nas tarefas de divulgação da campanha “Família, aperte mais este laço”. Temos observado de nosso posto intensas movimentações de dor nos lares, e isso tem preocupado muito os nossos superiores.

– Sim, querido Palminha, preocupa a todos e, em especial, a nós, que trabalhamos diretamente em assistência aos lares.

– Qual a leitura que faz da situação?

– Jesuino, em primeiro lugar os lares vêm perdendo sistematicamente o referencial de fé, seja ele voltado a qual estrato for, e há um afastamento de todos das movimentações evangélicas. Nossas crianças, na grande maioria, não têm aprendido mais a orar. Nas Igrejas, o terço tem estado fora de moda. Nos grupamentos evangélicos, as vigílias de oração têm ficado absoletas. Nas Casas Espíritas, os espíritas têm perdido costumeiramente o gosto pelo culto do Evangelho no Lar. Dessa forma há uma queda de sintonia em torno da harmonia universal, e os lares se tornam imensamente vulneráveis.

– Uma reflexão importante, Celso.

– Sim, Gabriel Ventura, vejamos que os pais distantes da fé e do amor já não são mais referenciais para os seus rebentos. Ao contrário, nossas crianças crescem assistindo às seguidas agressões vividas no interior dos lares, entre os casais, que se engalfinham numa disputa atroz de um materialismo nefasto, cortando todas as possibilidades de um amplo processo de reequilíbrio. Os casais perderam o respeito entre si, se agridem por palavras, por gestos, por pensamentos cada vez mais maliciosos, cada vez mais odiosos, carregados de mágoa, de rancor sem tréguas, e assim passam a viver aos berros e gritos, de imposições em

imposições, e o lar tem se transformado em um sofrido campo de guerra, numa ampla disputa de vaidades.

– Concordo plenamente!

– E assim, com esse distanciamento da fé, o materialismo tem imperado impiedosamente. A ganância e a usura não têm tido limites e, nesse afã incontrolável do ter, os lares vão dando guarida a uma insatisfação indomável, onde as mentes não têm tempo para o descanso, tão assoberbadas que se encontram na grande disputa diária do possuir. A modernidade é maravilhosa na medida em que traz o progresso, e com ele melhores condições de vida, abrindo ao ser perspectivas de dignidade e de economia de tempo, para que assim as pessoas possam melhor aproveitar a experiência humana. Utilizar o tempo para o aprendizado, amadurecimento e conquistas espirituais. Mas o que estamos vendo nada tem com isso.

Temos visto o ser reencarnado mergulhado em disputas profundas consigo mesmo, de um lado um ser cheio de desejos e insaciável, do outro lado um ser insatisfeito, que duela consigo mesmo no sentido exclusivo do ter sem medidas. Há uma insatisfação generalizada.

– Meu caríssimo Celso Fagundes, você tem toda a razão. O homem tem sido o seu próprio devorador, em um processo perigoso de autofagocitose, permitindo ser devorado pelas labaredas impiedosas desse ter sem medidas. Com isso, vem desarticulando todas as suas economias, no que se refere a satisfação pessoal, e caminhando a passos largos para um adoecimento generalizado.

– Sim, querido Palminha, e veja que por falta de exemplos não é. Mas isso também é conseqüência do distanciamento do Evangelho. Eles não possuem o espelho do Cristo de Deus:

“E aconteceu que, indo eles pelo caminho, lhe disse um: Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores. E disse-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. E disse a outro: Segue-me. Mas ele respondeu: Senhor, deixa que primeiro eu vá a enterrar meu pai. Mas Jesus lhe observou: Deixa aos mortos enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia o reino de Deus. “Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa”. 1

Estão faltando maiores reflexões sobre a vida cristã, e veja não estamos falando da necessidade de um culto à miséria. Estamos argumentando sobre a satisfação, sobre o saber agradecer e viver com o que já se tem. Possuir não é crime nem fator degenerador. Estamos falando do adoecimento, da competitividade insana, na qual o que se tem não importa nem um pouco, mas sim o que não se possui, causando o sofrimento por não possuir e a desvalorização completa do que já se possui. É esse estado de insatisfação que tem consumido muitos nobres companheiros.

– Caros companheiros, esse é um dos motivos que temos constatado na derrocada sistemática desses cento e noventa e quatro casais, que totalizam algo próximo de duzentas e vinte e duas famílias, justamente esse embate entre o ser e o ter. Vejam, amigos, que o fortalecimento de um lar está justamente na força do desejo, o desejo do outro.

– Desejo!

– Sim, desejo. A vontade de estar com as pessoas, de senti-las, de nos aconchegar a elas, de abraçarmos, de interagir, de caminhar, de somar, de sermos afetivos, de viver as pessoas...

– É isso desejar?

– Sim, Gabriel Ventura, a força desse ser desejador é imensurável, a existência do ser do desejo, o ser que ardentemente deseja desejar...

– Estou entendendo, querido irmão, o que seja o desejo do outro.

– Certamente, Jesuino, certamente.

– Vejam quem está chegando!

– São nossos irmãos Yvanovick e Marquezano. São dois companheiros muito experientes e que muito poderão contribuir em nossas análises.

– Paz e alegria, irmãos!

– Paz e alegria! Percebemos que por aqui havia alguma coisa interessante, acho que nos guiamos pelo faro.

– Ora, aproveitemos isso! Por que os nossos irmãos saíram de onde estavam e vieram ter conosco?

– Chegaram até aqui movidos pela sintonia.

– Sim, mas o que movimentou a sintonia?

– Neste caso, penso ser o desejo.

– Ora, é claro, houve uma sintonia plena entre o desejo e a disposição de alma. Muitas vezes não conseguimos colocar desejo e sintonia em uma mesma estação, e assim desejamos muito, mas não abrimos os canais da sintonia.

– Alguém deseja muito um trabalho, mas muitas vezes não consegue. Em vários casos as oportunidades estão ali, escancaradas, próximas, plenamente abertas, mas ele não consegue.

– Por que isso acontece?

– Ele deseja o trabalho, mas não se coloca na sintonia do serviço, não opera os seus desejos na sintonia do labor, da produção, do progresso, e assim se mantém fixo nas linha dos ganhos, da remuneração, dos lucros, do ter dinheiro para comprar e fazer isso e aquilo. Observem bem que desejar é uma coisa, sintonizar o desejo é outra. Assim o desejo perde a força, pois não possui o combustível da sintonia.

– É, querido Palminha, temos de repensar um pouco os caminhos de nossa sintonia.

– Claro, Marquezano.

– Por isso podemos dizer que não basta desejar, é necessário estarmos bem sintonizados com o nosso objeto de desejo.

– Óbvio, caro Yvanovick, bem sabem os amigos da imensidão de preces que nos chegam diariamente. Entretanto, poucas são as que avançam na direção dos bancos da misericórdia. Para falar a verdade, elas são simplesmente desejo. Nós sabemos com plena certeza todas as vezes que nas bancas do mundo prêmios se acumulam. Sabemos quando, onde e o valor do montante, e por quê? Porque somos todo-poderosos, onipresentes e oniscientes? Não! Claro que não. Sabemos, simplesmente, pela quantidade de pedidos que nos chegam na forma de preces, algumas extensas e com longas justificativas; outras em tom imperativo, como se pudessem comandar a própria divindade; outras carregadas de subterfúgios, como trocas e condições; e outras carregadas de instinto de vingança e desforra.

No entanto, não existe sintonia entre o desejo e o pedido, ou seja, há o desejo de se ganhar, mas não há justificativas que assegurem a força impactante ao que se deseja. Em geral, há um querer ficar rico, uma necessidade de riqueza, às vezes uma sede de riqueza que não se justifica, pois não há verdadeiramente a falta nem a escassez. Em várias situações, há um sobejamento de condições, pois o ser, em geral, possui muito mais do que merece, muito além do que verdadeiramente precisa. Dessa forma, o seu desejo não encontra a ressonância da sintonia, pois não há uma necessidade justificada. Na grande maioria das vezes, queremos a riqueza, mas não desejamos de forma alguma as responsabilidades que em geral residem em seu bojo, daí não conseguimos nem de longe impactarmos os nossos desejos.

– Isso faz muito sentido.

– Sim. Não temos como fugir disso. Vejamos que, por aqui, nos vestimos de

acordo com o nosso impacto mental e produzimos mentalmente o que vestimos, assim como nossas vestimentas reproduzem fielmente o que se passa em nosso interior. O Yvanovick, por exemplo, ainda mantém o estilo russo de se vestir. Eu tenho minhas características muito pessoais. Veja o Jesuino, ele é um boiadeiro, como se ainda estivesse trazendo e levando a boiada. Somos aquilo que realmente nos impacta o psiquismo e produzimos o que verdadeiramente desejamos, pois isso advém do nosso estado de alma. Por isso, deparamos com vários companheiros que por ora estagiam na mendicância plena, mas ainda que se mostram intensamente pomposos.

Encontramos também companheiros que estagiam na riqueza plena, mas que não conseguem disfarçar a mendicância que mantêm aferrada na alma. Vemos muitos companheiros que possuem uma simplicidade garbosa, são elegantes e destacam-se em qualquer situação, ao mesmo tempo que encontramos companheiros que possuem uma arrogância própria a destilar da alma, muito embora o exterior seja imensamente simples. É o impacto do psiquismo nas linhas do desejo ditando a sintonia de cada um, substratos que se levantam da alma e que, por mais que queiramos disfarçar, não conseguimos. Somos movidos pelo desejo.

Seres desejadores a eleger sintonias por meio dos intrincados circuitos formadores da vontade, que tipifica e identifica cada um de nós. Eis uma das mais intrincadas questões que hoje despedaçam os lares, o desejo. A vida a dois se sustenta e se plenifica por meio do desejo, a força oriunda do desejo do outro.

– Companheiro Palminha, o que seria esse desejo do outro?

– Gabriel Ventura, o desejar do outro advém do desejo que se expresse na relação o outro da segurança, o outro da confiança, o outro da cordialidade, o outro do companheirismo, da paz, da honestidade, da solidariedade, da afetividade, o outro da sustentação sexual... Isso que em um somatório irá definir o que podemos chamar de o grande outro, ou seja, o outro do amor. Evidencia-se

aí um somatório de valores a definir a integralidade do desejo, que poderíamos chamar também de o “grande desejo”, e que entre os casais se manifesta em uma intensidade muito grande a esboçar a nossa imensa necessidade de valores, e por isso mesmo desejamos tanto!

– Querido Palminha, questão intrincada, não é mesmo?

– Claro que sim, Marquezano, principalmente se considerarmos a nossa indigência espiritual.

– Mas em que se fundamentam, então, nossos desejos?

– Querido Celso Fagundes, é óbvio, uma questão platônica. O venerável Sócrates já havia percebido isso na Grécia antiga: “desejamos aquilo que não possuímos”. Desejamos aquilo que inexiste ou que, às vezes, ainda é escasso em nós.

– Seria por isso que muitos lares sucumbem pelo elevadíssimo grau de exigências entre os casais, pelas constantes cobranças entre eles, e sempre pela grande dificuldade em perdoar e aceitar os erros e defeitos alheios? Cobramos do outro, exigimos do outro aquilo que, em geral, é escasso em nós?

– Bem anotado, meu caro Urano, o injusto está sempre a exigir justiça; o tirano está sempre a exigir compreensão e bondade; o devasso está sempre a exigir fidelidade exemplar; os afeiçoados ao sexo estão sempre a exigir elevados graus de moralidade; e aqueles que quebraram por várias vezes as regras de fidelidade estão sempre a destilar desconfiança e a cobrar elevados níveis de postura moralista. Assim, desejamos sempre o que nos falta, e quanto mais nos falta

mais veementemente cobramos. Como as faltas estão de ambos os lados, os desejos se entrechocam, causando perigosas estocadas na linha do equilíbrio conjugal. Não vamos encontrar nas linhas reencarnatórias companheiros que possuem olhos azuis desejar olhos azuis, cobrar olhos azuis, exigir olhos azuis, pois isso eles já os possuem. Desejamos, na realidade, aquilo que nos falta.

– Marquezano, o que você mais deseja?

– Ora, companheiro, desejo ardentemente avançar em meu processo evolutivo.

– Urano, o que você mais deseja?

– Trazer de retorno a alma de minha alma. Este, querido irmão, é o meu maior desejo, e por ele estou disposto a pagar qualquer preço.

– Companheiro Celso Fagundes, o que você mais deseja?

– Ter autorização para volver novamente às procelas terrenas e provar, nas lidas com a família, que eu aprendi a lição e retornar com altos créditos na área da paternidade responsável. Espero ansiosamente por esse momento.

– Querido Jesuino, o que você mais deseja?

– Eu peço a Deus todos os dias a oportunidade de retornar às paragens terrenas para desenvolver novamente minhas lutas. Trabalhar ativamente e vencer cada

dia. Aceitar as derrotas que ocorrerem e tomar do cálice que for preciso, mas mostrar-me aprovado diante ao alcoolismo. E isso tenho fé em Jesus que irei conseguir!

– E você, Ivanovik, o que mais deseja?

– Ora, querido irmão, desejo retornar às lutas terrenas ao lado de minha querida Eulália, ter filhos, netos e mostrar a ela que sou capaz de ser homem, de agir com responsabilidade, coragem e dedicação diante dos embates de um novo lar. Peço a Jesus, todos os dias, que me conceda mais essa oportunidade. Preciso e desejo provar a mim mesmo que hoje sou um homem renovado.

– Pois é, como vimos, todos desejamos o que nos falta.

– Ora, companheiro Palminha, permita-nos também saber o que mais deseja.

– Meus amigos, assim não vale. Querem que eu coloque para fora desse meu baú os meus segredos? Vim aqui conversar, e não confessar!

– Nada disso. Precisamos saber os seus desejos, quem sabe não podemos te ajudar?

– O que mais desejo é me retirar agora, pois ainda tenho muitas obrigações a cumprir.

– Nada disso!

– Amigos, o meu maior desejo também está em um futuro retorno. Eu quero ser médium e, por intermédio da mediunidade, ajudar o meu próximo ininterruptamente, dando de mim o que de melhor possuir. E assim servir a uma coletividade e, por meio dessa coletividade, louvar a Jesus em cada ato, para que fique bem atestado para mim que o reencontrei no trabalho em benefício de nossos semelhantes. E, através do trabalho, desejo materializar em mim o amor.

– Acho que o amor é o ponto central dos desejos de todos nós!

– Quanto a isso não tenhamos dúvidas, Urano. Mas, querido Celso Fagundes, continue a sua exposição.

– Bom, dizia a vocês que temos algo próximo de cento e noventa casais marchando para a derrocada total. Isso totaliza duzentas e vinte famílias. As considerações de nosso companheiro Palminha são bastante pertinentes e muito atuais.

– Querido Celso, dessas famílias, mais ou menos cento e quarenta e cinco estão vinculadas a nossa escola, o que demonstra que todas elas possuem filhos em idade bastante especial, demandando grandes cuidados.

– Sim, Marquezano.

– Observamos claramente que as maiores dificuldades que enfrentamos aqui são

com os alunos provenientes dessas famílias. A maioria traz uma rebeldia contumaz ou vive em um estado depressivo que nos comove o coração. Em ambos os casos, ficamos sempre em estado de alerta, pois se tornam presas fáceis para as investidas, na psicosfera, do bando do Cavalo Louco ou do Miguelzinho.

– Yvanovick, aí se concentram as nossas maiores preocupações. Na verdade, são companheiros advindos de quedas extensas e domiciliados nessas famílias para, juntos, cumprirem extenso programa de reaproximação, com vistas a solucionar antigas pendências. Vemos aí projetos importantes serem temporariamente adiados, desfeitos ou falindo totalmente, já acusando um estado de decadência total.

– Você e sua equipe já têm uma radiografia pormenorizada da situação?

– Claro que sim, meu caro Jesuino. Aliás, para que possamos intervir sempre é necessário conhecer bem o terreno em que estamos pisando, seus detalhes, suas nuances, as possibilidades aqui e acolá, bem como as probabilidades de sucesso e de insucesso. Para isso temos de nos dedicar ininterruptamente ao estudo dos casos. A grande maioria das desavenças nos lares envolvendo o casal, os filhos entre si, casal e filhos remontam às origens anímicas.

Nossos companheiros, na grande maioria, vivem invigilantes e desguarnecidos mentalmente. Dessa forma, são tragados por sentimentos mais baixos, como ódio, raiva, rancor, exigências várias, cobranças mudas, e assim vão promovendo, pouco a pouco, profundas viagens às áreas do inconsciente, onde estão retidas e ainda muito vivas as recordações de um passado culposo, delituoso, cheio de mágoas, raivas e crimes.

Efetua-se aí um amplo processo de conexão e, dessa forma, os sentimentos

vivenciados encontram perfeito encaixe nos clichês que pululam em abundância nas áreas remotas do inconsciente. E assim, muito lentamente, vão fazendo o resgate paulatino dos reflexos ali existentes. Assim vão sutilmente passando a ingressar nas áreas do consciente. Ali vão, passo a passo, fazendo morada e passam para a pauta do dia. Daí as viagens interiores vão se tornando cada vez mais constantes e passam a descolar e despertar outras lembranças, outras mágoas, aprofundando ainda mais a gravidade do quadro. A situação vai piorando dia a dia e, se não for atendida a tempo, fatalmente trará conseqüências imprevisíveis.

– Mas, Celso, e a questão obsessiva nesses casos?

– Querido Marquezano, nesses casos não se existem obsessores. Há, por via natural, uma auto-obsessão, e muitas vezes bem mais grave que nos casos em que encontramos outras mentes em ação no mal. Nessas situações, a própria pessoa se torna o sentenciado e o verdugo. Passamos a ter dois campos a interferir um no outro. O primeiro é o do sofredor em questão a reclamar piedade. O segundo é o do algoz a reclamar vingança. Em quadro semelhante, as vítimas do lar se engalfinham presas ao passado, abrem verdadeiras batalhas revivendo o ontem e se esquecem dos compromissos assumidos no hoje.

– Mas há a presença de companheiros que se aproveitam das oportunidades para atuar em beneficio próprio?

– Ora, Marquezano, isso não falta. Nós abrimos brechas mentais e os hospedeiros não demoram a se instalar, mas, na grande maioria dos casos, eles não possuem nenhuma ressonância com respeito ao passado ali vivido. Simplesmente se unem a eles pelos laços da sintonia, se comprazendo com o sofrimento do grupo e se alimentando dos materiais mórbidos resultantes do gládio constante ali existente. Lógico, meu caro amigo, que isso piora em muito a situação. Como expulsar de nossa casa uma pessoa que convidamos espontaneamente a tomar assento em nossa vida? Na verdade, eles se acham no

direito de obter tratamento digno, melhor dizendo, tratamento vip, especial. Geralmente quando abrimos a nossa casa para algum visitante, ele se torna parte da confiança total da família, não é mesmo?

– Sim, claro, você tem razão. Não é usual abrirmos nossa casa para estranhos.

– Caro Celso, como enfrentar esses casos?

– Meu amigo, é um caminho deveras complicado, pois a grande maioria dos nossos irmãos é muito relutante em receber ajuda. Eles não reconhecem que estão doentes e, quando reconhecem, querem soluções milagrosas!

– Doentes?

– Soluções milagrosas?

– Ora, amigos, claro que sim. Estão doentes, pois essas incursões desastradas na área no inconsciente, revivendo o passado no hoje, pertencem, sem duvida, à área psicopatológica, área das psicoses. Tudo isso não passa de uma manifestação lenta e progressiva de surtos psicóticos. No início, são leves, mas podem chegar a níveis que os deixem totalmente fora de controle. Isso explica um sem-número de crimes que hoje são registrados na crosta terrena e reclama intervenção medicamentosa, psicoterapêutica e um acompanha-mento minucioso e atento.

A estrutura psicótica reside na alma, por isso é dificilmente alcançada pelas

medicações convencionais. Reclama muito mais que isso e necessita de tempo, paciência, persistência e muito investimento em termos de calor humano. Quanto às soluções milagrosas, é que uma multidão de companheiros que passam por esses problemas querem mágicas. Uns transferem toda a culpa ao pobre demônio, e assim peregrinam de igreja em igreja reclamando exorcismos. Outros transferem as soluções aos pastores, para que eles operem a salvação de sua vida.

Outro grande número se dirige aos grupos de orações, onde muitas vezes as palavras não encontram eco no coração e se encaixam muito mais em ritualismo do que em uma atividade da fé. Dessa forma transferem a Deus, a Maria Santíssima ou a algum santo a responsabilidade de resolver a sua vida e de colocar o vagão das responsabilidades familiares nos trilhos. Um sem-número se encontra nos centros espíritas e busca nas atividades dos passes, nas reuniões ditas de desobsessão, a limpeza de seus lares. Vivem, assim, em função dos fenômenos em um verdadeiro exercício de pura pajelança e transferem suas responsabilidades. Acalmam a consciência e marcham nesse auto-engano até quando for possível. Alguma observação, querido Palminha?

– Celso, vejo as colocações efetuadas com esmero. Lembramo-nos, ainda, que no atual quadro há necessidade de que a busca nupcial seja mais bem refletida. E, principalmente, que seja feita uma reflexão em torno dos avanços verificados sobre o código civil já em uso em muitas nações.

– Como assim, querido Palminha?

– Ora, Gabriel Ventura, as leis terrenas têm de avançar. As separações, os divórcios estão hoje em dia cada vez mais facilitados. A cada dia se procura respeitar mais e mais o livre-arbítrio e as opções individuais. As pessoas têm ficado mais livres para tomar suas decisões, podendo, assim, fazer suas opções. Bem sabemos que ninguém pertence a ninguém e não existe a menor obrigação de ficar ao lado de quem não se queira. Entretanto, meus amigos, falar tudo isso

é muito bonito, moderno e atual. Muitas vezes até se torna refrão de um modismo perigoso.

A vida é um exercício de responsabilidades contínuas. Cada vez que as leis mudam e a liberdade é conseguida, as possibilidades de escolha avançam. Lembremo-nos sempre que na mesma proporção avançam também as nossas responsabilidades. A responsabilidade é o caminho do êxito. E, na medida em que nossas responsabilidades avançam, nossas respostas têm um peso maior. Em decorrência desse peso, as ressonâncias são bem maiores e, por conseqüência, as consciências passam imediatamente a responder por seus atos com maior intensidade. Liberdade e responsabilidade são dois caminhos que seguem unidos, confundindo-se um com outro e, em todo o percurso, estão sempre assessorados muito de perto pelas leis de ação e reação. E disso ninguém foge. Devemos sempre nos acautelar com relação aos modismos, ao canto comum das massas, às afirmativas que derivam das escolhas mais fáceis, pois elas transferem opiniões, funções, obrigações e deveres, mas a responsabilidade é intransferível.

“E eu vos digo: Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos. Quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito. Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? E se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso? Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se há de se chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom. E os fariseus, que eram avarentos, ouviam todas estas coisas, e zombavam dele. E disse-lhes: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações, porque o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação. A lei e os profetas duraram até João; desde então é anunciado o reino de Deus, e todo o homem emprega força para entrar nele. E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei. Qualquer um que deixa sua mulher, e casa com outra, adultera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido, adultera também. 2

Quando mencionamos responsabilidades de família, falamos de algo de extremada importância. É um assunto sempre muito delicado a nos exigir profundo bom senso. Com o companheiro Roma estudamos detidamente um grande grupamento de companheiros que se encaminhavam para os enlaces matrimoniais, a fim de melhor dominarmos a matéria sobre os auspícios da atualidade, e veja qual foi nosso espanto! Observamos, hoje, entristecidos, as irresponsabilidades a campear, companheiros esclarecidos que, sem o menor constrangimento, dizem que vão se casar, mas, se não der certo, se separam. Avançam para as bodas contando já com as plenas possibilidades de falência e de efetivar em futuro muito próximo uma separação. Esses já adentram o lar de costas, prontos e preparados para sair a qualquer momento.

Não percebem a responsabilidade que é a construção de uma família, que muitas vezes é planejada por décadas a fio ou até por séculos. Não notam o carinho, o amor e a dedicação de nossos companheiros do mais Alto para que o sucesso, o crescimento e o progresso possam permear essas vidas e, assim, o amor possa triunfar acima de tudo. E, dessa forma, ao primeiro sinal de incêndio no transatlântico da família, eles se jogam no mar, mas se esquecem que, ao fugir, ao se acovardar diante das lutas redentoras, logram outras e novas responsabilidades no grande mar da vida. Mais dia, menos dia, a lei os alcançará e lhes exigirá reparação e, o que é pior, muitas vezes em situação já totalmente adversa.

Família, meus irmãos, não é brinquedo! Exige seriedade, respeito, aplicação, determinação, vontade, dedicação, afetividade, resignação, perdão, superação, participação, comunhão, doação, entrega, realização, sonhos, pacificação, entendimento, lealdade, humildade, perseverança, caridade, sensibilidade, simplicidade, capacidade de luta, muita coragem, esperanças sempre renovadas e, acima de tudo, uma profunda disposição para a construção do amor.

– E aí, nesses casos, alguma solução?

– Celso, é com você.

– Querido Jesuino, claro que tudo tem sua solução. Para este caso, de nada adiantará empreender uma série de buscas milagrosas, somente o Evangelho em família, na família e pela família será capaz de, no tempo, recriar as condições ideais para a estabilização dos desafios, recolocando a composição do ontem nos devidos trilhos e fazendo com que ela deslize tranqüila até as estações da vitória plena. Evangelho no lar, eis a grande profilaxia para esse adoecimento coletivo que hoje nos exige redobrados esforços e muita atenção. Nas Casas Espíritas onde tenho oportunidade de estar, muito tenho falado acerca da cautela em relação aos modismos.

– Permitam-me mais um adendo.

– Claro, querido Palminha!

– Em nossa Casa temos nos preocupado muito com esta temática, tanto que envolvemos todas as coordenações em esforços direcionados a promover um maior número de cursos, encontros, seminários exclusivamente sobre temas ligados à família, considerando que em nossa própria instituição contamos hoje com gravíssimos problemas que envolvem companheiros muito queridos. Ademais, já solicitamos ao irmão Orfeu, coordenador espiritual de nossa mocidade, que, em conjunto com o querido Orlando, coordenador encarnado de nossa mocidade, que não meça esforços no sentido de abrir também seminários para os nossos jovens visando a uma constante discussão sobre o assunto, que julgamos da maior urgência e imprescindível para o preparo de nossos irmãos ainda no alvorecer da experiência terrena.

Para isso temos nos reunido com Orlando e com todos os outros jovens das coordenações lá em nossa Casa, aproveitando o período do sono físico. Assim

nessas reuniões temos elaborado um planejamento muito interessante. Na verdade, meus amigos, esforços não têm faltado. Solicitamos também à Coordenação da Família que promova o maior número possível de atividades sobre a temática e incentive constantemente a implantação do curso do Evangelho no Lar, pois assim a conduta profilática fica completa.

– Ficamos muito felizes com esta gama de iniciativas!

– Vou falar com a Eulália para implantarmos em nossa escola a “Semana da Família”. Quem sabe lograremos êxito e, assim, também damos a nossa parcela de contribuição em tão importante questão!

– Yvanovick, todo esforço é válido e toda colaboração é muito bem-vinda. O padre Alonso também tem atendido nossos pedidos e há quase um mês que suas prédicas têm sido direcionadas à reflexão sobre a família. Tem funcionado lá com um grupo de senhoras da pastoral da família, que realizam vários encontros. Os resultados têm sido muito auspiciosos, de forma que temos recebido contribuições de todas as partes.

– Ótimo, querido Celso Furtado, a família reclama a participação de todos. Mas você estava falando das análises, por favor, continue.

– Sim, outra parcela dos graves incidentes que têm vitimado nossas famílias decorre das obsessões, o ataque de companheiros infortunados que ainda não amealharam a sensibilidade suficiente para discernir sobre o valor do bem e os benefícios do amor, e por isso ainda se arrastam na insensatez das perseguições pertinazes, levando assim a infelicidade a muitos lares.

– Por que isso?

– Ora, caro Jesuino, encontram guarida, têm a permissão para adentrar, e, a bem da verdade, na maioria das vezes são tratados como hóspedes de luxo, agradados e bem servidos de todas as formas. Não encontram a mínima resistência e, pelo contrário, os ventos têm soprado sempre a favor.

– Permita-me um adendo, querido Celso.

– Palminha, gostamos imensamente de ouvi-lo.

– Estudos levados a efeito em nossa colônia têm nos mostrado a influência do álcool nessas questões. A bebida tem dizimado muitos lares dantes felizes, tem sido responsável por um sem-número de infelicidades, desavenças, brigas, agressões, traições e é um dos principais vetores das separações que têm ocorrido. As pesquisas realizadas pela equipe de nosso companheiro Roma nos deixaram assustados com a quantidade de bebidas estocadas nos lares, nas geladeiras, nos ditos barzinhos, destacando o aumento significativo de mulheres que fazem uso assíduo de álcool, comprometendo sobremaneira as sutis engrenagens femininas e muitas vezes inviabilizando projetos maravilhosos. O que nos preocupou ainda mais foi o descuido dos lares espíritas para com essa questão. Observamos ali também uma grande incidência de bebidas alcoólicas e, na maioria das vezes, registramos as induções vigorosas de pesados inimigos das atividades doutrinárias tentando inviabilizar as contribuições de ilustres companheiros, tudo isso por meio de induções muito sutis.

– Palminha, temos estado preocupados também, em nossa Casa, com uma significativa leva de companheiros que, apesar da mensagem consoladora da Doutrina dos Espíritos e de seu conteúdo alertador sem precedentes, ainda insistem em continuar a utilizá-lo sobre o pretexto de ser tão-somente em

ocasiões especiais. Ora, se a ocasião é verdadeiramente especial, aí então é que não deveria o álcool nem passar por perto. Temos feito todos os esforços possíveis para tirá-los desse caminho.

– Sim, meu nobre Carimélio, já há uma disseminação generalizada. Veja você que nas atividades sociais de muitas instituições, até louváveis em sua finalidade, jantares, bailes, encontros fraternos, já há uma liberalização franca do álcool. E sob o pretexto de que ali comparecem inúmeros companheiros à margem das convicções doutrinárias!

– Ora, então seria o momento de exemplificar as verdadeiras condutas preconizadas por meio da conscientização advinda das messes de luz que jorram do Consolador Prometido!

– Disso não tenho dúvidas. Temos de levar o equilíbrio Doutrinário ao mundo, e não sofrer do mundo as contaminações absurdas e, pior, sob pretextos paupérrimos!

– Sim, mas deixemos nosso Palminha completar sua dissertação sobre tão importante assunto.

– Sim, companheiros, essas questões têm nos entristecido muito, pois são posturas absurdas, inconseqüentes. Droga é droga em qualquer situação, mesmo que em doses homeopáticas será sempre droga. E, quando utilizada como medicação, não podemos e nem devemos prescindir da devida prescrição orientadora por parte do companheiro médico. Aí, o dia em que ele prescrever o álcool na fórmula de alguma medicação, possivelmente será porque nesse momento ele se faz necessário. Fora disso é uma droga venenosa como outra qualquer e, assim sendo, devemos alijá-la de nosso convívio determinantemente.

– Querido Palminha, seria isso uma radicalização?

– Nobre Gabriel Ventura, de forma alguma trata-se de uma postura radicalizadora, mas de um posicionamento simplesmente conscientizador. Uma questão de ver o assunto pela lupa da lógica, da razão e do bom senso, sem querer tripudiar sobre a questão diante de nossos próprios interesses. Ademais, lidamos todos os dias nas Casas Espíritas, nas tarefas da mediunidade, no exercício sacrossanto da doutrinação. Nessas oportunidades, companheiros no exercício da psicofonia, da vidência e vários outros que auxiliam nas tarefas de transporte e sustentação nos ajudam a lidar com as questões tétricas causadas pelo álcool e que acabam por desaguar na mesa mediúnica. Pergunto: o que nos autoriza a fazer qualquer vinculação da Casa Espírita ao álcool?

– Voltando ao assunto, pelo nível de preocupações a que ele nos arrasta, hoje são promovidos muitos encontros, jantares, horários dançantes, festividades com finalidades várias, e a grande polêmica tem sido a presença da bebida ou não, por se tratar muitas vezes de atividades beneficentes e tal prática ajudar no processo estabelecido para angariar rendas preciosas para o progresso de muitas entidades.

– Nobre Gabriel Ventura, qualquer promoção das Casas Espíritas é vista como iniciativa muito digna e muito necessária. Entretanto, isso não nos confere o direito de adotar padrões do mundo, quando a nossa maior proposta se encontra nos processos de espiritualização. Não podemos e nem devemos levar o mundo para a Casa Espírita. Cabe-nos, sim, transferir a espiritualização oportunizada pela Casa Espírita para o mundo, e assim ser agentes de mudança de conceitos, de hábitos, de comportamentos, semeadores de um mundo melhor, e não cúmplices de modismos sabidamente nefastos. Aliás, se tivessem a oportunidade de participar das atividades de socorro nas regiões de abismo e de trevas, eu até acho que qualquer postura radical contra o álcool como ingrediente de bebida e como fonte de prazer seria perfeitamente compreensível. O que não podemos é ter um discurso para dentro e adotarmos outro para fora, pois isso seria, no

mínimo, pura hipocrisia. Hipocrisia e Doutrina Espírita são como a água e o óleo, jamais se misturam!

– Querido Celso Fagundes, continue por favor.

– Meu querido Palminha e queridos irmãos, vemos ainda a grassar sobre os lares o despreparo, a falta de amadurecimento para as tarefas e respon-sabilidades. Somando-se a tudo isso, encontramos também a infantilidade produzindo posturas totalmente inconvenientes e dificultando os trâmites da harmonia. É certo, meus irmãos, que temos muito a fazer. Trabalhar e trabalhar, descanso não é palavra do nosso dicionário. Verdadeiramente conto com todos, pois se trata de uma responsabilidade comum exigindo uma tarefa de esforço coletivo.

– Palminha, Palminha, Palminha!

– Ora, Lucídio, a que vens com tanto espanto e com tanta pressa, esbaforido dessa forma?

– Querido irmão, nosso coordenador, o Amaral, pede socorro!

– Socorro?

– Sim. Aqueles irmãos sanguinários do grupo do Tatá da Roda Negra estão lá na estrada e planejam um grande acidente. Estão sedentos de sangue. E o grupo aliado de Cavalo Louco se mantém ao longe, ao que nos parece, só aguardando o repasto para que possam participar. Precisamos de ajuda urgente!

– Queridos irmãos, em outro momento continuaremos esse tão importante assunto. Outras obrigações de cunho urgentíssimo nos aguardam e, pelo jeito, não podemos nos demorar. Lucídio, vamos sem demora. Essas situações exigem a presença imediata, pois com esses tipos de mente não se pode brincar. Estão sempre dispostos a tudo. Verdadeiramente tudo pode esperar, menos as emergências, pois estas requerem de nós um grande aguçamento, presteza e total dedicação ao bem. Tudo pode esperar nestes campos onde as lutas se sucedem de forma interminável. Precisamos ter grande discernimento, calma, muita paciência, perseverança, fé, operosidade no bem e, acima de tudo, o bom senso em eleger prioridades. Tudo pode esperar, exceto as prioridades!

As comunidades se entrelaçam formando uma grande rede, na verdade, uma rede de necessidades, que reúne ali espíritos de uma mesma faixa psíquica, carreando consigo necessidades afins. Muitos são companheiros de largas eras, parceiros de combates, de desditas inenarráveis, amigos de falcatruas, de desregramentos e que hoje se mantêm reunidos em um mesmo bolsão, pois mantêm ainda o mesmo ambiente das sintonias psíquicas, as mesmas necessidades, as mesmas carências e níveis de compromisso muito próximos. Outros se misturam a essa massa, pois, apesar de não possuírem históricos passados próximos e nem mesmo comuns, eles são donos um ambiente psicológico idêntico ou quase idêntico. Dessa forma se anelam pelas linhas das necessidades comuns, o que os mantêm presos também pelos laços da sintonia, e aí produzem suas desvinculações e constroem novas vinculações, vivências sempre melhores, mais aprimoradas, e mais consistentes.

Avançamos sempre, ainda que às vezes de forma aparentemente insignificante. Outros comparecem a esses bolsões se filiando às redes existentes em razão do trabalho. Ali é um ambiente talhado para que eles possam encontrar um campo fértil para produzir e, assim, pelo trabalho redentor, operar as devidas quitações, estando já em um plano superior àqueles que são tangidos aos processos dos acertos pelas dores ou intensos movimentos do sofrimento. Assim, por meio do trabalho em doação diária, operam a própria desvinculação, bem como pela exemplificação propiciam a muitos o próprio arrebatamento, crescendo e

avançando.

Muitos aí estão como braços da misericórdia. São companheiros amadurecidos na forja do trabalho e do bem. A maioria já está acostumada às lutas, à entrega plena em favor de muitos e se propõe a partir daqui para operar nesses bolsões. Muitas vezes eles próprios ajudaram a construir desde aqui, nos abençoados trabalhos junto às trevas densas, reunindo aqui e ali irmãos em terríveis desalinhos, portadores de altos níveis de necessidades e, assim, solicitam autorização para retornar às procelas terrenas em auxílio a extensas coletividades.

Bastas vezes são companheiros simples, humildes, totalmente fora do foco e das luzes dos holofotes. Em muitos casos se localizam em ruas simplórias, mas dali irradiam por sobre todos a luz do equilíbrio, do bom senso e da esperança. Tornam-se patriarcas indiretos de uma coletividade, a todos socorrem, ajudam, estendem as mãos e dali não desgarram enquanto ainda houver um irmão constante da programação ainda em necessidade. São irmãos para os quais os louros da vitória diante das experiências terrenas já são novidade, nem mesmo motivo para grande alarde. São companheiros cujas conquistas não deixam nenhuma dúvida da jaez espiritual que já possuem.

Isso requer que tenhamos o máximo de atenção para com as redes sociais nas quais nos encontramos, procurando nos ajustar a elas com a máxima presteza e com a maior funcionalidade possível, entendendo que da nossa desenvoltura espiritual nesses ambientes depende em muito o nosso encaminhamento no grande amanhã. Tenhamos sempre o máximo carinho para com aqueles que insistentemente transitam pelas vias do nosso coração. Tratemo-los com o máximo de atenção e carinho, e ofertemos a eles o que possuirmos de melhor, para que assim levemos de vencido os nossos processos de desvinculação pelas pautas da dor e, dessa forma desvinculados, possamos nos revincular, só que pelas formas agregadoras do amor.

O acaso não existe em nenhuma circunstância. A vida é uma experiência lógica e, por isso mesmo, o viver exige-nos sempre elevadas taxas de bom senso e de razão. A felicidade é tão-somente uma conseqüência.

---

1 - Lc 9, 57 - 61.

2 - Lc 16 , 9-18.

Capítulo 8

– Feliciano, apressemo-nos. Temos de comparecer com urgência à casa do senhor Gumercindo Nevada. Lembro ao amigo que o seu processo de desligamento está programado para ter início agora às dezoito horas e quinze devendo demorar no máximo uma hora. Precisamos estar presentes para poder ajudar naquilo que nos for possível.

– Ora, Tiburcino, como poderia me esquecer de tal acontecimento! Quero estar presente, pois se trata de um momento muito especial, pelas vitórias alcançadas.

– Sim, é bem verdade. Sua passagem prevista para hoje, e nas condições em que ele retornará, pode ser vista como uma imensa vitória. Creio que um milagre que seria a expressão mais certa.

– Claro que sim, Tiburcino. Se ele tivesse partido naquele dia, há oito anos, seis meses, cinco dias e treze horas, teria sido um verdadeiro problema. Vitimado por aquele acidente vascular cerebral repentino, a equipe encarregada dos desligamentos já havia chegado. Nós tivemos de mantê-lo agregado ao corpo por mais algumas horas, enquanto o nosso irmão Carimélio comparecia aos bancos da misericórdia para pedir que ele pudesse ser mantido ainda por algum tempo no invólucro carnal, para que a sua situação espiritual pudesse ser melhorada.

– Sim, lembro-me que permitiram mais dois, prorrogaram para mais três, depois para mais três, e assim até chegarmos ao atual momento.

– Sim, meu irmão, oito benditos anos naquela cama maravilhosa, mudo, privado

de suas atividades locomotoras, mas na maioria do tempo perfeitamente lúcido para melhor aproveitar a moratória de luz que lhe fora concedida. Bendito tempo de reconstrução e refazimento. Sem ele a coisa teria se complicado.

– Feliciano, é bem verdade que aquele acidente vascular veio colher-lhe totalmente despreparado. O seu corpo físico estava adensado de gorduras extravagantes, ingeridas sem nenhum critério tampouco cuidado. Os miasmas advindos de uma alimentação carnívora, totalmente fora do bom senso e dos níveis de normalidade aceitáveis, já haviam se estendido a toda a sua engrenagem perispiritual, o que dificultaria sobremaneira em seu processo de desencarne. A desvinculação entre o corpo perispiritual e corpo físico seria extremamente dificultosa, o que o manteria preso por muito tempo à matéria inerte diante ao sepulcro.

– Isso é realmente uma grande verdade. Mas, pessoalmente, não considero esse fato o mais importante, pois lhe prenderia talvez de três a quatro anos junto do sepulcro. Acho que o pior mesmo era a sua ingestão costumeira de mágoas, de raiva e o acúmulo de rancores que levava consigo por causa da pobre esposa e de alguns filhos. Veja que tudo isso foi provocado por sua índole sempre dominadora, impositora melhor dizendo. Ele ficava insatisfeito com todos aqueles que não atendiam imediatamente a sua vontade. Isso sim, Tiburcino, seria deveras assustador, pois remeteria nosso companheiro diretamente para as regiões das sombras, de onde dificilmente seria resgatado em um tempo inferior a dez anos ou mais. Como bem sabes, a morte não opera milagres e tampouco compra concessões. Muito provavelmente, por sua índole difícil, ele seria facilmente arrebatado por outras mentes vigorosas tão dominadoras quanto a dele. Aí, sim, demandaria talvez décadas ou até séculos para que tudo fosse perfeitamente exaurido.

– Ora, Feliciano, o irmão Carimélio, prevendo estes acontecimentos funestos para o seu futuro, agiu rápido e entrou com o pedido perante as instâncias da misericórdia, o qual foi discutido em redutos superiores. Graças aos recursos ofertados pelo próprio Carimério e outros também ofertados por aquela que fora

sua genitora na Terra, foi autorizada a sua permanência no veículo físico em caráter de prisão.

– Bendita prisão, não foi mesmo?

– Mas o que pesou mesmo foi que ele, apesar dos pesares, tinha uma extensa folha de trabalhador naquela farmácia onde sempre trabalhou, e ainda dedicava um tempo extra à farmácia lá da Casa Espírita, atendendo às necessidades com muito carinho. Ele era terrível para com os seus arquiinimigos no interior do lar, mas como trabalhador, construiu uma folha de serviços invejável. Ele se devotava ao bem em suas atividades. Nada fica perdido, não é mesmo? Ninguém é totalmente mau.

– Com certeza. E então, nesse transcurso de tempo, toda a sua alimentação fora providencialmente substituída por orientação médica e assim teve também que obrigatoriamente suspender o cigarro e a bebida. Isso fez com que se abrisse um espaço para uma verdadeira limpeza no seu campo perispiritual.

– Que pena, não é mesmo! As pessoas quase nunca param para refletir sobre a importância da alimentação que, apesar de atender às necessidades físicas, possui também íntima ressonância no corpo espiritual.

– Isso é mesmo uma realidade. Pena que isso muitas vezes tenha de ser tratado já nos momentos derradeiros da experiência terrena, muito mais pela necessidade do que pelo exercício do bom senso! Veja que Nangico, o seu protetor espiritual, me confidenciou que ele está limpinho, parecendo até novinho em folha. Prontinho para o desencarne. Esta bendita prisão domiciliar foi misericordiosa mesmo!

– Feliciano, temos então de considerar o mais importante: ele, submetido a essa prisão domiciliar, não tinha como recusar o auxílio dos antigos arquiinimigos. A esposa e os três filhos o cercaram de todo o carinho possível e, assim, meu amigo, alimentação, banho, limpeza, atenção, companhia, oração, dedicação, respeito foram minando suas resistências. E ele, pouco a pouco, não teve alternativa a não ser perdoá-los e colocá-los em seu coração. Veja que ontem tivemos um momento maravilhoso: ele chorou! Todos se preocuparam, achando que ele sentia dor, mas, na verdade, foi porque o arrependimento bateu forte no seu coração. Ele, mentalmente, passou o dia pedindo perdão a todos e agradecendo verdadeiramente por tudo quanto vinham fazendo por ele. Acredite que até o Nangico, seu protetor espiritual, também chorou copiosamente ao vê-lo assim, dando mostras de amplo progresso. Ele me disse que há mais de mil e trezentos anos todos os envolvidos em seu planejamento emergencial esperavam por essas lágrimas na formalização digna do perdão.

– Nossa, bendito adoecimento, bendita prisão, não é mesmo? Assim ele prontamente informou aos seus superiores, e eles decidiram que ele já estava prontinho para partir.

– Querido amigo, às vezes fico pensando que todo esse sofrimento poderia ter sido totalmente evitado. Por que nós temos, milenarmente, preferido o caminho duro das dores a buscarmos as estradas luzidias do amor?

– Amigo, são opções tomadas ainda dentro de nossa sistêmica ignorância. Verdadeiramente, temos sido maus para os outros, mas muito ruins também para conosco mesmos. Assim, após o seu desligamento parcial, ele será imediatamente conduzido à Casa Espírita por Carimério, onde deverá ficar nas primeiras seis ou dez horas. Assim que se concretizar o desligamento total, e o tráfego das energias entre o corpo físico e o corpo espiritual já estiverem finalizados, aí podemos dizer que ele realmente desencarnou. Ele será conduzido para outra Casa Espírita também localizada aqui mesmo nas redondezas, sendo que esta dispõe de amplo hospital em sua estrutura. Ele ficará ali até que possa seguir com equilíbrio e segurança o seu caminho. Nesse intervalo, lá mesmo ele

participará de alguns cursos para iniciantes, visando a sua melhor integração e adaptação à nova dimensão.

– Desculpe-me a pergunta, mas por que o pessoal encarregado dos processos da desencarnação não o deixa lá na Casa Espírita sob a responsabilidade do nosso Carimélio?

– Ora, meu irmão, a Casa não atende a tais objetivos. Eles possuem atividades ligadas à desobsessão. Lá, o trabalho é duro mesmo, indigesto, extremamente objetivo. Lidam com um campo magnético muito denso, o que não seria produtivo para um trabalho assistencial mais refinado. Trabalham sob a batuta de nosso irmão Joseph. Trata-se de um local cujo ambiente é mais sutil, mais leve, entretanto, com as características de uma pousada transitória.

Eles lidam com emergências e primeiros socorros. Veja você que até o corpo de trabalhadores encarnados lá é diferenciado. É um pessoal mais leve, mais sutilizado, mais bem aparelhado vibratoriamente e todos têm grande facilidade para interagir espiritualmente conosco a qualquer hora, bastando, para isso, um chamamento mais direto. E a casa de que lhe falei, onde ele demorará mais tempo até que tenha condições plenas de ser transferido com segurança, atualmente está sob a batuta de nosso querido Manoel.

Encontramos características muitos similares na Casa que está sob a responsabilidade de nosso querido Joseph, entretanto, a casa do querido Manoel possui um pessoal de características mais sustentadoras. O seu grupo é muito afinado entre si, muito próximo. Eles trabalham como uma grande orquestra e, além do mais, têm uma programação de estudos muito plena e que privilegia mais as questões vinculadas ao espírito imortal do que as pertinentes à caminhada física. Isso permite que os internos fiquem lá freqüentando os cursos existentes. E isso, com o tempo, lhes garante amplas condições de operar com segurança essa mudança de dimensão. Ora, assim cada grupo opera no campo que lhe é próprio, mas todos eles são muito importantes para o contexto do

espírito imortal. Não é sem motivos que estão sob a responsabilidade de companheiros muito diligentes, comprometidos, dedicados, amigos, mas, sobretudo, extremamente exigentes. Por ali, os indispostos, os descompromissados e todos aqueles que ainda se encontram arraigados ao vedetismo não fazem parada, pois não encontram campo propício para proliferar. Não encontram sintonia nem ambiente de ressonância. Esses dois companheiros são o que podemos chamar de “jacarandá purinho, madeira nobre onde cupim não entra”.

– Ora, Tiburcino, que maravilha é a misericórdia, não é mesmo?

– Tantos cuidados, tantas providências, e nós ainda temos de escutar freqüentemente que o nosso Gumercindo Nevada estava sofrendo demais! Imagine que outro dia uma nossa irmã, em visita ao enfermo, disse que vinha pedindo muito para que Deus tivesse misericórdia dele, que estava sofrendo muito e que já era tempo de ser olhado por Deus... Eu te confesso que, estando ao lado do enfermo, fiquei triste ao anotar tanta falta de discernimento e de bom senso.

– Que maravilha, não é mesmo Tiburcino! Quanta misericórdia! Deixemos estes comentários mais desairosos para aqueles que ainda não aprenderam a ler a cartilha da vida, pelo abc da misericórdia, do amor, da bondade e da compaixão, não é mesmo? Tudo pode esperar, mas este instante é de urgência e a urgência não pode esperar.

– Vamos! Vamos!

A misericórdia é infinita e nada passa despercebido diante do olhar sempre atento da Divina bondade. Estamos sempre cercados de amor e inundados de proteção. Na grande maioria das vezes, nós é que não permitimos o devido

socorro. Algumas vezes por nos mantermos em níveis de desespero incontrolável, fechando, com isso, as portas ao socorro emergencial. Outras vezes, nos trancamos no pessimismo ou nas reclamações, e impedimos que qualquer recurso seja providenciado em nosso favor. Na maioria das vezes, o monoideísmo nos mantém circulando mentalmente em uma mesma faixa, geralmente obscura, indecisa e distante dos círculos da luz. Dessa forma, nos colocamos fora das possibilidades de receber qualquer auxílio. Solicitamos socorro, mas queremos que ele seja viabilizado dentro de nossas exigências, em torno de nossas vaidades, e verificamos tão-somente o ângulo mais acanhado da nossa questão. Ou seja, sempre privilegiando o material e, dessa forma, inviabilizando todo e qualquer recurso de socorro para nós mesmos. Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. “Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou.” 1

Verdadeiramente, a pressa é sempre inimiga da perfeição. Existe tempo para tudo! O tempo é o grande mestre das soluções. A sabedoria começa a residir em nós quando aprendemos a trabalhar, a manejar e a administrar o tempo equilibradamente em nossa vida. O tempo nos ensina e nos conduz ao respeito pleno, e assim aprendemos a conviver com o tempo dos acontecimentos, com o tempo das realizações e com o tempo das transformações e, principalmente, com o tempo das pessoas. Tornamo-nos mais conscientes quando começamos a ver que neste grande abstrato chamado tempo reside e se plenifica a realidade de Deus.

---

1 - Ecl 3,1 - 2

Capítulo 9

Passavam-se os dias, sucediam-se os aconteci-mentos e milimetricamente iam, pouco a pouco, se cumprindo os planos do alto para o progresso de todos, sem que se perdesse nem um til e nem um jota.

Aquele casario continuava ali imponente, albergando almas que para lá afluíam em busca da cultura, do conhecimento e da tão almejada formação social. No entanto, poucos iam para lá preocupados com o manancial de sabedoria que poderiam amealhar dentro daqueles muros.

O calor era sempre e cada vez mais forte, embora os ventos não se fizessem de rogados e estivessem sempre a passear por aquelas bandas como verdadeira bênção divina, trazendo consigo o frescor e uma deliciosa brisa carregada do cheiro delicioso de mato.

As palmeiras se mantinham imponentes, como antenas perfeitas a captar todas as movimentações do ar e, principalmente, anotar em si os registros de uma larga e maravilhosa história de amor, entrega e dedicação por parte daquele corpo de abnegados serviçais da vida, que faziam da educação o caminho da redenção de suas próprias almas.

O Magistério funciona como uma maternidade recolhida, que gesta os rebentos no útero do conhecimento, amamentando-os com o leite da cultura e empreendendo, assim, maravilhosas incursões nos campos férteis da sabedoria. Gesta filhos sem as liças amargas das conjunções carnais e sem os limites das potencialidades biológicas. Produz em si a gestação do espírito, de alma para alma, de coração para coração, atendendo aos sagrados imperativos da

reconstrução do ser.

Assim, anonimamente, produz a maior das maternidades, os laços de afeto e carinho que a traça não rói e tampouco a ferrugem destrói, laços de amor imortal que nos mantêm vinculados para sempre.

A bem da verdade, estando na matéria ou fora dela, quem se esqueceu de sua professorinha? Daquela alma amiga, boa, singela, a nos amparar na inanição da cultura e da educação, a nos receber todos os dias com os pés descalços e barriga vazia, a nos estender o seu bendito coração de mãe?

– Antonio Silva, que letra é esta?

– Num tô alembrado num senhora!

– Mas Toinho, num viu a lição?

– Senhorinha, tive de campear uns boi e credita que com isso não me alembrei de mode ver as letras, professorinha!

– Vamos lá Toinho... pense, menino, se lembre já, sem demora, que letra é esta?

– Senhorinha, penso ser um guê!

– Está vendo? Como me disse que não sabia?

– É, pois é, até mesmo num alembrando, me alembrei!

Nisso, a roupa velha e encardida, suja de poeira do chão, já estava toda molhada, suada. Molhada de aperto no coração, de medo desse tal de a, bê, cê, dê...

Bendita professorinha, que, se não me fez aprender mais que umas doze letras, conseguiu me fazer entender o que é se sentir amado. Ela me ensinou o delicioso gosto pelas lutas sociais. Todos nós, independentemente da posição que nos ocupamos, daquilo que fazemos ou do lugar que a vida nos colocou, jamais podemos declinar das nossas responsabilidades sociais. A individualidade em função do coletivo!

Era mais um dia de trabalho naquele sagrado educandário, naquele grande reformatório de almas, onde necessidades e necessitados se reencontravam para mais uma lição a ser ministrada pela própria vida.

Feliz daquele que entende o seu papel perante a vida. Feliz daquele que não se omite nem tampouco se demite, mas que oferece a sua parte em mãos-cheias, pois estes, por certo, encontrarão a verdadeira razão de viver. Amar e trabalhar, trabalhar e crescer, crescer e evoluir, para assim se localizar no perímetro exato da Fraternidade Universal!

Soa a campainha e inicia-se, assim, um corre-corre em direção às filas, todos querendo ocupar o mais rapidamente possível o seu lugar, para que nada viesse a contrariar a terrível dona Eulália.

– Beatriz, por que essa saia tão curta, menina?

Beatriz ficou corada e, sem mais delongas, desfez as dobras artificiais que fizera na própria roupa. Enquanto isso, outras meninas apressavam-se em também desfazer as barras antes que fossem colhidas em público.

– Baltazar, onde está a blusa do uniforme?

– Ontem entrou um ladrão lá em casa e roubou tudinho. Mamãe até mandou este bilhete para senhora, dona Eulália!

– Hum!

– Professora, o que sua turma tanto conversa?

E se fez silêncio absoluto. Ela era danada.

– Pai Nosso, que estás nos céus.... Abençoe as nossas aulas de hoje, nos faça dignos do aprendizado e proteja sempre a nossa escola... Em fila todos para a sala. Disciplina!

Pedagogia sem disciplina é como o corpo sem alma.

Em um plano mais objetivo, Marquezano e Yvanovick amparavam Eulália e toda a instituição, à qual devotavam profundo amor. Vários guias espirituais, gozando do clima positivo gerado pela prece, integravam-se ali aos trabalhos gerais daquela instituição. Enquanto isso, um sem-número de companheiros mais infelizes mantinham-se tristes e acabrunhados pelos muros, sem coragem nem condições de ali aportar, porque eram limitados pela força da oração e contidos pelas barreiras constituídas pelo trabalho de amor. Onde há o trabalho e amor o mal não se estabelece!

E assim teriam de, forçosamente, passar quatro horas sem nenhum acesso aos seus alvos, ainda correndo o risco de eles fugirem das mãos, pois nada há de mais desobsessivo que a educação, principalmente quando se ocupa da alma, por meio dos exemplos emanados na prática do dia-a-dia.

Assim, Eulália e seus valorosos guerreiros assumiam as tarefas diárias junto aos filhos de Deus colocados sob sua responsabilidade. E do alto, sobre aquele imenso casario, fluía um cântico suave das imensidões siderais e caíam pétalas de maravilhosas rosas balsamizantes, para que em todo o transcurso daquele dia o trabalho fosse abençoado, alegre e muito feliz. Onde há o esforço no bem, a misericórdia sempre se faz presente.

– Querido Marcondes Ribeiro, como anda a nossa Adailda nestes dias?

– Ora, Rômulo Paiva, temos feito todo o possível para ajudá-la, mas não temos logrado êxito. E veja que já estamos vindo nessa luta há quase um ano e os avanços têm sido mínimos. Ela se mantém presa a essa idéia de separação conjugal e pensa somente nisso. Assim, vai se mantendo cada vez mais mergulhada nessa situação, apesar dos nossos esforços em mantê-la sob controle e lembrar-lhe das responsabilidades do lar. Veja você que tudo começou com um simples mergulho nas regiões mais profundas do inconsciente, e daí para cá as

coisas foram tomando uma proporção incontrolável.

– Por favor, Marcondes, fale-me sobre isso. Preciso amealhar melhores conhecimentos nesta área.

– Essas questões são interessantes mesmo, porque a elas todos nós estamos sujeitos. Veja você que a nossa Adailda sempre foi uma companheira muito centrada e sempre consciente de suas responsabilidades como esposa e mãe, além de possuir uma boa formação moral, o que vinha lhe mantendo a estabilidade até há bem pouco tempo. Tempos atrás, ela e o Adélio foram a um casamento de uma sobrinha muito querida, seguindo-se a ao evento uma magnífica recepção festiva oferecida pelos nubentes. Nesse dia, Adailda, que nunca teve o hábito de beber, entusiasmada pelas cores bonitas de determinadas bebidas, sensibilizada pela suntuosidade da festa, pela imponência dos garçons, pelas músicas e pela vibração bastante oscilante devido ao elevado volume de bebidas alcoólicas que até ali já haviam sido servidas e ingeridas, manifestou o desejo de tomar um pouco daquelas bebidas colocadas em tão maravilhosas taças.

– Houve alguma indução espiritual para levá-la a esse desejo tão incisivo, meu caro Marcondes?

– Não, meu querido Rômulo, nada disso. Ela fez uso da bebida tão-somente por seu livre-arbítrio. E veja você que tanto a questão das bebidas quanto desses ambientes festivos, onde a vaidade, o luxo e a ostentação campeiam soltas, foram questões muito bem trabalhadas com a nossa irmã em seu período pré-reencarnatório. Foram gastos longos períodos em que foi trabalhado exaustivamente com ela o perigo da ingestão de álcool. Por isso essa questão é bem mais intrincada do que parece.

– Intrincada?

– Sim, meu caro amigo Rômulo Paiva, as questões agregadas ao mundo anímico são muito mais sérias do que se pensa, pois muitas vezes são determinantes e acabam por ditar mudanças e acontecimentos em muitas vidas.

– Mundo anímico, querido Marcondes?

– Sim. São realidades vivas que moram nos campos do “em si”, e muitas vezes se escondem nas profundezas da alma. São reflexos que se mantêm sempre prontos, ativos e dispostos a avançar sobre as barreiras do inconsciente. Assim, de forma muito sutil, em pequenas induções, eles acabam por gotejar insistentemente sobre as áreas do consciente buscando um ambiente de gratificação. Dessa forma, pouco a pouco, vão provocando verdadeiras rachaduras no mundo psíquico, culminando muitas vezes em desmoronamentos de grandes proporções.

– São lembranças?

– São muito mais do que lembranças, muitos mais do que clichês, são hábitos mesmo, experiências perfeitamente gravadas que se colocam a repetir ao menor disparo, sendo de difícil reversão ou contenção. A dificuldade está no fato de estarem ainda muito vivas e arraigadas em nós, pois vêm atravessando séculos e mais séculos e permanecendo vivas, pulsantes e latejantes, aguardando tão-somente o surgimento de momentos oportunos e propícios para desabrochar impiedosamente.

São como placas bacteriológicas a se desenvolver lenta e gradativamente, até

que, em dado momento, atingem pontos quase incontroláveis de contaminação. E até serem vencidas fazem várias vítimas e grandes estragos. Após desabrocharem, tornam-se incisivas e persistentes. São dominadoras na medida em que provêm da acústica da alma, emanam de dentro e, por isso mesmo, produzem mais eco e têm mais facilidade de abafar todo o produto mental oriundo das faixas do consciente. Isso acontece porque esses fluxos mentais não têm a mesma força e porque não carregam consigo a pertinácia dos hábitos.

Dessa forma, ficam plenamente franqueadas ao círculo mental. Têm um início levíssimo, começando por pequenas sugestões, até mesmo prazerosas inicialmente, avançando em incursões mais profundas, mas fugidias. Assim, lenta e gradativamente, vão se fixando como mania, e muito sutilmente vão dominando as estruturas mentais até que se plenificam, assumindo a direção da aeronave psíquica. Passam, então, a determinar o curso e o objetivo dos vôos pessoais e ameaçam sobremaneira a segurança de toda a tripulação. Aí, meu querido Rômulo Paiva, realmente teremos problemas graves a resolver.

Questões de cursos imprevisíveis e sombrios. Nas ocorrências mais reticentes e severas, elas são diagnosticadas como psicose maníaco-depressiva. Entretanto, nesses casos em que as ocorrências aparentemente são mais leves, não levam essa denominação. Muitas vezes passam despercebidas aos olhos dos mais eminentes lidadores das ciências psíquicas. Psiquiatras e psicólogos, muitas vezes, não conseguem perceber aí a gravidade da crise que se prenuncia, ou que já está há muito instalada e em pleno curso. Na verdade, existe aí uma realidade patológica de grave extensão e de curso perigoso, na medida em que mobiliza negativamente as reservas da alma.

– Você fala em ocorrência patológica, Marcondes?

– Sim, com todas as letras, querido Rômulo Paiva. Na maioria das vezes, observamos de nossa acanhada posição que há uma febre de automedicação totalmente fora de propósito, que mais não faz além de manter a problemática

sob a máscara de ansiolíticos, tranqüilizantes e antidepressivos totalmente inadequados. Essa medicação se presta somente a agravar o conflito, na medida em que serve apenas para esconder um pavio incendiário prestes a produzir uma explosão de enormes proporções. E o pior é que, após as explosões, a profilaxia deixa de existir como método preventivo, passando a ser somente recurso corretivo e de longo e difícil curso.

Na verdade, são irmãos que carecem de tratamento médico terapêutico e apoio medicamen-toso. Necessitam do abraço consciente da psicologia, que atende a alma por meio de um olhar humanitário e espiritualizado, para que severas providências possam ser tomadas ainda oportunamente. Na realidade, são companheiros que muitas vezes necessitariam até mesmo de internamento, tamanha a agressividade que reveste a ocorrência maníaca.

E novamente lembro o fator nefasto da automedicação, que acaba por retirar dos irmãos acometidos por essas ocorrências todas as possibilidades de reagir como o esperado, já que produzem alterações muito negativas para o sucesso da intervenção psiquiátrica consciente. São processos dos mais sombrios e que, muitas vezes, acabam por desaguar em dolorosas ocorrências suicidas ou em perniciosas influências obsessivas, agravando ainda mais as estruturas psicofísicas e fragilizando ainda mais o doente.

– Doente?

– Sim, Rômulo Paiva, são doentes com todas as letras e merecedores de todos os investimentos possíveis em cuidados e emprego do amparo devido.

– Então você quer dizer que nossa Adailda está doente?

– Caso queira, posso trocar por enferma, se assim se sentir melhor.

– Sim, fale-me mais sobre esta questão, pois esses assuntos me intrigam.

– Nossa Adailda foi à festa e, pelos motivos que já lhe falei, ela invigilantemente bebeu.

– Bebeu muito?

– Bebida alcoólica, meu caro Rômulo, não tem muito nem pouco. É sempre um veneno para as engrenagens cerebrais, provocando avarias signifi-cativas no equilíbrio psíquico. Ela agride imedia-tamente as áreas límbicas, provocando uma verdadeira pane nas estruturas hipotalâmicas. Dessa forma, há um desequilíbrio entre as mensagens cerebrais que viajam em trânsito entre o corpo físico e o corpo espiritual. Quanto mais álcool, maior é o desequilíbrio.

Veja você que até mesmo as áreas calcarinas são alvejadas, causando um imediato distúrbio das imagens. Essa turbidez atinge também o corpo perispiritual rapidamente, e o trânsito entre as imagens projetadas pelo consciente encontram fácil passagem para as áreas do inconsciente, sendo importante destacar que todos os setores fisiopsíquicos são atingidos. Essas influências, ou melhor, esses bombardeios viajam a uma velocidade sem precedentes, chegando até mesmo aos mais abissais pontos do inconsciente profundo. Assim, infelizmente, o descontrole provocado por esses ataques muitas vezes não deixa condições para que a pane nas informações e as vivências efetivadas retornem ao ponto de partida com a devida normalidade. Ou seja, que os materiais de ontem voltem ao ontem e os materiais do hoje permaneçam nas áreas do hoje sem se contaminar. E com esse descontrole instalado torna-se difícil a contenção e a correção.

– Nossa, Marcondes, essa tal bebida alcoólica, hein!

– É, querido amigo Rômulo, isso é coisa muito séria e que deve ser tratada com muita objetividade e sinceridade. O álcool é um instrumento lesivo ao organismo, tanto em sua versão material quanto em sua versão espiritual, e não existem meias palavras para isso, a menos que se queira faltar com a verdade ou, como dizem os mineiros, “tapar o sol com peneira”.

– Mineiros, meu querido Marcondes?

– Sim, mineiros, um povo que vive num bolsão existencial comum, agregado a um solo denominado Minas Gerais, nome que advém de uma região de muitas minas, exploração de riquezas provenientes das muitas pedras preciosas. Há muito vêm sendo reunidos ali para que possam, nesta oportunidade, empreender buscas profundas em torno das minas pessoais, cuidar das riquezas pessoais, cavar profunda-mente em si para extrair valores no próprio coração.

– Então, as coisas são mesmo assim?

– Rômulo, os planos divinos são insondáveis. Observemos detidamente as falas de Jesus ao arguto Nicodemos

“Jesus respondeu: Na verdade, na verdade, te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer, e ouves a

sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito. Nicodemos respondeu, e disse-lhe: Como pode ser isso? Jesus respondeu, e disse-lhe: Tu és mestre de Israel, e não sabes isto? Na verdade, na verdade, te digo que nós dizemos o que sabemos, e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho. Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como crereis, se vos falar das celestiais?" 1

Estas, meu amigo, são as bases do espírito imortal. Por isso, eles vivem sobre a legenda "Libertas quae sera tamen", liberdade ainda que tardia. São companheiros antiguíssimos e a grande maioria chegou na mesma nau, juntamente com Abraão, num rio que partia do lado de lá e que se "dividia em quatro braços". 2 Por isso já estão adiantados no processo de libertação.

– Então tudo é assim milimetricamente planejado?

– Ora, Rômulo, existe São Paulo, o paladino da boa-nova, progressista, otimista, trabalhador incansável, mas sempre às voltas com suas lutas pessoais entre o Saulo humanizado e o Paulo espiritualizante: "Que miserável homem sou eu, quem me livrará do corpo dessa morte?" 3

Essa afirmativa demonstra a luta expressa e severa do ser consigo mesmo em um amplo processo de regeneração. Temos, assim, o Rio de Janeiro, das lutas, das dores, dos desafios intermináveis, onde as flechas de seu protetor penetram fundo na carne, convidando cada um a uma cota maior no exercício do amor e da fraternidade. Temos a Bahia, requerendo diariamente a intervenção de todos os santos em razão de um povo de grande coração, uma gente tragada pelas emoções, mas ainda muito dependente de valores conscienciais que lhes permita fazer um melhor uso da razão em torno do bem coletivo.

Uma comunidade que possa entender melhor o papel de Jesus, O Salvador.

“Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.” 4 Precisamos entender com urgência que somente há um caminho, uma verdade e uma única vida: Jesus. Esses bolsões têm a sua finalidade específica e nós, que nos encontramos neles, temos as nossas necessidades pessoais. Eles nos atendem dentro de um planejamento refinado, harmonioso, feito sob medida para suprir com amor as nossas necessidades. Saibamos bem aproveitá-los! Mas, querido amigo, viajamos longe, fizemos aqui uma digressão oportuna. Voltemos, então, ao ponto de nossas conversas. Falávamos sobre o álcool.

– Sim. Marcondes, um dia ainda gostaria muito de te contar sobre a minha desdita na área do alcoolismo.

– Querido Rômulo Paiva, todos nós viemos de severas quedas, de desventuras das mais complicadas e, na realidade, um imenso número de seres tem sua história para contar nos terrenos movediços do álcool.

O passado, meu irmão, é um abstrato que procuramos achar no terreno movediço do tempo. Contudo, passou, e não existe mais. Prefiro que um dia paremos para que o amigo me conte sobre suas realizações atuais, sobre aquilo que você tem feito de bom, de positivo, de agradável a sua consciência e que lhe garanta seguir em frente com segurança e determinação. Deus não nos avalia por aquilo que fomos, mas pela nossa determinação em ser. De nada adianta apenas termos sido isso ou aquilo, bons ou maus, o que foi se insere somente no passado, e de passado por aqui ninguém vive, querido amigo. Por aqui vivemos do hoje, do agora, do presente, nas realizações que possam enobrecer a bandeira da fraternidade universal. Amar a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos.

– Marcondes, só o amor é real!

– Mas, como ia lhe contando sobre nossa Adailda, até mesmo por ela não ser uma bebedora contumaz, viu-se imediatamente desorganizada psiquicamente pela ingestão do álcool. Foi então que ela, já alcoolizada e inebriada pelas luzes e pelo ruído estridente da música, cambaleou e perdeu o equilíbrio, e já ia se precipitando ao chão, quando o nosso Adélio, atencioso e vigilante, agarrou-a no afã de protegê-la, apertando-a em si para que ela não caísse, prensou-lhe o pescoço e o rosto, provocando um repentino e longo sufocamento.

Nesse mesmo instante, em milissegundos, nossa Adailda viajou aos níveis do inconsciente profundo, resgatando todas as sensações de quando foi assassinada nos idos de mil quinhentos e oitenta e quatro, quando, embriagada, vagava de bordel em bordel, em antiga região da Toscana, na Itália, na época sob o domínio espanhol. Numa noite em que vagava tonta, e a fazer grande algazarra, e principalmente por promover grandes desvarios na área da sexualidade, o seu parceiro, também alcoolizado e não satisfeito com suas atitudes, enciumado, rancoroso e deveras agressivo, agarrou-lhe maldosamente, matando-a por asfixia.

Tão logo se viu fora do corpo e naquela lastimável situação, ali mesmo iniciou um processo de desforra, que vem se arrastando até a época atual, ansiando sempre por vingança e odiando seu assassino com todas as forças. Dessa forma se explica o sentimento que repentinamente tomou conta de nossa Adailda com relação ao nosso Adélio. Até há bem pouco tempo ambos eram considerados um casal modelo em comportamento, postura e estima, sendo vigas preciosas no equilíbrio do lar. Assim, de um momento para outro, as coisas começaram a tomar outra direção.

– Então esse sentimento em relação ao nosso irmão Adélio tem uma explicação. Ele foi o algoz de ontem!

– Nada disso, amado Rômulo, Adélio é um companheiro maravilhoso que, tendo participado de toda a preparação do clã para o devido retorno, ofereceu-se

espontaneamente para ajudá-los, tendo sido imediatamente aceito para o trabalho. Podemos dizer que Adélio é verdadeiramente um protetor encarnado, e por isso mesmo tem suportado toda essa situação nos níveis em que se encontra até os dias de hoje.

– E por onde anda o seu algoz?

– Rômulo, ele é Fernando, o filho do meio, justamente aquele que ela relutou exaustivamente em receber no lar. Pensou mesmo, por vários dias, em abortá-lo, sob a desculpa de falta de condições econômicas para mais um filho. E é justamente com quem sempre mantém uma relação bastante estremecida, apesar de ele constantemente lhe dar provas inequívocas de bom filho, de bom amigo e de uma alma plenamente regenerada e disposta a garimpar o seu perdão.

– É, querido amigo Marcondes Ribeiro, as coisas então parecem estar ficando cada vez mais difíceis. Você acha que pode haver solução?

– Meu caro Paiva, não há nada que não se solucione. Tudo tem um encaminhamento positivo. Entretanto, precisamos compreender que enquanto não despertarmos para as nossas realidades, não tomaremos consciência de nossas efetivas necessidades.

Nesse instante, nada feito. Não há como ajudar quem ainda não se decidiu, não desenvolveu um processo de crítica em torno de si mesmo, apesar de não estarmos falando de uma crítica ácida e intempestiva, pois esse tipo para nada serve. Estamos falando da crítica construtiva, desprovida de intencionalidades malévolas. Sem tais providências, não se tem como chegar à conclusão de que se precisa de ajuda! Não temos o direito de invadir a privacidade de ninguém. O respeito é tudo! E o livre-arbítrio é uma questão sagrada. Somente os nossos superiores poderão indicar a necessidade de ações compulsórias. Temos de

respeitar. Não esqueçamos de que todos nós possuímos o sagrado direito até mesmo de optar pelo sofrimento. A decisão é pessoal. Podemos ajudar com sugestões e estender as mãos. Constranger e obrigar, isso nunca!

– É verdade.

– Mas, ainda assim, temos envidado esforços no sentido de encaminhá-la à uma atividade em torno do Evangelho de Jesus. Veja que somente os convites enobrecedores do Evangelho poderão despertá-la novamente para a realidade, fazê-la retomar o curso normal de sua existência.

– Mas, meu querido Marcondes, você acha mesmo que o Evangelho de Jesus seria tão eficiente assim?

– Querido Rômulo, o Evangelho é um dos meios mais terapêuticos que conheço. Na verdade, trata-se de uma ferramenta com altíssimos recursos de sensibilização para todos. Veja você que até mesmo para que possamos encaminhá-la à psiquiatria, à psicologia, ela tem de estar preparada para a necessidade do tratamento, senão todos os esforços se perderão, medicação e trabalho psicológico se tornarão inócuos e infrutíferos.

– Ferramenta?

– Claro que sim. O Evangelho é um recurso apto a mexer com toda uma estrutura. Lembro, entretanto, ao amigo, que uma coisa é o Evangelho trabalhado de forma puramente religiosa, em que prevalece apenas a beleza das letras, a conveniência de um jogo vazio de palavras e somente se pratica uma disputa estéril de entendimentos. Outra coisa é o Evangelho terapêutico, que é

muito diferente. Quando trabalhamos com essa ferramenta de forma analítico-terapêutica, há um aprofundamento de alma e perde-se, então, toda e qualquer feição religiosa para se tornar uma doutrina, doutrina de amor.

– Será mesmo?

– Rômulo, Jesus, em palavras, aprofundava-se em todos aqueles que o ouviram as assertivas de luz. Ia às entranhas do ser, provocando situações de análises maravilhosas, nas quais pontuava, produzia cisões irreversíveis e, com elas, as transformações tão esperadas. Se o arado não sulcar, não machucar a terra, como se fará a adubação e como se preparará o plantio? E o que será da colheita? Foi assim com Pedro, Mateus, o centurião, a mulher de Magdala, João, o Batista, e, sem dúvida, com Paulo no grande momento no caminho de Damasco.

E assim foi com todos com quem teve o mais leve contato, seja Barrabás, Pilatos, Verônica, Cirineu, Zaqueu e tantos outros. Na realidade, ao trabalharmos a hermenêutica de seus contatos, observamos que suas pontuações sempre foram precisas e oportunas. Algumas vezes faladas, outras vezes efetivadas pelo expressivo olhar ou tão-somente por um profundo silêncio. Mas sempre tocava profundamente, remexendo com a totalidade do ser e deixando-o totalmente nu, aberto, exposto. Daí seguiam-se, então, profundas movimentações interiores que abriam os espaços necessários para as grandes mudanças.

– Caro Marcondes, tenho comparecido ao culto do Evangelho na casa da nossa companheira Acácia. Ela é uma das trabalhadoras da equipe de Carimério, pessoa amiga, dedicada, atenciosa e que muitas vezes lamenta-se por estar sozinha a fazer o culto. Na verdade, te confesso que às vezes até rimos, pois, na verdade, vamos para lá mais de trinta companheiros e nos reunimos com ela. Às vezes com a serviçal da casa e uma filha, que esporadicamente comparece, mas nossos encontros têm sido uma maravilha. Sempre que podem, nossos irmãos Palminha, José Grosso, Jair e outros também comparecem, e aí a coisa fica boa mesmo. Sabe quem apareceu por lá outro dia?

– Hammed!

– Como você sabe?

– Porque também estava lá.

– Mas não te vi.

– Querido Rômulo, questão de sintonia e de adequação vibratória. Onde você conta trinta, muitas vezes chegamos a cento e vinte, em um banquete dos mais admiráveis.

– Que maravilha!

– Sim, o culto do Evangelho nos lares se reveste de momentos maravilhosos. Pena que a maioria dos nossos irmãos não lhe dê tanta atenção nem lhe empreste a seriedade necessária. Por isso, querido Rômulo Paiva, temos como primeiro passo reaproximar nossa Adailda das atividades voltadas para o Evangelho na Casa Espírita. O segundo passo será levar o Evangelho até o seu lar e, juntamente com essas providências, associarmos o tratamento psiquiátrico e psicoterapêutico, ferramentas verdadeiramente indispensáveis para que retomemos à normalidade naquele lar.

– E isso não pode esperar...

– Qual nada, meu querido Rômulo, tudo pode esperar. Tudo aguarda o momento adequado, o momento exato no qual as condições ideais sejam reunidas satisfatoriamente. O improviso nunca foi bom companheiro em momento algum. A nau da vida jamais pode navegar ao sabor desordenado dos ventos, ela tem direção e cuidados sempre especiais. Nada está fora dos planejamentos superiores, a misericórdia jamais abandona quem quer que seja.

– Sim, você tem razão.

– Vamos lá, levando a colaboração que nos cabe e sabendo aguardar no tempo os encaminhamentos necessários.

– Sim, vamos lá e mãos à obra!

---

1 - Jo 3,5 -11.

2 - Gn 1,10.

3 - Rm 7,24.

4 - Jo 14,6.

Capítulo 10

A noite avançava silente, calma, luzente e maravilhosa. No zimbório celeste, as estrelas desfilavam pelo firmamento como pequenas pérolas espalhadas no espaldar de Deus, dando um maravilhoso espetáculo e atestando a grandiosidade do Criador. Tudo na criação é beleza, harmonia e grandiosidade. Tudo age e interage oportunizando sublimes lições de vida. Dali, reunidos à porta do Grupo da Fé, mantínhamo-nos em profundo estado de contemplação.

Era, na realidade, um momento em que reverenciávamos o grande Arquiteto do Universo. Todos nos sentíamos ali infinitamente pequenos ao admirar tamanha grandiosidade, tamanha imponência, tamanha grandeza a espargir entre nós profunda alegria. Acho, verdadeiramente, que ali não havia ninguém que, naqueles instantes, não se atrevesse a pensar na questão da pluralidade dos mundos habitados e não se questionasse, em silêncio, sobre a existência das coisas. De onde viemos? Para onde vamos? Por que viemos? E a que vamos?

Essa intrincada questão acerca da transmigração das almas me consumia em torno dessas grandes reflexões. A vida física é uma oportunidade maravilhosa, bendita, que a todos permite o ensejo ao progresso. Mas a vida espiritual é essa plenitude existencial, que toca a essência do ser e se aprofunda na direção do Criador, algo maravilhoso e indescritível.

Viver é um ato biofísico, na medida em que a vida se esparge desde as cadeias iniciáticas da criação, elevando-se ao ápice de toda a cadeia, o homem, que exibe em si uma das obras mais belas do criador. O corpo, esse templário abençoado para o espírito, permite-lhe vivenciar suas experiências mais diretas no mundo objetivo, ou seja, material, denso, ensejando, assim, as mais lindas páginas em torno do crescimento pessoal.

Entretanto, existir é um ato puramente psíquico. Verdadeiramente somos aquilo que pensamos, pensamos o que somos, somos e pensamos porque existimos. A concessão do existir é ato isolado de competência exclusiva do Criador, e isso é a essência da existência. E, pela concessão divina, nós existimos e nos imortalizamos. Atingimos o ápice da cadeia criadora por meio do atributo da inteligência, o que nos distancia milhões de anos de qualquer outro ser integrante dos planos do criador, por mais avançada seja sua escala na ordem da criação.

A existência responsabiliza o ser a exercer o seu papel diante da eternidade. Por isso existir é um ato que vai muito além daquilo que é simplesmente viver. A existência expressa em si a consciência e se faz, se realiza e se sublima nos meandros sutis do progresso, ao qual todos nós estamos sujeitos.

“Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.

O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito.” 1

E ali, em minhas conjecturas, viajei momentaneamente à velha Pérsia das muitas experiências, ao Egito das lutas, a Roma das árduas batalhas, às escolas maravilhosas das nações tupi-guarani, aos duros desafios do cativeiro, todas escolas benditas que pudemos freqüentar nesta grande arca dos aprendizados chamada de reencarnação.

As vidas sucessivas são janelas maravilhosas que se abrem no espaldar da evolução, para que possamos contemplar de forma mais ampla as oportunidades de progresso e de crescimento, ensejando condições de nos reaproximarmos do verdadeiro caminho.

Estávamos ali nos reunindo. Na realidade, todos os convocados do mundo espiritual já estavam presentes e, pouco a pouco, chegavam os companheiros queridos ainda domiciliados na experiência física, que, em razão das pressões impostas pela matéria, ainda tinham grandes dificuldades para se livrar dos laços que os mantinham presos ao veículo físico. Contavam setenta companheiros desencarnados e os encarnados convocados somariam cento e setenta. No entanto, até agora só se faziam presentes cento e quarenta e sete. Os outros chegariam atrasados, mas viriam. Na realidade, era o que podemos chamar de "uma equipe escolhida a dedo". E coloque dedo nisso...

Entre os desencarnados estávamos nós, o guia espiritual da cidade, o irmão J. Soares, doze protetores de áreas (bairros) que estariam muito ligados aos trabalhos e diretamente interessados nos projetos, quatro trabalhadores de algumas estradas que cortavam aquela cidade, oito dirigentes espirituais das Casas Espíritas que participariam diretamente dos trabalhos, trinta e dois colaboradores das mesmas casas, auxiliares diretos nos programas levados a efeito e irmãos responsáveis pelas lides mediúnicas, doze companheiros trabalhadores nas lides da desobsessão, seis colaboradores espontâneos alistados como voluntários, nossa veneranda Scheilla e os companheiros Flores e Célia.

Respondíamos, naquela oportunidade, pela coordenação-geral dos trabalhos com vistas aos objetivos a que se propunham, movimentando inicialmente algo próximo de setenta trabalhadores. Certamente outros trabalhadores ainda se somariam aos presentes e também colaborariam na execução do projeto.

Na parte dos encarnados, anotamos a participação de trinta e cinco companheiros médiuns psicofônicos, onze psicofônicos videntes, seis psicofônicos e de transporte, vinte e seis vibracionais, oito doadores de ectoplasma, dezoito doutrinadores, treze dirigentes de reuniões mediúnicas, quatro dirigentes de reuniões específicas para desobsessão, oito coordenadores das Casas Espíritas focadas no programa, seis coordenadores de reuniões de estudos evangélicos, seis coordenadores de reuniões de estudos doutrinários e treze companheiros cujas casas não foram localizadas na programação por alguma questão, mas que

foram inseridos como colaboradores.

A equipe fora formada por aproximadamente cento e setenta companheiros, todos pinçados com extrema cautela, muito critério, pois se tratava de uma missão complicadíssima e, diga-se de passagem, nossos projetos não admitem falhas e por isso não costumamos improvisar nada. Nestes casos, ou é ou não é. Para nós, em nossos planejamentos, não existem “parece ser”, “deve ser”, “pode ser”, “poderá vir a ser”. Em caso de dúvidas, preferimos nos abster, pois sabidamente isso poderá colocar auspiciosos projetos e grandes objetivos ladeiras abaixo. O meio-termo não trabalha conosco. Para essas atividades é necessário ter definição de propostas.

Seis Casas de Jesus ficaram de fora, duas por conflitos internos que acabaram provocando largas rachaduras psíquicas e inviabilizando qualquer atividade desse porte no âmbito na instituição. O ambiente estava muito contaminado pelas disputas internas e acabou por impregnar todo o contexto de vibrações deletérias. Outras quatro foram inviabilizadas porque, na atualidade, não possuem nenhuma programação mais auspiciosa, estando temporariamente entregues à inércia de seus participantes.

Em outras cinco, a mediunidade não possui a devida sustentação evangélica e doutrinária. A prática da mediunidade vem sendo tratada como uma questão simplesmente prática, e não objetiva. Concluímos, assim, que a mediunidade e os medianeiros que não possuem o devido polimento e os conhecimentos mais específicos não têm recursos mais diretos para atividades mais complexas.

Dessa forma, esses núcleos são ótimos para o trato do dia-a-dia, para tarefas de interesse pessoal, mas não chegam a possuir condições que dêem a devida sustentação a trabalhos que requerem recursos mais amplos, que só mesmo o estudo dedicado à Doutrina dos Espíritos, incluindo-se aí o Evangelho de Jesus, poderá construir e solidificar.

Anelado a tudo isso, em nosso grupo de trabalho observamos muitíssimo o envolvimento social de nossos participantes, pois os trabalhadores de Jesus sem folha de serviços nas atividades beneficentes objetivas, ou seja, no trabalho direto aos semelhantes, não reúnem condições ideais para missões mais delicadas. É o mesmo que querer fazer luz sem gerar energia! As atividades sociais são importantíssimas em toda e qualquer instituição que se proponha a trabalhar em torno do amor. Aliás, muitos dizem que o alimento material, roupas, visitas, isso tudo se desfaz com o tempo, e que somente a instrução, os estudos e o aprendizado são medidas válidas.

Precisam estudar detidamente a multiplicação dos pães e dos peixes por Jesus, pois até o Mestre se preocupou com a questão da barriga vazia e da inanição, o que dirá das outras carências? Visitou o amigo moribundo, a sogra de Pedro, multiplicou os pães e os peixes, reunia-se constantemente com os amigos na casa de Simeão, andava longas distâncias em razão do bem comum. Será que isso não é válido? Mediunidade sem trabalho constante no bem é o mesmo que bijuteria, muito bonita, muito bela, enche a vista, mas possui pouco valor! Para que trabalharmos com as bijuterias, se podemos trabalhar com as jóias verdadeiras? Para que insistirmos em ser bijuterias, se a transformação em jóia nos aguarda fatalmente no tempo? Para que ficarmos adiando indefinidamente essa transformação?

– É, querido Palminha, tenho muita pena desses trabalhadores que não percebem a necessidade de buscar conhecimentos e de trabalhar no sentido do bem ao próximo...

– Querido Raniere, eu me preocupo mais com os responsáveis por tudo isso, pois eles não sabem dos compromissos que estão assumindo para si mesmos. Eles estão alimentando ilusões, plantando fantasias e, por certo, terão de responder por tudo isso, pela ignorância que têm sustentado e pela inércia que vêm alimentando. Os trabalhos mediúnicos, sejam eles de que caráter for, são realmente muito sérios. Não é conveniente que alimentemos enganos e muito

menos enganados, sob pena de sermos nós os maiores prejudicados, carreando conosco uma extensa folha de responsabilidades.

– Querido Palminha, é preferível pecarmos pelo excesso de zelo do que pela omissão. O primeiro pode tão-somente exigir um emprego maior de tempo e trabalho, enquanto o segundo produzirá frutos imprevisíveis e temerosos.

– Realmente!

Estávamos todos nós em um amplo ambiente, um auditório de uma das Casas de Jesus escolhidas para o trabalho. Nesse instante, a grande maioria dos trabalhadores já havia chegado e, misturados ali encarnados e desencarnados, esperávamos todos o início da atividade. Não havia por ali lugar de destaque, todos eram importantes, todos estavam igualmente envolvidos nos reais objetivos.

Uma deliciosa música era veiculada por todo o salão, invadindo com suavidade os ouvidos ali presentes, transmitindo calma, suavidade e revigorando os ânimos. Foi quando nossa veneranda Scheilla, fazendo-se visível a todos, tomou a palavra. Sua voz aprofundava-se em nós qual um ímã aveludado, invadindo-nos por inteiro e contaminando-nos de suavidade, ao mesmo tempo que trazia a todos um sentimento de imensa responsabilidade. Bebíamos aquele momento com avidez, como a água a jorrar de uma fonte viva a nos saciar a sede de crescimento e de amor.

– Almas queridas, que Jesus, o Mestre de nossas vidas, possa estar conosco amparando a todos em nossas constantes necessidades. E que Maria de Nazareth, esse lírio perfumado de amor, estenda até nós o azul de seu manto de misericórdia, para que, sanadas as nossas deficiências e carências, possamos nos situar como instrumentos dignos e aptos ao trabalho da vinha bendita.

Companheiros, a empreitada que temos pela frente é das mais árduas, requerendo de todos nós a máxima aplicação e devotamento em prol da causa do bem, atendendo, assim, às determinações que vertem do mais Alto, que encontram em nós as condições necessárias para o seu desenvolvimento. Depois de tempos observando e trabalhando no cerne dos comandos de nosso irmão Tatá da Roda Negra, nossos superiores se acham preocupados com suas atividades e pretensas investidas.

Considerando que teremos agora um tempo de maiores atividades, a urgência requer que se recolham esses nossos irmãos aos bolsões onde eles vibratoriamente melhor se encaixarão, até que muito provavelmente possam partir para o exílio, já que para muitos não haverá mais espaço nem condições de aqui permanecerem. Nosso companheiro tem planejado como alvos principais o assassinato do nosso irmão, o delegado Francisco Neves, um trabalhador de largos créditos, por estar diretamente coibindo excessos no trânsito, além de promover uma ação forte em torno de vários grupos ligados ao roubo de carros no plano físico, grupos estes que agem diretamente sob o influxo de nosso irmão querido, o Tatá. Esses grupos mantêm de pé o poderio de nosso irmão Cavalo Louco com vinculações amplas na questão das drogas.

Há muito pouco tempo, Roda Negra tentou por duas vezes desencarnar uma companheira das lides espíritas e diretamente vinculada ao trabalho do trânsito, levando àquela instituição ampla cobertura espiritual em razão sua simples presença. Eles ainda estão em seu encalço. Lógico não lograrão êxito, mas andam levando muito desassossego ao seu lar e aos seus. Eles têm arrastado muitos jovens à criminalidade, muitos outros às drogas e outros a desvarios tresloucados. Atualmente, têm mantido amplo planejamento de ataques a jovens vinculados a vários grupos espiritualizantes, sejam eles ligados à fé católica, espírita ou até mesmo aos diversos grupos evangélicos. Objetivam com isso esfriar a fé e destruir as convicções em torno do Evangelho de Jesus, e a sua tática tem sido a permissividade. Eles os arrastam a uma situação na qual sejam levados a crer que tudo é permitido e que o importante é aproveitar a vida sem limitações. E vejam que tudo isso tem sido levado avante com extremo rigor de comando e disciplina nos objetivos.

Ele tem infiltrado seus comandos em vários núcleos e, por incrível que pareça, tem conseguido resultados auspiciosos. Anotamos três suicídios, seis abortamentos realizados em condições dolorosas, um número sem conta tem se arrastado a uma sexualidade sem nenhuma crítica nem bom senso, as relações têm estado muito superficiais. Mas o mais preocupante mesmo se refere aos problemas do álcool, que têm avançado impiedosamente, e bem sabemos que daí para as drogas é um passo insignificante. Os nossos superiores acham que esse estado de coisas não pode mais esperar!

– Confesso, Raniere, que eu estou gélido, pois realmente não tinha noção de que as coisas estavam tão descompassadas assim.

– Querido Palminha, se você está gélido, imagine então como eu estou? Confesso que me sustento aqui por meio de muita oração, pois lembrei-me de que ainda tenho corações muito próximos na liça terrena, e que também poderiam estar sobre esses influxos perniciosos.

Scheilla continua:

– Almas queridas, companheiros muito amados, a situação nos exigirá um período de intenso trabalho e dedicação absoluta, pois somente com a determinação da vontade, o otimismo da fé e a força vibrante do amor venceremos mais esse desafio.

Vejamos.

O grupo de Tatá da Roda Negra possui hoje quarenta e cinco comandos, todos eles muito bem organizados, disciplinados e determinados em seus objetivos. Estão sempre prontos para agir e para refutar com energia qualquer ameaça que lhes chegue. Oito comandos estão ligados às estradas, tramando acidentes, provocando desencarnes e ceifando vidas diante da menor invigilância que seja, principalmente quando encontram facilidades junto àqueles que já possuem atração por esses acontecimentos mais pesados, em razão de um passado delituoso que lhes sangra da consciência lesada.

Seis comandos cuidam de dar sustentação a assaltos de qualquer espécie, principalmente o de carros e residências. Isso tem como objetivo esfriar a fé e abalar a confiança de muitos, atemorizando a coletividade e fragilizando as estruturas sociais. Preferencialmente atacam companheiros compro-missados no bem, para que esses descreiam da proteção, da presença misericordiosa de Jesus e de seus prepostos. E, sempre que eles encontram ressonância, buscam avançar para os assassinatos, levando luto, desespero, indignação e revolta a muitos corações, principalmente aos mais sólidos em moral e fé.

– Sabe, Palminha, eu me arrepiei ao ouvir isso!

– Isso eu já sabia, querido Raniere. Existe todo um trabalho macabro e milimetricamente orquestrado para destruir a fé de muitos. Nossos irmãos, na realidade, estão muitas vezes à nossa frente, pois em nenhum instante sequer desdenham a força do bem e tem por ela o máximo respeito. Dessa forma, tramam para não cometer erros, ao passo que nós, muitas vezes, não acreditamos convenientemente na força do bem e duvidamos de nossa própria força. Em geral, oramos com a mente em Deus e a preocupação fixa no mal. Nós não nos organizamos nem levantamos em a bandeira da fraternidade. Falamos do Evangelho de Jesus com aquele ranço do passado, ainda perdidos na pomposidade das letras e distanciados das ações enobrecedoras do bem. Vivemos muitas vezes um faz-de-conta, como se, pelas aparências, pudéssemos driblar as circunstâncias que nos cercam. E isso acaba terminando sempre mal!

E ela continuou:

– Companheiros, todos esses trabalhos fazem parte de ações planejadas, visando tirar o nosso Brasil do caminho de “Coração do mundo e pátria do Evangelho”. Esses são os verdadeiros anticristo que planejam de todas as formas atrasar a marcha do planeta. Eles possuem dezoito comandos de ataques aos lares, e vejam que trabalham pesado: levam drogas, sexo, agressividade, suicídios, desavenças, separações e desunião de todas as formas. Na menor oportunidade que encontram, instalam seus tentáculos e, assim, sugam as forças e as energias vitais de companheiros mais desavisados, aqueles que vivem a alimentar em si a raiva, o ódio, o desespero, as reclamações, o pessimismo. Tudo isso serve como um verdadeiro banquete para eles, que procedem objetivando o surgimento de doenças hospedeiras que invadem as estruturas perispirituais ao encontrar trânsito livre nos canais psicofísicos.

Dessa forma, causam verdadeiras panes no campo psíquico e facilmente liquidam as resistências do sistema imunológico e deixam os nossos companheiros queridos totalmente expostos. Muitos vão, pouco a pouco, vendo a vida se esvair, atados psiquicamente e com pequenas chances de reação agindo isoladamente. Contam ainda com treze comandos, que Tatá dirige pessoalmente. Ele os chama de operações especiais ou de Grupo das Lágrimas. Esse pessoal é o mais terrível e age no interior das igrejas, dos templos evangélicos, das casas espíritas e em várias outras atividades voltadas para o bem. O objetivo deles é emperrar a máquina, travar as iniciativas, levar desânimo, açodamento das atividades, acomodação, dissensões, conflitos pesados e rachaduras. Visam, enfim, fazer desmoronar toda e qualquer iniciativa no bem.

Onde há o Evangelho, eles se mantêm na espreita, prontos para o ataque. Intentam de todas as formas esvaziar a fé, atirá-la à vala comum. Em nossa área de atividades, eles têm desincentivado toda e qualquer iniciativa em torno do Culto do Evangelho no Lar, desmotivando e causando desânimo de toda ordem. Não suportam livros sobre a temática. Temos assistido aos ataques impetuosos desses grupos nas Feiras do Livro Espírita, desincentivando essas iniciativas e,

quando elas são realizadas, muitas vezes, eles dificultam a leitura no interior dos lares.

– Quando não, veja o amigo, eles têm incentivado o negócio do livro espírita, que despercebidamente vai se transformando em mercadoria, quando, na realidade, deve ser concebido como ferramenta de cultura e de bênçãos, na medida em que ele ensina, esclarece e transforma, fazendo surgir um homem melhor. Não se trata de um negócio, mas de um esforço, de uma contribuição no contexto do conhecimento, propiciando o esclarecimento e a conscientização em torno da Doutrina Espírita. Não pode ser um negócio, haverá sempre de ser uma tarefa bendita, uma semeadura de luzes!

– Amigo Palminha, Evangelho, conhecimento, estudo, cultura espírita, entendimento enobrecedor pelo jeito não interessam a eles em hipótese alguma, não é mesmo?

– Claro que sim, quanto mais se colhem entendimento e conhecimentos, mais eles ficam impedidos de influenciar, pois não conseguem sintonia, bem como não encontram campo para suas atividades.

– Então será por isso que muitos grupos têm se afastado dos estudos e do aprendizado, preferindo prioritariamente funcionar distantes dos conheci-mentos iluminativos?

– Exatamente, muitos têm se aferrado inescrupulosamente à mediunidade, outros às tarefas sociais, e outros vários nem se importam com o conhecimento e se esquecem que os processos para as transformações são sempre individualizados e ocorre de dentro para fora, e não pela via inversa. Assim esses grupos se aferram a propostas de salvar o mundo por meio de atividades voltadas à desobsessão, ao assistencialismo, ao conversionismo, às pregações estéreis, às

curas que somente visam a matéria e se esquecem de que toda mudança é pessoal e intransferível, e ocorrem no banho de imersão profunda nas águas do próprio coração. Sem isso qualquer cura é tão-somente uma utopia.

– Seria uma fuga, querido Palminha?

– Em muitos casos sim, em outros não, pois advém mais do patológico.

– Patológico?

– Sim, a megalomania é uma doença da alma.

– Megalomania?

– Mania de grandeza que, por ser objetivada a qualquer custo, está sempre fora do foco do bom senso. Infelizmente, muitas de nossas Casas Espíritas e muitos de nossos companheiros estão acometidos de megalomania, meu querido Raniere.

– É... uma realidade dolorosa!

– Sim, quando o principio de tudo é a humildade. Sem humildade não se encaminha a lugar nenhum. Sem humildade nada se faz e nada se constrói. Trabalhemos com afinco a humildade em nós, Raniere.

– Humildade, meu querido irmão!

E ela continuou:

– Queridos companheiros, o momento é grave e precisamos de união, do devotamento à causa e da determinação no bem. Assim, todos são imprescindíveis em nosso planejamento. Precisamos de união, pois a vitória somente será alcançada pelo esforço comum. Companheiros, o grupo de nosso irmão Tatá da Roda Negra possui hoje, catalogados como agentes, dois mil trezentos e cinqüenta e dois irmãos, aos quais eles chamam de soldados, operários ou agentes. Eles são esclarecidos, não usam as drogas que incentivam, não se alimentam das bebidas que forçam, não se prendem à sexualidade e outras nuances. São extremamente adestrados, adestramento esse que lhes confere uma condição invejável de disciplina. Não estaremos lidando com companheiros comuns, são irmãos imensamente devotados àquilo que fazem.

Aprenderam a se alimentar dos miasmas dos sofrimentos, das vibrações deletérias do desespero, da angústia, das depressões, das dores e se banham prazerosamente nos rios das lágrimas. Não estão presos a ofertas materiais, vivem de magnetismo sutil proveniente dos prantos e do ranger de dentes. Assim, temos uma empreitada cujo marco inicial é hoje, com previsão para os próximos dez anos de se ter atingido a plenitude de nossos objetivos. Tenhamos certeza de que, até esse momento, serão dez longos anos a nos exigir um exercício pleno de disciplina, dedicação, paciência, tolerância, entrega, estudo, aprendizado e, acima de tudo, de profundo crescimento para todos nós.

As tarefas estarão divididas da seguinte forma: a primeira etapa será dirigida apenas aos comandos, pois à medida que conseguimos impor relevantes baixas às cabeças pensantes, todo o corpo se sentirá enfraquecido. Nessa etapa, muito provavelmente, serão consumidos dois anos. O terceiro ano será somente

dedicado aos trabalhadores do grupo e, por último, ao nosso irmão Tatá da Roda Negra. Nesse ponto, ele já estará enfraquecido e desanimado pelos seguidos insucessos e pelos muitos fracassos, além de solitário, sem seus bajuladores, que ele tanto aprecia e necessita. Assim, o grupo sob minha gestão ficará encarregado do primeiro comando, o das estradas, que muito provavelmente estará sendo substituído a cada perda. Mas ficará cada vez mais enfraquecido até que seja apenas um caricatura daquilo que representa hoje.

Nossos irmãos do Grupo da Luz ficarão encarregados do comando voltado aos assaltos e assassinatos, e também farão várias substituições até que se lhes esgote todos os recursos. Terão o suporte da casa de Francisca, de André, Virgilio e Abel Gomes, Meimei e dos Estudantes do Evangelho, lembrando a todos que a empreitada será de extrema complexidade.

Os grupos de Carimélio e de Vitor, da Célia e de Flores deverão assumir os trabalhos perante os grupos vinculados às ações junto aos lares, lembrando aos queridos irmãos que esses trabalhos respingarão em todos os demais grupos, que esporadicamente poderão ser chamados a colaborar e a intervir sempre que necessário. Somos sabedores de que todo cuidado é pouco, e por isso reclama uma intensa atenção de todos. Os comandos especiais serão tratados à parte, diretamente pelas equipes de incursões, preparadas para esses misteres, e que convocarão todas as instituições catalogadas para prestarem auxílio no momento certo. Cada Casa de Jesus deve estar inserida no programa e sempre preparada para o chamamento, cuja convocação pode acontecer a qualquer momento e sem aviso prévio.

Lembramos a todos que se mantenham a postos. A partir de hoje não haverá datas previstas e todos os dias poderão ser dias de reunião. Hoje se inicia para todos nós um freqüente estado de alerta, podendo qualquer um ser chamado a qualquer instante e em qualquer situação. Os companheiros domiciliados na experiência física, sem nenhuma exceção, que estejam vinculados a qualquer tipo de responsabilidade, lembrem-se de que toda responsabilidade será pouca e toda aplicação será exigida um tanto mais. Que haja a consciência de que o êxito

advirá da força do conjunto e da ação misericordiosa de Jesus entre nós.

– Querido Palminha, quanto desvelo!

– Amigo, isso não é desvelo, chama-se organização. Sem ordem não vamos a lugar nenhum! Não estaremos lidando com qualquer grupo, e sim com grupos extremamente cultos, perigosos e ardilosos. Por isso, meu querido amigo, toda organização é sempre pouca.

– Verdade. Ordem nas casas.

– Sim, para que haja progresso.

E a reunião continuou:

– Meus irmãos, os grupos de Cavalo Louco estarão sob a responsabilidade de nossos irmãos das terras bandeirantes, e os grupos da desordem e das barbáries comandados por Miguelzinho Tiro Certo estarão diretamente sob os cuidados de nossos irmãos vinculados ao “Cristo Redentor”. Assim, é bom entendermos que toda a área estará comprometida em árduas lutas e, por isso mesmo, corre o risco de grandes terremotos. Poderemos, também, buscar ajuda em outras localidades sempre que necessitarmos, tentando primeiramente resolver nossas necessidades por aqui mesmo, já que nossos irmãos também estão comprometidos em outras liças de peso. Que ninguém espere tranqüilidade, paz, sobejamento de recursos nesses próximos setenta anos. O trabalho de aprofundamento está somente começando. Os próximos dez anos serão somente a entrada e, diga-se de passagem, toda entrada é mais leve e mais agradável. Desafios mais difíceis estarão pela frente.

– Querido Palminha, então não haverá descanso mesmo?

– Meu querido irmão, quem estiver pensando em descanso estará livre para procurar outra freguesia, pois os anos a seguir serão de lutas profundas. Mas é necessário que seja assim.

Continua a nossa querida irmã:

– Chegando ao fim, permitam-me ler a carta de nosso querido mentor Ismael:

“Irmãos queridos, que Jesus em sua grandeza seja hoje e sempre a luz a iluminar nossos caminhos e a indicar-nos a direção do progresso.

Por ora iniciamos um grande projeto, o Projeto da Paz! Através de um profícuo trabalho em torno da fraternidade que nos une e do amor que nos conduz.

Estamos atendendo, assim, a objetivos maiores, emanados amorosamente de nossos superiores com relação ao Brasil, em um amplo projeto de preparação, pois que assim em breves tempos nosso orbe deverá definitivamente ascender à categoria dos mundos em regeneração.

Abrem-se as portas para que se possa se erguer uma nova terra.

Irmãos do Coração, instala-se nestes instantes uma nova ordem. Velhas ordens estarão de partida e em retirada perene, e estas despedidas compulsórias tornam o momento ainda mais grave.

Lembramos a cada irmão que todas as transformações são difíceis e dolorosas, por isso contamos com cada coração disposto a dar a sua parcela de contribuição, ofertando o melhor de si em prol dessa grande obra e desse

maravilhoso objetivo!

Abençoe-nos, Jesus, para que sejamos vitoriosos nesta empreitada, para sermos vencedores em nós mesmos e que, através da vitória pessoal, possamos então criar um ambiente positivo para que o coletivo verdadeiramente seja o maior vitorioso.

Nestas regiões temos a imensa responsabilidade assumida, perante o Alferes Tiradentes, de atender no melhor de nossas forças aos projetos de Jesus.

Assim sendo, deixo-vos a senha: garimpar sem descanso, acreditar sem dúvidas e trabalhar sem tréguas. Esta será a nossa identificação para que possamos atingir a meta de aproveitarmos ao máximo todas as chances, e que nada se perca.

Abrem-se, nesta hora, todas as comportas reencarnatórias. Enquanto muitos estão procurando as crianças índigos e cristais, tenhamos a humildade de consciência de que estaremos recebendo rochas ígneas mesmo, oriundas do magma da ignorância, mas que por meio desse magnífico recurso das vidas sucessivas, do amor que se encarna em cada coração aqui presente, temos plena certeza de que conseguiremos não deixar ninguém para trás!

Do Alto soam, de uma só vez e imperiosamente, todas as sete trombetas, convocando toda a Jerusalém dos nossos dias para a luta sem tréguas!

A primeira trombeta é a trombeta dos lares convidando as famílias a assumir o seu verdadeiro papel.

A segunda trombeta chama os pais para as lutas diárias, e assim para reavaliar suas reais responsabilidades.

A terceira trombeta faz a convocação em regime emergencial aos evangelizadores, para que assumam suas responsabilidades, muito em especial nos ciclos da evangelização infantil.

A quarta trombeta é a da juventude, convocando todos para as tarefas imediatas com respeito à implantação de uma nova ordem.

A quinta trombeta é a do Evangelho, chamando todos para cerrar fileiras no grande processo de implantação da boa nova.

E a sétima trombeta, esta é a trombeta da Fraternidade, convidando todos para uma convivência digna de uma Nova Ordem, a vivência profunda em torno do amor ao próximo.

Louvemos a Jesus hoje e sempre!

Agradecendo de joelhos por essa grande oportunidade de sermos os chamados nesse momento; façamo-nos, com dignidade, os verdadeiramente escolhidos para o grande banquete das bodas!

Ave Cristo!”

Nesse instante pudemos ver nosso auditório laureado de luzes maravilhosas, a despejar pétalas de rosas brancas que caiam sobre todos, e ainda que muito fugidiamente pude divisar ali a doce figura de Bezerra, Emmanuel e Joanna, Hammed, Miramez, Meimei, Fernão e tantos outros. Mas uma presença me era mesmo inesquecível, Francisco Cândido do Amor Xavier, ali, em sua simplicidade inconfundível, a exibir em suas mãos um exemplar da obra Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, como a nos convidar a retomar os olhos sobre essa tão significante obra. Lembrei-me das muitas lidas junto ao querido irmão, e as lágrimas rolaram silentes em meu coração.

– Querido Palminha, será que ele está nos convidando a tomar contato com essa obra?

– Sim, na medida em que estamos precisando retomar o nosso otimismo em torno desse nosso abençoado Brasil, necessitamos urgentemente de um banho de fé nessa terra de amor e luz. Olha, acho que devemos incentivar um maior contato de todos com as obras legadas pelo nosso querido irmão, muito em especial aquelas que verteram do pensamento majestoso de nosso Emmanuel. Estes tempos deverão ser de urgente leitura e, para alguns, de releitura. São tempos de ampla cristianização.

– Seriam tempos de novas cruzadas?

– Sim, só que desta vez pessoal. As espadas de luta são substituídas pelos livros que, ao invés de produzir feridas, trazem a cicatrização de um passado tenebroso, gerando uma ampla transformação moral. Nestes termos, a lavra de nosso irmão forma a vanguarda.

– Verdadeiramente, a partir de agora, tomarei isso como desafio na casa em que trabalho.

– Tomaremos isso como desafio em todas as casas de Jesus, um urgente retorno a Chico! Kardec e Chico são verdadeiros luzeiros para os dias atuais.

– Poderíamos dizer, então, que Jesus é a porta e Kardec a chave? E que Chico seria a sala de estar verdadeira, onde os convidados para o grande festim das bodas serão fartamente recepcionados e servidos?

– Raniere, você tem estado muito criativo ultimamente, mas, considerando a importância de todos, acho que você está certo.

Scheilla estava maravilhosa e, com acenos delicados, se despedia de todos nós, curvando-se meigamente em nossa direção.

Digo que era indescritível a sensação do momento. Eu agradecia verdadeiramente a Jesus por aquela maravilhosa oportunidade que tínhamos vivido, por ter podido participar daquela assembléia de tanta importância e

responsabilidade.

Todos, sem exceção, encarnados e desencarnados, trazíamos em nosso coração as mais sinceras propostas para os tempos que se seguiriam.

Assim, aos poucos, o auditório foi se esvaziando. E nós continuávamos as nossas atividades do lado de cá, enquanto os nossos companheiros encarnados retornavam aos seus veículos físicos. Em pouco tempo estariam despertando e partindo para os seus afazeres diários.

Com certeza, todos estariam mais dispostos, mais felizes e levando consigo uma carga a mais de responsabilidades e disposição para o trabalho. Estariam levando ainda consigo as suaves lembranças das maravilhas vividas naqueles instantes, e muitos, provavelmente, talvez até conservassem a impressão de que estiveram diante a veneranda Scheilla. Talvez até mesmo se arriscassem a alguns comentários, por mais fugidios que fossem, acerca da temática discutida. Mas, com certeza, todas aquelas propostas e assertivas ecoariam em sua mente de tempos em tempos, bem como os assuntos ali tratados seriam uma constante na pauta das recomendações dos companheiros dirigentes espirituais dos vários grupos ali presentes.

A simples palavra responsabilidade passaria, a partir dali, a ter uma nova conotação para todos aqueles corações que ali estiveram nessa oportunidade de luz. E quando ouvissem falar de Tatá, Roda Negra ou Tatá da Roda Negra, acidentes, crimes, perseguições, sentiriam por certo um friozinho na barriga, alguns por medo e outros por se lembrar das responsabilidades assumidas. Mas tenho certeza de que nenhum dos ali presentes sentiria isso levado pelo peso da deserção.

– Querido Palminha, você acha que os grupos estarão aptos para as atividades a

que foram convocados?

– Tenho certeza que sim. No princípio teremos várias rachaduras, grupos em dissensão, divisões internas, brigas, afastamentos, terremotos de toda natureza e é necessário que seja assim para que a terra se acomode e a paz volte a reinar. Mas, Raniere, tão logo tenha passado o período dos cataclismos, virá o momento do trabalho em profusão. Isso faz parte do processo. Tudo o que acontece sempre se dá para o nosso bem. Portanto, no calor dos acontecimentos saibamos sempre manter a calma, cientes de que nada é por acaso e tudo é para o nosso bem.

– É, amigo, você também tem estado muito criativo nos últimos tempos, talvez possamos chamar isso de maturidade espiritual...

– É bem provável que realmente seja. Não é possível que as lutas, as dores e a determinação em torno do trabalho não nos faça mais criativos, meu querido Raniere. Não é mesmo?

– Creio que sim.

Os dias passam qual alazão alado na estrada do tempo, são rápidos e, muitas vezes, mal conseguimos percebê-los em sua passagem relâmpago, e quando notamos já é um novo dia, um novo momento de outro instante.

O agora mais parece uma estrela cadente a cair no firmamento do tempo. Deixa chispas luminescentes marcando o caminho por onde passa, mas, ao firmarmos os olhos para melhor admirá-la, ela já passou. E não adianta mais nenhum esforço, pois o agora verdadeiramente já se foi, foi embora no instante do já para nunca mais voltar, deixando-nos a sensação de não termos vivido o vivido, ou de

não termos visto o que fora olhado. Por isso, o tempo é esse abstrato mágico capaz de nos trazer ilusões e de nos fazer acreditar muitas vezes nas ilusões dos sentidos. E por isso mesmo merece ser tratado com imensa seriedade, pois entre a realidade e as ilusões existe uma linha acentuadamente tênue, que muitas vezes deixa os nossos sentidos desnorteados e aparentemente adormecidos, como se estivéssemos sob o domínio pleno de uma hipnose bem conduzida.

E quando essas ilusões que vão se formando sobre as linhas da consciência passam a tripudiar sobre a nossa razão, nos deixando a falsa ilusão de não termos vivido o já vivido, de não termos realizado nossas realidades e nem tampouco sonhado os nossos sonhos. E de, às vezes, até termos passado por cima das realidades acreditando que elas fossem meras fantasias. Não podemos nos esquecer de mobilizar a razão.

É o tempo que muitas vezes nos traz a ilusão da beleza. Nós não damos conta de que entre o feio e o belo nada mais existe além da sensibilização imposta pelos olhos que vêem ou pelo coração que sente, ou ainda pela razão que comanda.

Ele, o tempo, é capaz de produzir a utopia da velhice, dando à alma a mesma curvatura do físico e fazendo-nos parecer seres do ontem, muito embora hoje seja outro dia, tudo se renove a cada dia e nós nos renovamos também.

E ainda assim temos a ilusão de que estamos velhos, mesmo sabendo que o tempo é exclusivamente temporal. E nos sentimos fracos, mesmo sabendo que a fraqueza é apenas uma sensação temporal e somente incide sobre o que é material, objetivo, ilusório, passageiro. Verdadeiramente não existe para o espírito imortal.

Assim é o tempo, ele não passa, ainda que nos dê a ilusão de sua passagem. O que passa tão-somente é a existência em sua ambiência psicológica, na medida

em que avançamos nos caminhos que percorrem o âmago de nosso ser.

Mas, na medida em que nos transformamos em novos homens, muito embora sejamos as mesmas pessoas, mudamos o ambiente pertinente ao mundo psicológico. Mesmo que a síntese das criaturas continue a mesma, ser imortal, para a imortalidade e pela imortalidade, embora nascendo e morrendo todos os dias, nascemos da perfeição, caminhamos para a perfeição, somos a perfeição, nos adulteramos nas formas, nas manifestações, mesmo que, como espírito imortal, sejamos sempre os mesmos, imutáveis e atemporais. É por isso que as almas mais frágeis precisam tanto sentir que possuem controle do tempo, e tremem quando têm a impressão de que o tempo esteja passando, enquanto as almas mais consolidadas no amor fazem o próprio tempo.

“Disse-lhes Jesus: Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso tempo sempre está pronto.” 2

O “em si” para eles não pertence à criação, mas plenamente ao Criador. Onde Criador e criatura se fundem em um só ato, o ato maravilhoso do amor, que tudo une, reúne, solda e funde.

O universo é amor, e o amor é a vida. Sendo todas expressões atemporais, não possuem passado, presente e futuro, simplesmente são fatos existenciais, existem por si mesmos.

Somente sabem o que é a volatilidade do tempo os pais que já admiraram o filho inerte no esquife mortuário, o esposo ou esposa que parou para admirar o companheiro hirto no leito mortuário, ou o próprio espírito ao desembarcar nas estações do lado de cá. Esses realmente sabem como o tempo é mesmo sem tempo!

1 - Jo 3,1-2

2 - Jo 7,6.

Capítulo 11

Naquele dia, as lutas pareciam ter se multiplicado. O colégio tornara-se uma correria só e todos se movimentavam daqui para ali, dali para cá e para acolá numa intensa velocidade, como tivessem pressa por um sei lá o quê, como se não quisessem deixar nada para o último momento.

Os jovens pareciam incontidos, indomáveis. Os mestres tentavam, a duras penas, colocar ordem na casa. As atividades se arrastavam, uma vez que os alunos viviam uma excitação ilógica, incomum. Havia uma sensação de ansiedade pairando no ar.

As aulas, embora ministradas com esmero, pareciam as últimas, mas com o carinho e a dedicação das primeiras.

Havia alguma coisa diferente naquele dia. Mas também existia uma onda de cordialidade evidente, um respeito, uma movimentação que, apesar de desproporcional para um dia comum, trazia consigo muita dinâmica e otimismo.

Marquezano e Yvanovick se revezavam diligentemente em suas funções, mas pareciam também estar misturados àquela grande onda, como se quisessem também acertar as pendências, todos os ponteiros de uma só vez. Corriam de um canto a outro como se quisessem ultimar as providências.

– Marquezano, respira-se uma pressa no ar. Sinto todos um tanto quanto ansiosos e com muita pressa!

– Ora, Ivanovick, também percebi essa movimentação. Já até mesmo emiti um sinal de alerta aos nossos bons colaboradores, para o caso de estarmos sobre a mira de algum desses ferrenhos inimigos da escola. Mas, em contrapartida, também recebi um retorno me dando ciência de que até aqui tudo corre normalmente. Eu observei, e me desculpe o amigo, que você também está um tanto quanto afobado hoje. Parece estar com uma pressa que eu não consigo entender!

– Tanto melhor assim. Quem sabe estamos todos querendo acertar o tempo, recuperar o tempo ou, melhor, utilizar o tempo? Quem sabe não seja isso?

– E será que esse tempo é assim tão recuperável, Yvanovick? Na realidade, tudo parece correr hoje. Dá a impressão que o hoje não quer deixar nada para o amanhã e, na verdade, acho que estamos como que mergulhados em uma grande onda de antecipação. Ou estamos em crise antecipatória. Preste atenção, meu amigo, até o vento parece ventar mais rápido. E essas palmeiras preguiçosas dão a impressão de querer se adiantar ao vento. Hoje me parecem buliçosas e fagueiras, bailando ao vento como nunca fizeram. Sei lá, parece que até a natureza está andando também com muita pressa hoje...

E assim, desde cedo, uma multidão de pais se multiplicava na escola à procura de soluções para os seus filhos. Uns buscando socorro, outros orientações, e vários levando seus próprios problemas para que alguém pudesse ouvi-los ali.

O trabalho é assim, multiplica-se a mãos-cheias, e o leque da pedagogia se abre ao infinito em verdadeiro sacerdócio de amor. Enganam-se todos os que pensam que a sala de aula é o limite pedagógico, pois que este é tão-somente um pequeno território de atuação. Ela se estende para os campos mais variados no atendimento às necessidades de toda ordem.

– Dona Eulália, confesso que vim aqui hoje para pedir socorro. Nós não agüentamos mais o Marquinho. Este garoto está impossível! Veja que não cumpre com seus deveres, foge das suas responsabilidades e, além do mais, tem freqüentado certa turma lá do bairro que ninguém mais está suportando. A única coisa que ele faz hoje é nos hostilizar o dia inteirinho!

Aquela pobre mãe se derramava em lágrimas incontidas diante daquela nobre diretora, que empregava naquele momento toda sua atenção e todo seu carinho no intuito de fornecer sustentação àquele coração que se arrastava ali em sérias dificuldades.

– Ora, querida Silvina, enxugue as lágrimas, minha filha, levante esta cabeça, e ainda agradeça a Deus, pois essa missão de mãe é assim mesmo. E eu sei que você e o Orlando, desde cedo, tiveram o máximo esmero com os meninos. E acredite, menina, que nem tudo na vida sai conforme nós planejamos. Veja você, meus pais queriam que eu fosse médica e me providenciaram estudo para isso, e eu fui a grande decepção da vida deles. Tenho três irmãs médicas e um irmão advogado. E eu vim para onde? Sim, vim parar numa sala de aula, na direção de um colégio. Hoje, graças a Deus, minhas irmãs me ajudam diante da insuficiência de meus ganhos e me assistem na manutenção de minhas necessidades.

Meus pais morreram frustrados comigo. Mas, veja você, eu sou a pessoa mais feliz do mundo. Adoro o que faço, amo tudo isso aqui. E o nosso Marquinho, é verdade, ele luta com algumas dificuldades, mas aos trancos e aos barrancos vai indo, não é lá grande coisa nas notas, mas está indo adiante. Entregue seu coração a Deus. Olha, filha, os pais muitas vezes sofrem muito e não é pelas notas insuficientes de seus filhos, mas pelo pavor de não ver seus filhos atingindo os objetivos que são deles. E muitas vezes, Silvina, não são também os objetivos de Deus para os nossos filhos.

Já pensou se no mundo somente existissem médicos? Onde estariam os engenheiros, as enfermeiras, as professoras. Nós precisamos também dos garis, dos marinheiros, dos eletricistas. Todos têm uma função maravilhosa diante da vida. Não fique preocupada porque o Marquinho parece não querer atender aos sonhos que são seus e do Orlando. Menina, se ele amanhã se tornar um cristão, amando o seu próximo com fervor, acredite que o trabalho de vocês terá atingido todos os objetivos. Silvina, agradeça a Deus pelo filho que tem, e saiba melhor entender os arroubos da juventude. Tudo passa!

Silvina a abraçou agradecida, como quem acabara de falar com uma mãe, e, enxugando as lágrimas, despediu-se, saindo dali mais confortada e feliz.

– Próxima.

– Eulália, minha querida!

– Como tem passado, Venância?

– Ora, Eulália, como bem sabe, eu sou somente preocupação. Tenho certeza de que você tem acompanhado as notas da Terezinha e sabe que são uma lástima. Veja que ela, coitadinha, até que tem tentado melhorar, mas sei que tem a cabeça meio fraca e precisa sempre que eu estude com ela. Outro dia, minha querida, tive de fazer aquele trabalho de geografia para ela, pois a pobrezinha parecia que ia morrer. Não podia deixá-la naquele estado. Até mandei que ela fosse descansar um pouquinho.

Eulália, vim aqui para ver se você não poderia conversar com os professores da pobrezinha, para ajudá-la, nem que seja um pouquinho, nas notas. Vê se o mau-

caráter daquele professor de matemática não dá a ela uns oito pontinhos, só para ver se ela passa. E também aquela jararaca da professora Esmália, que só sabe perseguir a minha coitadinha, corta-lhe a nota por qualquer coisinha, um trabalhinho não entregue, uma falta sem intenção, um caderno esquecido em casa. Êta mulherzinha mal amada aquela, talvez por isso persiga tanto a minha filha. Eulália, vê se você não nos dá uma ajudinha...

– Venância, você bateu em porta errada. O dever dos professores é ensinar. É de aferir o aprendizado e, através da nota, quantificar o desempenho do aluno. Veja que, a bem da verdade, a nota não é para nós um instrumento de punição, mas um indicador das necessidades e das suficiências de cada aluno. Assim, minha amiga, nestes casos eu não movo uma palha.

– Eulália...

– Venância, em nosso diálogo você utilizou as expressões “coitadinha” e “pobrezinha” várias vezes, e eu lhe pergunto: coitadinha e pobrezinha por quê? Ora, Venancia, você está matando a sua filha. Esta superproteção está levando a nossa Terezinha para a vala dos incapazes, dos vencidos, daqueles que nada constituirão na vida!

– Mas Eulália...

– Venância, não tem nem mais nem menos. Terezinha é uma menina que possui uma casa, um lar, senão o melhor, mas uma casa digna, pais, um quarto montado com todo o carinho, bons cadernos, bons livros, todos os dias observamos que ela tem recursos para a merenda, além de sempre estar com o uniforme em ótimas condições. Você sabe quantos alunos temos aqui que não possuem um terço das condições da Terezinha? Temos aqui vários indigentes, alunos que não podem sequer comprar uma bala na hora do recreio e brigam por um pedaço de

lápis ou um caderno para poder estudar e nem por isso os nossos professores são carrascos, déspotas ou maus professores. Veja que muitos deles tiram notas maravilhosas, apesar das lutas e das dificuldades. Sabe por que, Venância?

– Eulália...

– Porque eles não têm uma Venância para os superproteger e lhes dar tudo de mão beijada, porque assim eles valorizam suas menores conquistas, e vão tendo de se formar pessoas das superações, e não os fantoches. Eles não têm uma mamãezinha para vir à escola para pedir facilidades para eles. Sabe por que Venância?

– Mas Eulália...

– Porque os seus pais trabalham das primeiras horas da manhã até a noite para lhes garantir pelo menos o básico, e talvez por isso eles dão valor. A vida, minha querida Venância, não é para os fracos, para os tímidos, para os medrosos e muito menos para aqueles que somente navegam se estiverem ao sabor das facilidades, não... A vida não é um piquenique, uma festa, um desfile de modas ou de facilidades. A vida é uma experiência muito séria que requer capacidade de luta, destemor, coragem e determinação daqueles que são aguerridos e confiantes no trabalho.

– Eulália...

– Venância, hoje nós passamos a Terezinha de ano, amanhã ajudamos ela na matemática ou no português, e depois? Quem vai ajudá-la em uma sala solitária de vestibular, em um concurso, na fila para a seleção para um emprego? A vida é

passageira e amanhã quem irá ajudar a sua coitadinha?

– Eulália...

– Venância, se você pensa verdadeiramente nas possibilidades de sua filha, não fique passando a mão em sua cabeça, facilitando-lhe os desafios ou querendo alterar os rumos de suas conquistas. A vida não passa a mão na cabeça de ninguém e nem pára a fim de esperar o choro de ninguém. A vida sempre segue em frente, e infeliz daqueles que não aprendem a se levantar a cada queda, a lutar cada luta, a batalhar sempre e a avançar todos os dias. A vitória cabe apenas aos vitoriosos.

Venancia, se derramando em lágrimas, despediu-se de Eulália, vendo a sua frente uma megera. Entretanto, Eulália despediu-se dela feliz, pois tinha consigo a consciência tranqüila de que fizera o melhor. Aliás, quem tem ouvidos de ouvir que ouça.

– Próxima.

– Dona Eulália, vim aqui, mas não sei mesmo se é aqui que eu deveria vir.

– O que está acontecendo, Madalena?

– O Frederico, você sabe, o meu marido, pai da Dilza, do Felipe e do Antonio. Ele está andando com outra mulher. Minha filha, você não sabe o que estamos passando lá em casa. Ele não está nem aí para as coisas. Nós temos até passado

fome!

– Tenho notado, Madalena, os meninos mais tristes, e até mesmo com os uniformes mais sujos e desleixados.

– Pois é, dona Eulália, nós temos andado muito tristes, perdidos. Não sabemos o que fazer.

– Olha, Madalena, que vocês fiquem tristes é natural, que vocês vivam todas essas dificuldades, minha filha, também é natural, mas desleixo e sujeira não têm nenhuma relação com o que vocês estão passando. Você me faça o favor de cuidar da higiene e da limpeza dos meninos e mandá-los para a escola como sempre vieram, limpos! E olhe a você como está! O que você acha que vai resolver com todo esse desleixo? Vai trazer Frederico de volta? Você, andando muito limpa, cheirosinha, ainda assim ele está trocando você por outra, imagine, Madalena, você neste estado...

– Mas, Eulália, você sabe... é a tristeza!

– Madalena, defunto a gente só chora no dia, porque no outro dia, já é o dia do enterro. Daí para a frente a vida sempre continua. Você tem é que ficar bonita, alegre, elegante, e cada vez mais bonita, e não com essa cara de velório, de assombração de cemitério, pois isso não trará Frederico de novo. Olha, eu nunca me casei, mas conheço dessas coisas. Parece até que já vivi isso! Madalena, levante a alma, seja otimista, e abra o verbo com ele. Peça a ele para decidir entre você ou a outra. Se ele decidir por você, aí você o perdoa e segue em frente.

Errar todo mundo erra. Mas, se ele decidir pela outra, dê-lhe rapidamente a carta de alforria, pois casamento em regime de escravidão não traz felicidade para ninguém. Liberte-o. Que ele siga em frente, que seja feliz. Foi ótimo enquanto durou. Levante a cabeça e decida-se por você. Seja feliz e lute pela sua felicidade e a de seus filhos. Um casal forma uma família, mas, se alguém quer desertar, isso não quer dizer que seja o fim da família. Quem permanecer deve manter a chama acesa, manter a família, os ideais de felicidade, de amor, de carinho, de respeito. Seja você muito mulher para continuar mantendo a sua família! Olha, Madalena, tudo passa, nada é eterno. Nada é para sempre. Não fique querendo escravizar ninguém ao seu lado, não! Aliás, não temos o direito de manter à custa das algemas do orgulho e das vaidades um coração insatisfeito ao nosso lado. O vento que sopra para lá sopra para cá também. Quem sabe, com o tempo, você até não arruma uma pessoa boa, que a respeite, a ajude, participe de suas lutas e divida com você a felicidade?

– Você acha mesmo, Eulália?

– Acho não, eu tenho certeza, menina. Acredite você que eu tive muitos pretendentes e eu até que queria me casar, mas na hora “H” parecia que entrava areia e o danado me escapava! Eu acho que foi mesmo praga do primeiro. Ele gostava muito de mim, mas eu não gostava dele. Ele sempre falava que se eu não fosse dele não seria de mais ninguém!

– E você acha que foi por isso, Eulália?

– Não acho, mas para mim é mais conveniente pensar assim. Creio que não vim para essa vida para esse tal de casamento. Na verdade, acabei me casando com o magistério, com essa tal de pedagogia. Verdadeiramente, acho que me casei com esta escola e que minha família sempre esteve aqui. Minha família são vocês.

Elas se abraçaram. Madalena agora era uma outra pessoa, disposta a chegar em casa, a lavar, a passar todas as roupas, a cuidar mais de si e dos meninos e convicta de que Frederico, naquele dia, também iria escutar algumas considerações sobre os acontecimentos.

– As coisas lá em casa vão mudar, e vão mudar mesmo. Mudarão para melhor e ele vai ver!

Na realidade, ninguém reencarna para sofrimentos, padecimentos e sacrifícios dolorosos. Todos nós temos na reencarnação uma sublime oportunidade de crescer e de progredir. A reencarnação nos concede o espaço para a evolução. Sofrer é sempre uma opção pessoal. Posicionar-se no sofrimento é uma opção do ser. Podemos passar pelas lutas, pelos desafios, pelos momentos difíceis, rigorosos, da maneira que escolhermos. Uns optam pela superação, outros pela acomodação e muitos outros pelo fracasso. Ser feliz ou infeliz é sempre uma opção pessoal. Aliás, se assim não fosse, poderíamos considerar Deus um sádico, brincando de fazer sofrer os seus filhos, e bem sabemos que Deus é todo misericordioso. Aferimos isso na fala de seu Filho amado:

“Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes.” 1

Aleijões, cegueiras, paraplegias, doenças de todos os matizes não podem ser encaradas como mecânicas da vida para o nosso sofrimento. Encontramos um sem-número de companheiros que atravessam tantas experiências dolorosas, difíceis, sacrificiais, e ainda assim são muito felizes. Perguntemos a eles por quê.E, por certo, eles nos responderão que optaram por ser felizes, apesar de todas as suas limitações. Provas e expiações não credenciam ninguém ao passaporte para a infelicidade! Sejamos felizes sempre!

– Próxima.

– Senhor Vasco!

– Olha, dona Eulália, eu tinha de vir aqui hoje.

– Que bons ventos o trazem até a nossa escola?

– Na verdade, dona Eulália, há muito estou desempregado, e as coisas tem ficado cada vez mais difíceis. Não agüento mais ver os meninos e a Meire passando dificuldades, muitas vezes sem nem ter o que comer. Ficam doidos para vir para escola, pois aqui encontram colegas, e um dá uma coisa, outros dão outra coisinha aqui e ali, e assim vão remediando a fome. Até os cadernos eles ganharam dos colegas. Eu queria ver com a senhora como há de ser o ano que vem, pois daqui a pouco tudo começa outra vez, e não sei como vou fazer.

– Ora, Vasco, não fique preocupado, para tudo se dá um jeito. Eu vou conversar com umas pessoas aqui do bairro e, quem sabe, não arrumamos um trabalho para você. Todos os anos ganhamos algumas sobras de material, recursos das barraquinhas, das quermesses, um ajuda daqui e outro dali e a coisa vai indo. Nunca ninguém que quis estudar ficou sem estudar por aqui e não vai ser agora que alguém ficará sem estudar nesta escola. Fique tranqüilo. Outro dia, na secretária, eles até falaram na possibilidade de uma merenda escolar, para melhorar para os alunos. Veja, nada é garantido, pois política o senhor sabe como é. Mas vamos pedir a Deus para isso ir para a frente. Mas eu lhe garanto que os meninos vão estudar. Fale para a Meire passar lá em casa no fim de semana, pois eu estou com umas coisinhas para doar mesmo, e acho bom que seja para vocês, aí eu fico mais feliz. Vá com ela para que ela não tenha de carregar peso. É um arrozinho, um feijão, farinha, fubá, sal. Estão lá mesmo esperando alguém, e aí depois até vou lá na casa de vocês, em um domingo

desses, para almoçar. Estou precisando sair um pouco mesmo, Vasco, e já ouvi falar que a Meire cozinha muito bem.

– Isso é verdade, mas será que a senhora vai a casa de pobre?

– Quem é pobre aqui, homem? Vasco, diante de Deus não tem nem pobre nem rico, tem filhos de Deus, irmãos. E olhe, onde tem um arrozinho branco bem soltinho, um feijão desse pretinho mesmo e um franguinho, eu te juro que não dispenso. Você vai ver, irei lá almoçar, sim!

– Então, que Deus ajude a senhora!

– Abraços a Meire. Diga-lhe que tudo passa, e com Deus as coisas passam rápido!

– Próximo!

– Próximo!

Essa pedagogia, o banco das universidades não ensinam. Essa é a pedagogia da alma. É a pedagogia do Cristo! A pedagogia do amor ao próximo!

– Clarinda, como anda a matrícula dos novatos?

– Altamira, veja se a verba para consertar aquela porta do corredor, que está toda corroída vai mesmo sair. Ligue para a secretária e veja se chora, pois isso vai acabar caindo por cima dos meninos!

– Olha, a coisa não está nada boa lá para os lados da casa da Letícia, do Mauro e do Rafael. Gente, é fome mesmo. Se vocês conversassem com o pais, acho que chorariam, porque eu quase chorei.

– Mas isso não é novidade. Você só tem cara de brava e quem conhece esse coração não se engana!

– Quem tiver um arroz em casa, um feijão vê se dá para levar lá em casa antes de domingo, pois os pais vão em casa apanhar. Eu já me comprometi em dar o frango, que aliás vou lá comer e assim poder sondar melhor as condições da família.

– Comigo pode contar!

– Comigo também!

– Com euzinha aqui também, tenho umas coisas lá em casa!

– Pois é, precisamos, antes do fim do ano, fazer mais uma campanha, pois por certo irá faltar material escolar. Gente, a pobreza está grande, ninguém imagina...

– Claro que imaginamos! Nós estamos na sala de aula...

– Sim, quem está na linha de frente percebe mesmo.

– Nós temos visto, Eulália, que pouca gente tem caderno.

– Professor Ronaldo, o senhor que é bom de festa, tome as providências. Arrume um motivo e vamos dar uma festa rapidamente. Não podemos deixar nossos alunos mais carentes nessa situação!

– Claro, Eulália, pode contar comigo. Vamos fazer uma festa para o encerramento do semestre, e assim arrumamos verba.

– Graças a Deus, fico mais tranqüila!

– Eulália, tenho de me afastar. É a gravidez e já estou muito cansada com essa barriga toda!

– Sim eu sei, e até agradeço pelo seu esforço até agora. Gente, como vamos fazer?

– Ora, a Tânia e o Mauro vão cobrir o restante das aulas. Agora é mais passar notas e revisão de matéria. Fique tranqüila.

– Vocês são uns amores.

– Bom, agora, o melhor: conversei ontem com o secretário e ele me disse que a nossa escola está de parabéns, temos sido muito elogiados lá na secretaria e que ele está fazendo de tudo para que o nosso décimo terceiro saia pelo menos em três parcelas.

– Hum, tomara!

– Estamos precisando.

– Nossa, isso me ajudaria muito.

– Vamos rezar.

– Estão todos liberados. Amanhã cedo, se alguém puder passar lá em casa e me dar uma carona...

– Pode deixar que eu passo.

– Flávia, estou querendo é uma carona, e não uma “apezona”!

– Fique tranqüila, dona Eulália, passo lá e te apanho.

– Deus que me livre e guarde muito, professor Mauro, corro dessa tal de motocicleta como o diabo corre da cruz. Ainda quero viver muito. Eu não posso deixar isso aqui desse jeito, não. Este lugar ainda precisa muito de todos nós. Moto, professor, eu dispenso.

– Dona Eulália, bobagem, morrer se morre em qualquer lugar. Aliás, eu sou muito bom piloto.

– Dona Eulália não anda nesse negócio, não. Bem cedinho passo lá e apanho a senhora. Aliás, a senhora é a minha caroneira oficial mesmo. E o bom é que da senhora a Regina não tem ciúmes.

– E veja que ela deveria ter, pois uma solteirona na minha idade, meu filho, é perigo puro! Brincadeira!

Todos se despediram alegres. Felizes pela satisfação do dever cumprido. A alegria é própria dos corações que realmente percebem a beleza de seu papel perante a vida e a grandeza de seus compromissos perante o futuro.

Bendito Magistério! Bendita pedagogia! Lábaro bendito, espaço abençoado das grandes remissões, território onde a amorável presença de Jesus opera a reconstrução das almas, redirecionando-as para as estradas benditas da Fraternidade Universal. Forja das almas!

Eulália ficara lá, pois ainda precisava preparar algumas coisas. Ao seu lado, Yvanovick e Marquezano observavam aquela alma que eles aprenderam a

admirar e a amar. Estavam igualmente felizes, pois amavam ver Eulália feliz, adoravam ver a escola progredir, avançar, dar ares de renovação e, para isso, eles não desgarravam dela nem um pouquinho, assistindo-a diuturnamente. Eles não lhe faltavam em momento algum.

Nunca estamos sozinhos, por mais solitárias que pareçam as cenas de nossa vida. Estamos sempre cercados de companheiros que, junto de nós, possuem responsabilidades afins, que somam conosco e contribuem para que o nosso êxito seja alcançado. E o otimismo, a força e a vontade de dona Eulália facilitavam em muito esse intercâmbio direto. E, assim, aparentemente sozinha naquele casario, dona Eulália começou a arrumar as gavetas. Aliás, há muito elas mereciam mesmo essa arrumação. E rasga papel daqui, as velhas anotações dali, jogam-se fora registros caducos, e limpa uma gaveta daqui, e desocupa outra dali... Aquela sala de diretoria, aos poucos, foi tomando mesmo ares de diretoria, pois sempre viveu em grande bagunça, uma atrapalhação só.

Ela foi lá nos fundos, pegou a vassoura e varreu, varreu a seu gosto, bem ao seu estilo, e mudou um móvel daqui para lá, de lá para cá, arrumou os livros na estante, colocou água na velha bilha, assentou-se em uma já surrada poltrona e ali permaneceu por horas a fio.Assim, olhava carinhosamente para aquelas paredes, lembrando o dia em que entrara ali pela primeira vez, como uma professorinha vinda do interior, toda medrosa, toda tímida e insegura. Sentiu ali novamente o mesmo frio na barriga, lembrando-se de quarenta anos atrás. Engraçado, por que ela não seguiu o caminho dos irmãos e não fizera o gosto dos pais? Por que não fora como os irmãos, médicas, advogado? Por que fora cair justamente ali? E em sua tela mental passou a reconstituir o dia em que entrara naquela sala pela vez primeira. Ela era a nova diretora, recém-nomeada para aquela escola, carregando consigo os arroubos dos primeiros dias e muitos planos, o desejo de modificar o mundo.

Muitas coisas se passaram e muitas mudanças foram feitas, mas se podia facilmente avaliar que quem se modificara de fato fora ela. Ela sentia naqueles instantes que realmente crescera muito, que aprimorara conceitos, tornando-se

mais experiente, mais madura, mais consciente das realidades. Aquilo ali era um buril de pedra dura, mas que fizera com que ela ganhasse novos contornos, e contornos muito mais dinâmicos e arrojados, que deram a ela uma nova forma.

Recordava-se, também, dos muitos dias ali vividos, das muitas lutas, das confusões, das perseguições políticas, das dificuldades! E ali, naqueles instantes solitários, as lágrimas puseram-se a cair de suas faces. Lembrava-se das humilhações e das perseguições que foram vividas dias após dias no exercício das atividades que a vida lhe confiara. Lembrava-se da morte de Mariângela, a professora querida, vítima de um câncer dolorido; da Fátima, atropelada quase em frente ao educandário; de Paulo Maurício, consumido pelas drogas; de Robinho, o menino que desaparecera como por encanto e que, passados mais de vinte e dois anos, ainda consumia o imaginário de tantos quantos o conheceram.

Assim, ela passou as mãos pelo rosto já descarnado e macilento, acabando com resto da pintura que ainda lhe sobrara na correria do dia, em um esforço de desfazer as marcas das lágrimas. Pouco a pouco, ela começou a juntar os seus pertences para retornar ao lar. Havia sido um dia muitíssimo produtivo, como todos os dias vividos até ali. Bendita Escola!

Yvanovick e Marquezano ali, juntos a Eulália querida, também deixaram correr pelo rosto lágrimas da admiração, do agradecimento. E assim, abraçados a Eulália, sugeriram-lhe uma prece, e ela imediatamente aceitou a influenciação.

Como alma católica que era, muito devotada a sua fé, uma grande aliada de Maria de Nazareth, ela orou com fervor uma Ave-Maria, deixando transbordar de seu coração todo o seu sentimento, todo o seu agradecimento e todo o seu amor por aquela que era o luzeiro de seu coração. Quando o trabalho se une à fé, ele constrói maravilhas!

Imediatamente, enquanto Eulália orava, todo o ambiente fora inundado de safirinas luzes, pétalas de rosas desciam sobre ela, em um quadro de rara beleza. A um canto, a imagem da Virgem de Nazareth, ali simbolizada por Nossa Senhora das Graças, parecia transluzir de forma sem igual. Nos dias mais difíceis de sua experiência naquele educandário, era ali que ela se recolhia e buscava forças para enfrentar os desafios diários. Sem dúvida, ali existia realmente uma imagem de gesso, mas que a fé transformava em uma referência de forças, em um eixo maravilhoso de sintonias positivas. Muitos ainda precisam desses recursos para se sentir vivos e pulsantes na fé.

Ela colocou as mãos sobre a imagem e lhe acariciou como se realmente estivesse acariciando a mãe do Senhor. Daquele coração expandiam chispas de humildade, de fé, filigranas de luzes da mais alta devoção. Aquele quadro tocaria qualquer coração. Desceu as escadas, passou pelo extenso corredor e despediu-se do senhor Antonio, o vigia que morava nos fundos do educandário.

– Senhor Antonio, até mais!

– Inté, dona Eulália. Hoje a senhora passou da hora, né mesmo?

– Sim, estava muito atarefada, meu amigo, precisando colocar umas coisas no lugar...

– A senhora quer que eu desça até lá embaixo com a senhora, assim apanha o ônibus mais tranqüila? E tá carregando muita coisa, posso ajudá-la?

– Quero sim, tenho um pouco de medo de ficar andando sozinha. O senhor pode me ajudar a levar essas coisas? São umas cortinas que comprei de dona Laura e

que há muito tempo estão aqui. Preciso levá-las, já é hora de colocá-las em casa...

– Pode deixar, dona Eulália, levo para a senhora.

Assim, aquelas duas almas que se fizeram amigas no curso das décadas, desceram caminhando, a conversar alegremente. Não havia ali o distancia-mento das posições profissionais nem sequer os arroubos sociais.

Antonio se sentia prestigiado e feliz por estar servindo a amiga e diretora da escola, e Eulália ficava feliz por se sentir segura ao lado daquele amigo de tantos anos, e que tanto se importava com a sua amizade e segurança.

---

1 - Mt 12,7.

Capítulo 12

A cidade continuava a sua marcha de todos os dias. Uma chuva fininha já se fazia presente naquele início de noite, apanhando muitos desprevenidos que se escondiam apressados por entre as marquises.

Aquele vento quente ia pouco a pouco sendo substituído por uma aragem fria, e isso fazia com que as ruas se esvaziassem mais rapidamente. Eram tempos de fim de ano e as luzes do Natal já se faziam notar aqui e acolá, deixando a cidade mais linda e envolta em um clima diferenciado. Afinal, era Natal!

Estávamos próximos das vinte horas. Várias Casas Espíritas iniciavam suas atividades, e muitos companheiros para lá se dirigiam no sentido de participar dos trabalhos. Em todos os lugares observava-se um momento de alegria, de compa-nheirismo, o prazer do reencontro, o que dava a esses grupamentos o sentido de equipe, equipe familiar movimentadas no bem comum. Aos poucos, iam chegando e se acomodando em seus lugares, movimentando harmoniosas preces, em razão das responsabilidades previstas para mais aquela noite.

Nos salões onde o público era esperado e recebido, as movimentações eram intensas em todos os lugares. Companheiros ávidos pelo lenitivo do atendimento, carregando consigo suas ulcerações, e outros levando consigo apenas a gostosa expectativa da palestra a ser proferida em mais uma noite.

As colunas espirituais já se faziam presentes havia muito. Eram companheiros protetores acompanhando os seus assistidos, coordenadores espirituais das muitas tarefas, auxiliares de toda ordem e um sem-número de irmãos desencarnados lotados nos mais complexos pontos da experiência extrafísica.

Mas quem se destacava mesmo eram os companheiros ali encaminhados para ser assistidos, perseguidores malévolos, obsessores de difícil lida, indigentes, suicidas e uma enorme massa de futuros reencarnantes que eram matriculados naquelas escolas para o aprendizado espiritual, considerando as responsabilidades que trariam consigo.

Toda a máquina já estava a postos. As equipes encarnadas e desencarnadas já estavam no local. Médiuns, doutrinadores, equipes de sustentação e dirigentes já estavam em seus lugares se preparando mentalmente para as tarefas previstas para mais aquela noite.

Quanto mais ia se aproximando as vinte horas, mais as luzes irradiantes tornavam-se presentes naquele ambiente. Se vistas por cima e ao mesmo tempo, observaríamos vários pontos maravilhosos de luz ligando toda a cidade, e uma ampla movimentação no campo espiritual dando ares de uma imensa metrópole. Vinte horas! A pontualidade é tudo.

Era como se em vários pontos daquela cidade explodisse uma saraivada de fogos, iluminando maravilhosamente o céu, chamando a atenção dos olhares mais distraídos. E como se esses fachos se estendessem até a imensidão do espaço, ligando as casas espíritas às colônias espirituais que faziam-lhe maior vínculo a cada noite.

As orações geradas em cada atividade no interior de uma célula espírita, movimentadas pelas várias atividades, juntavam-se formando luzes e coloridos maravilhosos nas instituições, e essas, por sua vez, unindo-se a outras, construíam uma teia de intraduzível beleza. Infelizmente, podíamos ver também locais escuros em que a fé espírita era também trabalhada, mas onde as vaidades, as disputas internas, as brigas, o desleixo pelas tarefas ainda estavam presentes. Mas, ainda assim, de lá também fluíam esparsas chispas de luzes que se uniam

acanhadamente a outras chispas mais volumosas.Eram vibrações de corações enobrecidos que, embora estivessem inseridos naqueles pontos negros, sua simples presença fazia com que aquelas instituições ainda se mantivessem ativas, apesar das muitas dificuldades. Corações nobres, muitas vezes situados ali como postos avançados da misericórdia para um trabalho nobilitante de recuperação.

Todas aquelas instituições estavam ligadas por um halo de prata de brilho intenso. Na verdade, eram vibrações emanadas por espíritos maravilhosos a marcar as grandes conquistas espirituais, companheiros que estavam comandando pessoalmente o “Projeto Misericórdia I”. Estavam encarregados de desativar o temido grupo de Tatá da Roda Negra, que naquela altura já estava em franca execução.

As responsabilidades se multiplicavam à medida que outros projetos também estavam em andamento e não podiam ser abandonados. Tinham eminente importância. Tudo pode esperar! Tudo tem o seu tempo próprio e o seu momento exato. Tudo segue as prioridades que emanam do mais alto e que ditam os acontecimentos. A vida não é uma nau perdida no oceano do acaso. Tudo tem a sua hora, o seu momento e se encaixa perfeitamente no grande projeto da Fraternidade Divina.

Amigo leitor, não se permita o medo, e muito menos as crises de ansiedade. Afasta de ti as angústias que mais não fazem do que dilacerar o seu equilíbrio pessoal. Existe tempo para tudo! Saiba viver o tempo das coisas humildemente. Reeduque-se, harmonize-se, seja fraterno consigo mesmo. Tenha sempre mais fé, e aquilo que hoje não entendes, não faça disso uma batalha, uma pugna interior dilacerante e doentia.

Leitor querido, aprende a trabalhar com o tempo, dê tempo às coisas e aos acontecimentos.Irmãos e irmãs queridos, não se esqueçam de que nos projetos do Senhor Deus existe tempo para tudo, e que a sabedoria está justamente em

saber viver o tempo das coisas no instante do agora, bendizendo as experiências que a vida te propõe.

Tenha certeza de que os acontecimentos que o cercam hoje muito provavelmente são os melhores que poderiam ser disponibilizados para o seu crescimento. Amigos, trabalhemos melhor o tempo!

Já era madrugada e a cidade silente e calma mostrava ainda uma movimentação espiritual fora dos níveis de normalidade. Eulália em sua casa modesta entregara-se ao sono ainda muito cedo. Tomara os seus remédios como de forma habitual. Fora ao seu santuário pessoal e rezara por longos minutos, feliz pelas conquistas daquele dia que terminava, e atenta às necessidades do dia que já se avizinhava. Tinha a certeza de que teria de levantar bem cedinho, pois logo o professor Mauro estaria lá para apanhá-la, e o que ela menos gostava era de deixar pessoas esperando.

Tão logo se desvencilhou do corpo, ela recobrou a consciência espiritual e se viu cercada por uma agradável surpresa, como muito costumeiramente acontecia. Era dona Maricotinha, sua querida madrinha. Lá estava ela assentada ao lado de seu leito, dando-lhe as boas-vindas e convidando-a para as excursões espirituais.

– Eulália, que Jesus te abençoe!

– Madrinha, como é bom reencontrá-la sempre. Muitas vezes tenho ânsia de sono para poder gozar esses momentos por mais tempo.

– Eulália, minha menina, hoje é um dia especial, e trago surpresas para você, concentre-se bem e veja.

– Momentaneamente, aquele quarto fora pouco a pouco se iluminando e outros personagens puderam participar diretamente da cena.

– Mamãe! Papai! Mariangela! Padre Anselmo...

– Eulália, eu; Florípedes, sua mãe; seu Carlito, seu pai; Mariângela, a boa professora; e padre Anselmo trouxemos para ti estas flores!

– Que lindas flores! As deixarei depositadas aos pés de Nossa Senhora das Graças. Sim, talvez seja mesmo o melhor lugar.

– Filha querida, quantas saudades, mas quantas alegrias em vê-la devotada às causas do magistério, ao vê-la vencendo bravamente os planos de Jesus para a sua vida...

– Eulália, permita-me abraçá-la. Que saudade, minha querida filha! Esperamos ansiosos por este reencontro e por estes momentos, e agradecemos a Jesus por poder encontrá-la vitoriosa...

– Meus pais, se me encontro hoje vitoriosa, talvez deva isso em grande parte a vocês, que me aproximaram da fé que sustenta e do trabalho que enobrece a alma, porque vocês me ensinaram o caminho mais próximo para o êxito espiritual. A responsabilidade!

– Minha diretora querida, quanto sou agradecida por sua presença em minha

vida, principalmente naqueles momentos difíceis, mas sobretudo necessários para o meu crescimento. Quanto foi importante a sua presença junto a mim, junto de minha família. Tudo isso, pode acreditar, ficou escrito no livro de minha alma e jamais será esquecido.

– As duas se abraçaram entre lágrimas. Era a satisfação do reencontro de almas que se fundiam no amor...

– Eulália, temos ainda outra surpresa.

– Mas outra surpresa, quem seria?

– Veja.

– Galvão! Meu querido, que maravilha! Saiba que jamais te esqueci e que sempre estiveste presente em minhas lembranças. Confesso-lhe que namorei contigo por várias noites em que me encontrava solitária, mergulhada em minhas saudades e nas minhas mais ternas lembranças. Dia a dia eu lutava comigo mesmo, amaldiçoando aquela tuberculose que tirou de mim.

– Eulália, aquele era o tempo dos resgates, dos sofrimentos, da limpeza tão necessária e emergencial. Minha querida, tudo pode esperar! Preferencialmente que se cumpram os planos de Deus.

Assim, aquelas almas se abraçaram ali, de coração para coração, soldando sentimentos durante alguns instantes, demonstrando uns para com os outros que

o amor jamais passa. Ele é eterno. A lápide fria que sepulta o corpo jamais sepulta a alma. Por isso mesmo os sentimentos jamais morrem.

– Eulália!

– Diga, madrinha.

– Observe ali aqueles nossos outros irmãos...

– Sim, eu já os tinha visto. Estão ali dando mais alguns remendos neste corpo já fatigado, talvez para que eu possa continuar suportando as lutas de mais dias...

– Não, Eulália! Eles estão ultimando o seu desligamento. Partes hoje conosco e vamos daqui para novos campos de luta que nos esperam, novos desafios estarão pela frente. Eulália, a vida continua!

– Mas, madrinha, como deixar o colégio...

– Filha, tudo pode esperar! Outros continuarão a sua tarefa. E o colégio, muito provavelmente, continuará cumprindo o seu objetivo. Filha existe um tempo para tudo.

Naquele instante, Eulália sentiu um profundo estremecer em suas entranhas e fora amparada pelos presentes, contudo sentiu-se imediatamente mais leve e mais tranqüila. Caminhou pelo quarto como a se despedir de tudo, olhando cada

objeto, cada pertence. Via agora o vestido deixado sobre a cadeira para o trabalho do dia seguinte, a toalha que se esquecera de pendurar e os sapatos ainda molhados que deixara recostados ao fundo... Aproximou-se daquele corpo já inerte e que, pouco a pouco, ganhava contornos cadavéricos pela ausência do sustentáculo espiritual. Ela se debruçou sobre ele e chorou... Ela o abraçou amorosamente e deixou cair sobre ele grossos fios de lágrimas que emergiam da alma terna e agradecida. Agradeceu a Deus, a Jesus e a sua Nossa Senhora das Graças pela bênção da vida, por aquele corpo. Lembrou-se do colégio, dos alunos, da reunião extraordinária que havia feito com os professores no dia anterior... Lembrou-se do professor Mauro, que logo mais estaria buzinando lá fora para conduzi-la à escola. Precisava avisá-lo! Em fração de segundo, sentiu-se transferida para o quarto do professor Mauro, e ali ambos se abraçaram e ela lhe disse:

– Amigo, já não preciso mais de sua carona. Agradeça e despeça de todos por mim... Olha, e chegando a minha casa não deixe aquele corpinho jogado por lá, tome providências. Entre lá e cuide bem de tudo.

Novamente ela retornou ao seu antigo aposento. Na entrada foi abraçada calorosamente por Yvanovick e Marquezano.

– Eulália, ficamos apavorados quando outros companheiros chegaram lá na escola nos dizendo que tinham vindo para nos substituir, que a nossa tarefa ali estava terminada, e dali em diante a escola viveria outros tempos, novos projetos... Veja você que chegamos a recusar totalmente o aviso, quando fomos informados de que você também já estava desligada e que nós tínhamos de ir. Tínhamos de seguir adiante.

Tudo passa. Tudo sofre as alterações necessárias no caminho do tempo. Tudo atende aos amplos processos das transformações, e assim entendemos que todas as nossas urgências também podem esperar. Tudo pode esperar!

Assim, aquela caravana de amigos partia dali. Eles iam agora rumo a um novo desafio na grande pauta do progresso espiritual!...

A manhã se abria de forma agitada. Àquelas horas, ainda bem cedo, a agitação marcava os momentos iniciais daquele dia.

Ainda assim, a barulheira se multiplicava por todos os cantos, e principalmente as buzinas e o ruído estridente dos motores davam as notas de um dia que mal acabava de começar e já se fazia confuso e bastante agitado.

Coisas das grandes cidades, produto do acúmulo de mentes ainda totalmente descompromissadas com os imperativos da harmonia, resultado de uma disciplina que ainda se encontra pouco desenvolvida nos corações humanos neste largo trânsito entre a primariedade e a angelitude.

Assim, as filas duplas se multiplicavam por todo o percurso. Os carros mais pareciam habitantes de um grande formigueiro, espremendo uns aos outros, como se competissem pela busca ávida do melhor espaço. Todos procurando maior rapidez em suas ações e que lhes satisfizessem a pressa, movimentando-se nos mais íntimos refolhos da desorganização pessoal.

E, para piorar esse imenso caos, de vez em quando tudo parava por longos, intermináveis e irritantes momentos. Aí, sim, é que verdadeiramente se podia ouvir o barulho ensurdecedor das buzinas.

D. Eulália faleceu!

D. Eulália faleceu!

E assim passam os dias. Nada é para sempre.

Tudo seque inexoravelmente os planos de Deus. Tudo atende maravilhosamente aos projetos de Jesus para a evolução terrena. Nada se afasta dos projetos universais previstos para a evolução coletiva e individualizada.

É do tempo. É o tempo.

Querido leitor, realmente tudo pode esperar!

Muita paz, muitas alegrias para o seu coração.

Muito obrigado!

Que a Fraternidade seja sempre o elo luminoso a interligar os nossos corações e que Jesus seja para sempre louvado.

Paz e alegria.

Palminha.